

1876

MARÇO

F. 1.



ENSAIOS
DE
SCIENCIA

POR
DIVERSOS AMADORES

I

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEENGA	1
OS SAMBAQUIS	79
ANTIGUIDADES DO AMAZONAS	91

RIO DE JANEIRO

BROWN & EVARISTO, EDITORES

53 Rua da Quitanda 53

1876

1876

MARÇO

F. I.



ENSAIOS
DE
SCIENCIA

POR
DIVERSOS AMADORES

I

APONTAMENTOS SOBRE O ABAÑEËNGA.	1
OS SAMBAQUIS	79
ANTIGUIDADES DO AMAZONAS.	91

RIO DE JANEIRO

BROWN & EVARISTO, EDITORES

53 Rua da Quitanda 53

1876



SENHOR

Tomamos a liberdade de offerecer á Vossa Magestade Imperial estes opusculos, dados á luz com o intuito de tornar conhecidos alguns estudos, feitos em horas vagas dos labores obrigatórios, e ousamos esperar venia para inscrevermos na nossa dedicatória o Augusto Nome de Vossa Magestade Imperial.

É o tributo de homenagem devido, não ao primeiro cidadão collocado no fastigio da hierarchia social, mas ao cultor das sciencias e das letras, protector de toda e qualquer ideia util ao engrandecimento da patria, e propugnador do progresso, quer material, quer moral e intellectual do vasto Imperio sul-americano.

Guilherme Schüch de Capanema.

Baptista Caetano d'A. Nogueira.

João Barboza Rodrigues.

Á

SUA Magestade Imperial

O SENHOR D. PEDRO II

COM VENIA

são offerecidos e dedicados estes Ensaios.

Aos que lêrem

A presente publicação é um ensaio sem pretensão alguma, com o fim unico de reunir e aproveitar trabalhos feitos em horas vagas, como mero passa-tempo; muitos dentre elles nem mesmo poderão ser limados convenientemente.

Irão apparecendo sem regularidade, porque frequentemente acontecerá haver escassez de tempo para coordenar e ligar material espalhado, para completar uma ou outra cousa, até mesmo para revêr o escripto.

Estes trabalhos não têm periodos certos, nada têm de obrigatorio e sahirão á luz quando houver materia para completar o folheto. Por isso mesmo não podem adimittir-se assignaturas e a publicação é supportada pelos contribuintes de combinação com os editores que os põem á disposição de quem por elles se interessar no mercado.

Nestes *Ensaio*s póde alguma cousa haver de bom, porque são estudos de observação, descriminação de factos confundidos, ou mal interpretados, e investigação de novos. Aceitamos collaboração de outros amadores, mas recusamos tudo quanto fôr pura e simples reproducção de leitura.

Em taes condições seria conveniente apresentar os estudos á um jato circulo de leitores que os podessem julgar, visto que no Brasil é ainda muito resumido o numero dos que se occupam com taes investigações; isto, porém, obrigar-nos-ia á escrever em lingua estranha, e incorreríamos em falta grave que muitas vezes temos censurado; poucos são aquelles que procuram enraizar sciencia no Brasil.

Sacrificamos a oportunidade de adquirir alguma nomeada fóra, ao desejo de localisar a sciencia no torrão natal, de nacionalisal-a, lembrando-nos das palavras de Agassiz:

« As producções intellectuaes de um cidadão não são de sua propriedade, pertencem á patria. »

Ha nisso alguma vaidade, que talvez não seja proveitosa á nós, porém, aos piratas scientificos que se prevalecem da circumstancia de ser pouco conhecida a lingua portugueza, para nos defraudarem dos nossos pequenos achados.

Se por ventura encontrarmos quem nos acompanhe no terreno que pisamos, teremos até prestado um serviço em abrir caminho.

D'entre os nossos patricios são poucos os que têm os *conhecimentos fundamentaes* necessarios para se entregarem ao estudo da sciencia como distracção nas horas que não são destinadas á aquisição do pão; desejamos que muitos outros a adquiram, pois só está apto á saborear o prazer da sciencia quem á ella se entrega por gosto, quem vê passarem-se horas seguidas sem enfado, occupado com algumas hervas, algumas amostras de pedras, com o microscopio armado sobre um bahu, estudando alguma alga, musgo ou lichen, arranchado debaixo de uma coberta de sapê ou de guaricanga, longe da civilisação. O que ama a sciencia prefere ás palestras dos salões o *mauari* do sertão onde com uma pasta sobre os joelhos e um lapis pinta ou descreve os mimos da natureza.

Aos amigos da litteratura ligeira é desconhecido o prazer de conversar com os matutos e de colher do povo dos nossos sertões noticias miudas sobre usos e propriedades de plantas, indagando a significação de palavras de uma lingua prestes á esvaecer-se com os ultimos descendentes dos que a fallavam, e que nós viemos supplantar e aprendendo tantas cousas interessantes com os roceiros, esses bons observadores.



APONTAMENTOS

SOBRE O

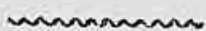
ABANÊNGA

tambem chamado

GUARANI OU TUPI

OU

Lingua Geral dos Brasis



Primeiro Opusculo

Prolegomeno.

Orthographia e prosodia.

Metaplasmos.

Advertencia com um extracto de Laet.

PROLEGOMENO

Não ha ainda muito tempo que no Brasil tinha-se o TUPI na conta de lingua differente do GUARANI.

Hoje mesmo por pequenas differenças de pronunciação e por se acharem aqui vocabulos que não são usados acolá, querem differencar TUPI AUSTRAL de TUPI BOREAL e levam talvez adiante a subdivisão imaginando um TUPI ORIENTAL, outro CENTRAL, etc.

Procedendo por esta maneira tambem poder-se-hia differencar portuguez fallado em Portugal, de portuguez fallado no Brasil, e este em lingua de paraense, de carioca, de mineiro, de paulista, etc. Porque na realidade o GUARANI não se differença do TUPI senão tanto quanto o portuguez fallado pelos nascidos na Europa differe daquelle que falla-se no imperio americano.

Se assim acontece em relação ao GUARANI e ao TUPI que são uma e a mesma cousa, não será mais de estranhar que levassem á mais de milhar o numero das linguas americanas, multiplicando-as sem criterio nem exame, e fazendo de conta que cada tribu

que se encontrava com um nome differente, tambem tinha a sua lingua diversa. Applicando ao portuguez esse processo podia-se dividir a lingua fallada no imperio, não só em tantas quantas são as provincias ou outras circumscripções territoriaes, mas ainda em linguas dos Gonsalos, dos Mottas, dos Albuquerque, dos Souzas, segundo os nomes das familias.

Os trabalhos monumentaes que os sabios investigadores dos segredos da linguagem tem executado nos tempos modernos protestam contra este systema ou antes mania de multiplicar inconsideradamente as linguas.

E tal é a valentia e profundeza desses trabalhos que já não é o parentesco do espanhol e do portuguez o que se investiga e o que se demonstra.

O portuguez, o espanhol, o italiano, o provençal, o francez e o valachio por muito differentes que sejam hoje em dia, embora seja difficil que o que falla um desses idiomas possa perceber aquelle que falla outro qualquer dos co-irmãos, e lhe seja necessario aprender a lingua como inteiramente differente, estão hoje reconhecidos como provindos da mesma origem, são considerados como pertencentes á lingua romanica que se filia á latina e á grega.

Ainda mais. Entre linguas inteiramente differentes confrontadas á primeira vista, como o allemão com qualquer das linguas romanicas ou com o armenio, a investigadora sagacidade dos sabios vai descobrir os laços de parentesco. Das linguas já irmanadas em familias formam grupos, que são outros tantos ramos derivados de um tronco commum e á final chegam á constituir a grande arvore das linguas indo-germanicas á qual se filiam tambem o grego, o zend o sanskrit, etc.

O que acontece no mundo antigo é natural que se dê também na America, porque a natureza não gosta de excepções, e opera sempre em virtude de leis permanentes e geraes. Perante um estudo consciencioso as milhares de linguas attribuidas á America têm de ser reduzidas á muito limitado numero, talvez filiadas ás do mundo antigo, e á tronco quasi unico.

O douto abbade Hervás no seu *Catalogo de las lenguas*, diz que não obstante ser grande o numero e a diversidade dos idiomas fallados pelas nações indigenas das duas Americas, á onze se reduziam as linguas principaes espalhadas pela maior parte do Novo Mundo. Destas onze, pertenciam á America do norte sete, de modo que vem á ser só quatro as que predominaram na America do sul, as quaes são a ARAUCANA, a GUARANI, a KECHUA e a KARIBE.

Entre estas quatro linguas, segundo Hervás predominantes na America meridional, se não puder-se affirmar em absoluto que existe algum parentesco e affinidade, pelo menos é licito dizer-se que dá-se muita connexão no modo de formar e construir a phrase; e que ellas estiveram em estreito contacto umas com as outras deprehende-se do facto de se achar não pequeno numero de vocabulos e dicções communs á todas, ou pelo menos communs á duas.

Alcide d'Orbigny identifica o CARAIBA com o GUARANI, e citando o TESORO DE LA LENGUA GUARANI, de *guarini* guerreiro faz derivar *guarani*, *galibi*, *garibi*, *caribe* e *caraiba*, e reputa esses nomes apenas corruptions do primeiro.

O CARAIBA por ter alguns sons inteiramente diversos dos do GUARANI e por lhe faltarem outros que existem nesta lingua não se poderá considerar á rigor dialecto d'elle, mas é innegavel que tem parentesco

com a chamada LINGUA GERAL, que é talvez idioma comum ; pelo mais perfunctório exame das duas linguas conclue-se que as tribus que as fallavam tiveram estreitos contactos, em paz ou em guerra, o que confirmam as tradições dos primitivos incolas, e as noticias que foram dadas por diversos exploradores principalmente dos primeiros tempos da descoberta.

É significativo este nome de CARAIBA ou CARIBE que se encontra por toda a parte não só na America do sul, mas até na do norte, com diversas variantes mas conservando os vestigios do radical e mantendo significações correlatas. O radical *kara* corre parellhas com os vocabulos da lingua geral, *tab*, *tupi*, *tamôi*, *tupã*, *gua*, *guay*, *guaya*, *pará*, que semelhantemente se acham diffundidos por toda a parte, denunciando apezar dos pezares, uma communiidade de origem ou pelo menos relações intimas das differentes gentes que possuem esses vocabulos no seu idioma.

Na republica jesuitica das Missões *karaib* designava em geral o homem branco, e applicaram-no aos europeus. Ainda hoje no Paraguay designam os descendentes de indios ou indias puros por *abá* e os brancos, os europeus por *karaí*. Ao presidente da republica, aos generaes, etc., dão o tratamento de *xe-karaí-guasú* — meu grão senhor, e mesmo no tratamento civil dirigem-se ás pessoas gradas com o *xe-karaí* — meu senhor. Os restos de OMAGUAS e TUPIS que ainda andam errantes nas margens do Amazonas e seus tributarios em vez de *xe-karaí* dizem hoje *xe-iara* ; mas agora mesmo chamam ao homem branco *cariua*. Em tempos anteriores os TUPIS da costa serviam-se do termo *karaib* para designar cousa excellente, ente superior, por *karaiba* eram conhecidos uns profetas ou sacerdotes de caracter mais elevado que o *paijé*, e logo no começo

quando os primeiros catechistas começaram a pregação de doutrina na LINGUA GERAL designaram os anjos por *karai-bêbê* (ente superior volante).

Como já se viu filia-se á este vocabulo o nome dos GALIBIS e CARIBES, isto é, o nome mais geral das tribus de *Tierra-firme*, das Guyanas e das ilhas do golpho Mexicano.

Em KECHUA não se acha a expressão *karaib*, mas acha-se *ccari* varão, varonil, o que não deixa de ter importancia em paralelo com *kará-kará-retama* que Antonio Ruiz dá no TESORO para designar-se o Perú em lingua de paraguay. Litteralmente *kará-kará-retama* não se póde interpretar senão por *patria dos esforçados, paiz dos guerreiros*. Parece que os que fallavam a LINGUA GERAL chamando ao homem branco *karaib* e ao Perú *kará-retama*, entendiam que dalli daquellas altissimas montanhas tinha descido algum povo de côr branca, esforçado, destro e habil, pois ha tambem no TESORO do Padre Ruiz o adjectivo *karár*, que quer dizer habil (*versutus, peritus* e mesmo *sapiens*).

Importa ainda vêr que *ccára* em KECHUA designa dar de comer, donde vem *ccarak* — el que dá de comer (*suppeditator, conridator, hospes* e mais amplificado *pater-familias*.) o que lembra o *Moussacat* que Lery define *le bon père de famille qui donne à manger aux passans*. Por um lado ou por outro póde-se pois chegar ao vocabulo *karaib* — *bocablo con que honraron á sus hechiseros universalmente y asi lo applicaron á los españoles y muy impropriamente al nombre christiano y á cosas benditas*, diz Antonio Ruiz.

Em ARAUCANO apparece *cara* — *pueblo, fuerte, cidade* (calepino de Febres), e admittindo por um instante que com um termo estrangeiro se construa um vocabulo

proprio (o que não é raro) ficaria litteralmente em LINGUA GERAL : *kara-yb* — *urbis dux, oppidi magister*.

Assim, nas quatro linguas principaes da America do sul apresenta-se esse vocabulo mais ou menos reconhecivel nas suas transformações, designando o mesmo predicado de eminencia, cousa saliente, ou importante.

Não fica ahi. O abbade Brasseur de Bourbourg na sua *Dissertation sur les Mythes de l'Antiquité Americaine*, fallando dos guerreiros caraibas, que elle suppõe originarios da America do norte, e invasores da do sul pelo isthmo de Panamá, nota que os *caramari* de Cartagena gabavam-se de pertencer á valente raça dos *caraïbas*, e mais adiante observa que ficaram subsistindo por muitas partes as denominações *cara*, *cari*, *coro*, *cali*, etc. Elle cita Rochefort que dá *caribe* significando guerreiro, e observa que *cará* no sul originariamente era como que um titulo honorifico que se outorgava aos chefes que se tinham distinguido por accção de brilho, e acrescenta que nesse nome, que significava para elles o homem por excellencia, manifestava-se o orgulho de uma raça poderosa e bellicosa.

Mas tornemos ao que importa sobre a generalidade da lingua fallada pelo maior numero de indios do Brasil e do Paraguay.

Das quatro linguas que predominaram na America do sul, a que se propagou por maior extensão territorial, a que era entendida e fallada por sobre mais de dous terços da superficie do continente meridional, é aquella que foi denominada com toda a razão LINGUA GERAL e que se designa ora por GUARANI, ora por TUPI, e que com o fim de abranger ambas com os dialectos, quaesquer que haja, dellas derivados, será chamada nestes opusculos pelo nome de ABAÑEÊNGA ; tal é a denominação que lhe dão os paraguayos, os quaes ainda

hoje a fallam se bem que já muito deteriorada pelo esquecimento da antiga construcção e pela introduccão não só de vocabulos, mas de phrases á espanhola, que demudaram quasi completamente a sua syntaxe e lhe deram um torneio inteiramente ávesso á sua indole.

Que esta lingua foi a fallada em maior extensão territorial da America do sul, é cousa já reconhecida por diversos escriptores. É interessante e dispensa mais longas citações o pequeno todo de transcripções feitas pelo Sr. Julio Platzmann na reimpressão que fez da grammatica do Padre Anchieta, onde vê-se quanto era antiga esta opinião. Da extensão dessa lingua já tinham fallado em tempos muitos antigos o Padre Antonio Ruiz de Montoya e outros; foi reconhecido em tempos posteriores pelo autor do *Saggio di Storia Americana* e pelo erudito Hervás, e em tempos mais modernos o confirmam Alcide d'Orbigny e outros escriptores. Citam-se, em diversos auctores e se me não engano tambem no *L'homme Americain* de Alcide d'Orbigny, palavras de John Luccok dizendo que esta lingua era fallada na America do norte.

Na mesma *Revista do Instituto Historico* estão impressos trabalhos, nos quaes se reconhece o extenso dominio dessa lingua chamada *geral* no Brasil, e o seu parentesco com aquella que fallavam os povos das missões do Paraguay e da Guayrá.

De um curioso escripto de 1584 dado á luz no 6.º tomo da *Revista* vê-se que «todo o gentio da costa que tambem se derrama mais de 200 leguas pelo sertão e os mesmos carijós que pelo sertão chegam até as serras do Perú tem uma mesma lingua que é grandissimo bem para sua conversão».

Alcide d'Orbigny foi deparar com guarayos, sirio-

nos, e chiriguanos fallando a LINGUA GERAL no centro da Bolivia, circumdados de chiquitos, moxos, kechuas e aymaras que fallavam linguas differentes. O OMAGUA é dialecto da LINGUA GERAL e talvez nem simplesmente dialecto, talvez a mesma cousa que TUPI e GUARANI, isto é, differencando-se apenas um do outro como o fallar de uma provincia do de outra.

Eis algumas palavras de Hervás que vem á proposito:

« Da lingua *omagua* é necessario discorrer separadamente, porque nella se acha documento claro da tenacidade que as nações americanas têm em conservar o seu idioma nativo. No cotejo que fiz das palavras dos idiomas *guarani*, *omagua* e *tupi* adverti claramente a sua afinidade, e que as nações que os fallam, tinham origem commum; sobre o que fiz algumas investigações. O abbade Velasco julga que seja *omagua* a estirpe destas nações e outras que se acham dispersas pelo novo reino de Granada e por outros paizes, cuja extensão é de mil e quinhentas leguas, e em que se fallam linguas de clara afinidade com o *guarani* e *omagua*. Velasco escreve-me de Faenza em 14 de Fevereiro de 1787.

« Os *omaguas* crêm-se superiores aos outros indios americanos; tem-se por gente distincta e nobre e como nação deste character se reconhece entre as outras nações do Marañon. O seu idioma é dos melhores da America meridional, na qual poucas nações se acham tão numerosas como a *omagua*. Sabe-se que esta nos seus costumes, e talvez tambem no idioma concorda com os *guaranis* muito á sul; ella concorda tambem com a nação *agua* do novo reino de Granada, dispersa pelas planuras do Orinoco, e pela provincia de Venezuela da linha equinoccial para norte: concorda tambem com a *tupi*, numerosa na provincia do Pará e em varios paizes do Brazil, e principalmente concorda com a nação do rio Tocantins á 5º lat. S. e á 325º long. N'um dos paizes do Marañon pertencente ás missões que tinham os jesuitas e estão situados á 4º de lat. meridional e 305º de long. havia um formigueiro de indios *omaguas*; pois o padre Gaspar Cuxia em 1645, quando com elles estabeleceu a paz, achou quinze mil *omaguas* nas ilhas do rio Marañon, sem contar os que havia no rio Yurum (chamado tambem Yurua) onde estão os indios *yurimaguas*. O padre Samuel Fritz chegou á fundar trinta e tres po-

voações de *omaguas* e *yurimaguas*, tão numerosa era a nação *Omagua*. E onde se achará a sua origem ou estirpe? Os *omaguas* do reino de Quito dizem, que se deve achar no Marañon, e que muitas tribus de sua nação ao verem as barcas dos primeiros espanhóes enviadas por Gonzalo Pizarro, fugiram para as terras baixas do Marañon, para os rios Negro e Tocantins, para o Orinoco e outros paizes do novo reino de Granada. Candamine que observou attentamente a nação *omagua* na sua viagem pelo Marañon, conjectura que ella antigamente formava uma monarchia ou soberania por perto do Orinoco, e que ao entrarem os primeiros espanhóes, fugio e derramou-se por diversos paizes. Não me atrevo á approvar esta conjectura que me parece arbitraria; o certo é que acha-se pelo menos a extensão de 70 grãos entre o *guaranis*, os *tocantinos*, os *omaguas* do Pará, do Orinoco, de Venezuela, e do Marañon de Quito.»

« Até aqui Velasco que foi missionario no reino de Quito; na Italia, depois que alli chegou com os jesuitas espanhóes, elle imprimio um dictionario da America meridional em que suppõe a existencia de muitos dialectos do *omagua*.

« Camaño julga os *omaguas* descendentes dos *guaranis*; porque ainda que entre os *omaguas* e os verdadeiros *guaranis* (que são os paraguayos, os do Pará, os tupis, os uruguayos, os guaranis, etc.) se interponha um chaos de nações de idiomas diversos, com tudo por acharem-se os verdadeiros *guaranis* estendidos desde o Brazil até Cayena, parece que dos *guaranis* do Brazil devem provir os *omaguas* que se achavam no Marañon entre os rios Napo e Yurum. Na historia do Marañon, illustrada pelo padre Manuel Rodrigues, acha-se uma excellente discripção da provincia dos *omaguas* que fallavam dialecto do *guarani*.

« Parece pois probabilissimo que todas as nações, que fallam dialecto do *guarani*, descendam dos *guaranis* do Paraguay ou dos *tupis* do Brazil (que tambem são *guaranis*). As linguas *guarani* do Paraguay e *tupi* do Brazil não são menos semelhantes que a espanhola e a portugueza entre si. Estas duas linguas tem o caracter da maior antiguidade, porque uma mesma palavra com accentos diversos pronunciado em GUARANY e em OMAGUA tem differentes significações como succede na lingua china e outras. Á *omagua* falta a grande perfeição grammatical do *guarani* e isto parece indicar que desta seja dialecto a lingua *omagua*: assim o latim, dialecto do grego, tem menos perfeição grammatical que esta; as linguas portugueza, espanhola, franceza, italiana e valaca são dialectos da latina e menos perfeitas que estas no artificio grammatical; e o mesmo succede aos

dialectos teutonicos com respeito ao allemão de que provém. As nações que fallam o *guarani*, occupam grandissima extensão nas costas de Brasil e nos paizes mediterraneos; e foram e são actualmente mais numerosas que as que fallam o *omagua*; mas os *omaguas* tem-se achado nas ilhas do rio Marañon e nas suas margens; isto certamente faz conhecer que são tribus provenientes e separadas dos *guaranis* e que por meio da navegação estabeleceram-se já em umas partes, já em outras.

« As nações insulares provém das do continente.... e os *caribes* do golpho do Mexico provém do continente da America. Os *omaguas* são os phenicios da America porque, segundo as historias das missões dos jesuitas, e a asserção dos missionarios ainda vivos, elles tem sido sempre homens de grande habilidade para a navegação.

« Com a lingua *omagua* tem affinidade as linguas *jurimagua*, *payagua*, *yagua*, *cocama* (como os seus dialectos *cocamillo* e *huebo*) a lingua *yete* (fallada por uma nação barbara das ribas do Napo no paiz dos *encabellados*) e talvez outras linguas de nações pouco conhecidas.»

À esta citação que nos mostra o ABAÑEËNGA á estender-se para as bandas do noroeste com a denominação de OMAGUA, é bem cabido ajuntar outra de Alcide d'Orbigny. Diz elle :

« Se quizermos lançar uma vista d'olhos sobre a synonymia dos *guaranis*, sobre os nomes que tinham no tempo da conquista e tem ainda hoje as suas diversas tribus, pasmar-nos-ha o seu numero, e um volume de investigações mal bastaria para discutir todas ellas convenientemente; porque a mesma tribu, mudando de lugar ou de chefe, mudava ao mesmo tempo de denominação; dahi essa immensa quantidade de nações que se pretendem extinctas; depois cada historiador conforme a maneira como tinha ouvido o nome, conforme a orthographia que lhe dava, creava tambem nomes novos, que os compiladores reproduziam copiando-os sem critica, até mesmo adulterando-os e abrindo assim nova fonte de erros. De outro lado os hespanhóes, os portuguezes, os francezes, os inglezes e os hollandezes, cada qual com seu modo de escrever conforme o genio da propria lingua, apresentavam as mesmas denominações sob fórma differente, o que as mutiplicava gratuitamente. A melhor prova que disso poderemos dar é a compilação, aliás boa, que fez Warden na *arte de verificar as datas* em que só para o Brasil indica 387 nações....

« Acreditamos não exagerar estabelecendo, depois de examinar a origem desses nomes de nações, que mais de 400 devem pertencer à *guarani*, mencionando apenas tribus cujos nomes foram adulterados pela orthographia. »

Dando em seguida uma breve synonymia elle menciona Arachanes, no Rio-Grande do Sul; Mbeguas e Timbués, no Baradero; Carácarás, abaixo de Santa-Fé; Tapes, em Missiones; Cariós, no Paraguay; Guayanas, ao pé da grande cascata do Paranã; Guarayos, Sirionos e Chiriguanos na Bolivia.

O mesmo abbade Hervás, já citado, tractando dos indios do Brasil e enumerando os que fallavam tupi adstringe-se ás noticias dadas pelos escriptores portuguezes como Simão de Vasconcellos, etc., confirmados por outros de nacionalidade diversa. Como pertencentes ao ramo TUPI ou TAPI elle enumera TAPES, CARIJOS, TAMOYOS, TUPINACOS, TEMIMINÓS, TOBAIÁRES, TUPINAMBÁS, TUPINAÈS, AMOYPIRAS, YBYRAIARAS, CAETÉS, POTIGUARES, PARAIBAS, APANTOS, TUPIGUAES, ARABOYARES, RARIGOARES e TOCANTINOS. É uma lista de nomes que não tem maior importancia, logo que pertencem à LINGUA GERAL, são susceptiveis de explicação nella e que principalmente ninguém contesta serem denominações de diversas tribus TUPIS, isto é, que fallavam a mesma lingua. De passagem apenas note-se que por TUPINAMBÁS costumam os auctores designar especialmente os da Bahia, entretanto que essa denominação parece ser geral, e cada tribu se apropriava della no seu tracto com os europeos. Os TAMOYOS do Rio de Janeiro deram-se à Lery por TUPINAMBÁS; o mesmo fizeram os do Espirito Santo, os do Maranhão, etc., e assim vê-se que é erro denominar-se de TUPINAMBÁ unicamente a gente que habitava no reconcavo da Bahia. Os TUPINAMBÁS do Amazonas, dizem, eram os restos dos TAMOYOS vencidos

no Rio de Janeiro que se internaram e foragidos foram dar com sigo no Amazonas; e porque não seriam outros TUPIS, visto que TUPIS eram tantas tribus esparsas por todo o Brasil? e como é que só os restos dos TAMOYOS é que puderam atravessar tantas centenas de leguas, sem serem completamente exterminados por gentes contrarias? o caminho que seguiram era inteiramente despovoado? Os OMAGUAS da Bolivia, Perú e Nova Granada não eram o mesmo que TUPIS E GUARANIS? e não se davam tambem por TUPINAMBÁS, donos da terra.

Isto induz á procurar a interpretação do nome TUPINAMBÁ. Em outro opusculo tracta-se disto mais desenvolvidamente, e aqui cabe quando muito uma observação.

E' possivel traduzir TUPINAMBÁ, ainda que com alguma difficuldade, por gente da terra (*finium gens, vel, locorum incolae*), resposta natural á uma pergunta *quidnam estis*, formulada pelos europeus no Rio de Janeiro, na Bahia, etc., e respondida por indios pertencentes á mesma familia.

Deixando de parte estas tribus que ninguem contesta serem da mesma familia, os auctores mencionam grande numero de outras inteiramente diversas, e que fallavam idiomas sem parentesco algum com a LINGUA GERAL e nem mesmo entre si. No *Catalogo de las lenguas* Hervás enumera não menos de 51 linguas ou nações mencionadas pelos escriptores portuguezes como differentes.

Alcide d'Orbigny, depois de declarar que pouco conhece os BRASIS, pois na sua viagem apenas vira um *botocudo*, etc., referindo-se ás figuras e descripções que vira nas obras de Spix e Martius, de Neuwied, de Rugendas e de Debret classifica-os todos no ramo

BRASILIO - GUARANI, attentos os caracteres physiologicos.

Se pois pelos caracteres ethnographicos todos os BRASIS podem-se considerar como pertencentes á mesma raça, mais ou menos misturada aqui e acola com gentes de origem differente (KECHUAS ? CHILENOS ?), resta apenas saber se realmente a diversidade das linguas é tão grande, como dizem, resta averiguar e assentar quaes eram essas linguas. Ahi os dados são mais que parcos. Afora do que existe acerca de LINGUA GERAL o mais cifra-se em alguns rões de nomes, que não podem auctorisar illação de especie alguma. Se nestas listas de nomes ao menos houvesse algumas phrases, que supprissem á falta de grammatica, como se vê no vocabulario CARAIBA de Padre Raymond ainda bem ; mas nem isso. No seu *Glossaria linguarum brasiliensium* Martius reunio a maior parte (não todas) das listas de nomes que encontram-se em diversas viagens e noticias do Brasil. Mas o que fazer com essas listas, cujas nomenclaturas são escriptas, Deos sabe como, e cuja pronunciação é a mais duvidosa possivel? Se o ABAÑEÊNGA escripto por portuguezes (TUPI) tem-se por differente do ABAÑEÊNGA escripto por espanhóes (GUARANI) e nem combina com o que escreve Lery, como interpretar essas nomenclaturas, com cuja orthographia podem produzir-se os sons mais differentes conforme forem pronunciados?

Entretanto prestando-se alguma attenção e levando-se até onde é possivel a comparação acha-se que a diversidade não é tão grande como parecia á primeira vista. Há setenta rões compilados no *Glossaria* exceptuados os TUPIS, e os do Brasil septentrional ou das Guyanas. Nestas setenta nomenclaturas já não é pouco achar alguns vocabulos communs á muitas e, o que é mais,

COMMUNS ora ao ARAUCANO, ora ao KECHUA, ora ao mesmo ABAÑEÊNGA. O que se conclue daqui? que a grande variedade de linguas em ultima analyse se reduz á nada, pode ser explicada pela simples degeneração dialectica tão perfeitamente estabelecida pelos mestres da sciencia da linguagem, e que finalmente os milhares de linguas attribuidas á America do sul se reduzem ás quatro principaes que estabeleceu Hervás, as quaes talvez ainda se reduzam á duas o ABAÑEÊNGA e o AYMARA, de cuja mistura, fusão, amalgamamento, dissolução e refusão em diversas epochas resultaram o KECHUA, o ARAUCANO, o CARAIBA e os numerosos idiomas e dialectos que dahi provieram.

Dirão de certo que não é possível por exemplo confundir TAPUIAS e AIMÓRÉS com gentes da raça TUPI, que são muito grandes as differenças, etc. Em todo o caso, porém, sobresahe o facto mais geral, isto é, que as tribus americanas inquestionavelmente se differenciam menos umas das outras do que cada uma dellas da africana ou da caucasica. Esta questão porém pertence á anthropologia, e não é licito em ligeiros opusculos escriptos com fim muito limitado, aventar questões de outra ordem e que demandam conhecimentos especiaes e profundos.

Não se trata aqui propriamente da questão ethnographica. Não se discute se os indios que fallavam a grande LINGUA GERAL eram autochtones ou pelo menos dos mais antigos habitantes do paiz, se vieram ou não de outra região, atravessando mares com escala por ilhas, ou percorrendo continentes. Averigua-se e estatue-se apenas um facto; a generalidade de uma lingua que estendeu o seu dominio por uma vastissima extensão de terras e com a qual tem mais ou menos affinidade grande numero das linguas chamadas americanas.

Assim pois o ABAÑEÊNGA, a lingua geral donde procederam o GUARANI, o TUPI, o OMAGUA com os seus variados dialectos nas bacias do Amazonas e do Prata, o CHIRIGUANO, o GUARAYÓ, o CAYUÁ, o APIACÁ nos mattos grossos e nas campanhas do interior e talvez o KIRIRI, o KARIRI e outros nos sertões do Ceará, Pernambuco, Bahia, estendeu o seu dominio, pode-se dizer, desde o golpho de Darien, ao pé do isthmo de Panamá, até as boccas do Rio da Prata e desde a encosta oriental da grande cordilheira Americana até o cabo mais avançado da costa do Brazil, que penetra pelo Atlantico á frontear com a Africa. Parece que lá das cabeceiras donde nascem os ingentes rios, tambem defluiram as tribus dessa dilatada raça de aborigenes que se derramaram por toda a parte á leste dos Andes. D'aquelle nucleo central, onde está a *mãe d'agua*, d'aquella *Parasy* (*maris genitrix* litteralmente), onde estão as nascentes dos grandes rios, donde brotam os principaes afluentes dos dois colossos chamados *Paraná*, *Maraná* (*æquorî similia*, *sc. flumina*) é possível e crível que tambem descessem as gentes, cuja lingua foi fallada por toda a costa do Brasil desde o Rio da Prata, não só até o Amazonas, mas ainda alem das boccas do Oyapock até Guayra, Maynas e Cumana, e no interior das terras brasileiras, no Paraguay, em parte mesmo do Chaco, no centro da Bolivia, nos limites do Perú, nas diversas cabeceiras dos affluentes do Amazonas e do Orinoco.

Attento o vasto dominio desta lingua, derramada sobre tão consideravel extensão territorial, pela maior parte pertencente ao imperio brasileiro, vê-se que foi muito bem cabida a designação de BRASILIO-GUARANI que lhe foi dada por Alcide d'Orbigny, tal e qual tambem figura no mappa ethnographico de Balbi. Com muita

propriedade podia chamar-se ainda o ABAÑEÊNGA, a lingua dos BRASIS, comprehendendo nesta designação aquelles indios que catechizados pela companhia de Jesus em as suas aldeias constituiram as MISSÕES, a grande república da companhia jesuitica; desmantelado o dominio dos padres as antigas aldeias das Missões em parte extinctas, ficaram pertencendo umas ao Paraguay, outras ao Brasil e algumas á confederação Argentina.

Ainda mais. Se considerarem-se as intimas relações e mesmo a fusão que se deu das gentes GUARANIS ou TUPIS e OMAGUAS com KARAIBAS, se reparar-se que a lingua fallada pelos KARAIBAS podia ser dialecto do ABAÑEÊNGA mais ou menos eivado de elementos estranhos, trazidos pela mistura de idiomas de outra procedencia e caracter; se reflectir-se que o KARAIBA de Terra firme apresenta mais traços de semelhança com o ABAÑEÊNGA, do que o KARAIBA fallado no archipelago das Antilhas, pode-se concluir que do ABAÑEÊNGA procedeu o KARAIBA ou pelo menos são oriundos do mesmo tronco e depois o KARAIBA alterando-se cada vez mais, tornou-se a linguagem dos KARAIBAS das ilhas. Que esta foi a marcha das tribus confirman-no as tradições e o proprio Padre Raymond Breton no seu vocabulario CARAIBA indica que os ferozes dominadores das ilhas, procediam dos da chamada Terra-firme.

Sendo assim o dominio do ABAÑEÊNGA não se limitou á America do sul, propagou-se pelas ilhas do mar Antiliano, estendeu-se á Florida, dilatou-se pela costa para nordeste, e do outro lado, para oeste, chegou até as boccas do Mississipi, pois até ahi ha vestigios de passagem e estadia dos KARAIBAS.

A denominação de LINGUA GERAL, portanto, dada ao ABAÑEÊNGA (OU TUPI OU GUARANI) significava que essa

lingua era aquella que era fallada e entendida por maior numero de tribus, esparramadas em uma vasta superficie. O KECHUA tambem foi chamado LINGUA GERAL DO PERU e com razão pois era a mais estendida e fallada no antigo imperio dos Incas. Do mesmo modo ainda houve outras na America do norte á que deram tambem o nome de LINGUA GERAL.

Os paraguayos como acima se disse ainda hoje dão o nome de ABAÑEÊ á lingua indigena, e chamam KARAIÑEÊ ao espanhol, ao portuguez e em geral ás linguas de europeus. ABAÑEÊ quer dizer *falla de indio* e KARAIÑEÊ, significa *falla de branco*. A elisão da syllaba final dizendo simplesmente ABAÑEÊ está ventilada em outro lugar deste opusculo.

E não é somente por ter dominado em vasta extensão territorial que tem summa importancia o ABAÑEÊNGA.

« Não posso comprehender, diz Azara, como é que a nação guarani sendo agricola e por conseguinte pouco viajora, se estendeu de modo tão consideravel e em tão grande numero, ao passo que todas as outras, mais vagabundas, achavam-se reduzidas á pequeno numero de individuos. »

Mas adiante diz o mesmo auctor:

« Couda igualmente incomprehensivel para mim é o modo como poudes estender-se a lingua GUARANI pelo immenso territorio possuido pelos portuguezes e francezes, e em parte do paiz que descrevo (as possesões espanholas) por entre meio de grande numero de hordas independentes quasi isoladas, e que não conheciam commercio algum e ainda menos o uso dos livros; ao passo que vemos os governos de França e de Espanha, apezar dos seus

esforços, das suas escolas, dos seus livros e dos seus meios de comunicação, nunca poderem introduzir em todas as suas provincias o uso geral e exclusivo do espanhol e do francez.»

Essas palavras formam verdadeiro contraste com o que disse von Martius, o eminente botanico, á quem tanto deve o Brasil e que entretanto á respeito dos indios e ainda mais á respeito das linguas por elles falladas emittio algumas proposições bastante erroneas.

O sabio naturalista allemão, entre outras opiniões menos justas á respeito dos BRASIS, diz que a LINGUA GERAL dilatou-se tanto por influencia dos padres da companhia de Jesus, e chega á suppôr que ella é uma giria arranjada com o material dos vocabulos de uma lingua indigena com o fim de servir á catechese. Esta opinião tem largo curso, naturalmente determinado pelo prestigio do nome do sabio botanico.

Contradizem esta opinião todos os factos constantes dos historiadores. Os padres jesuitas e assim tambem os franciscanos e outros, sempre que no desempenho de suas funcções de missionarios, iam desencovar tribus nos sertões, a primeira cousa de que cuidavam era de estudar a lingua fallada pelos selvagens, afim de poderem pregar-lhes a doutrina. É um dos principaes meritos das companhias religiosas o zelo, a fadiga immensa com que compuzeram grammaticas e vocabularios dos idiomas das gentes que andaram catechizando, grammaticas e vocabularios dos quaes alguns nem foram impressos, e outros, não obstante terem sido dados á luz, apenas são conhecidos de nome e de menção nas noticias bibliographicas. Da lingua dos CHIQUITOS por exemplo pouco ou nada resta, entretanto d'Orbiguy dá noticia de um dictionario e d'uma grammatica bastante volumosos, manuscriptos, que elle poude obter na sua excursão

pela Bolivia, que prometteu publicar na parte ethnographica da sua grande obra, e de que até hoje não se tem outra noticia.

Se alguma vez os religiosos catechistas trataram de impôr á gentes novas a lingua de que já tinham grammatica e vocabulario, foi quando na vizinhança de uma aldeia já formada e desenvolvida apparecia, de algures, familia differente, que elles tratavam de reduzir e amansar. Isto mesmo, porém, aconteceu raras vezes.

Sendo assim póde-se dahi concluir que os padres da companhia tivessem tentado impôr uma lingua geral á todos os povos e aldeias que formaram no Brasil ?

Uma cousa que mostra que os padres nem pensaram em impôr lingua de especie alguma aos BRASIS, é que elles no principio empregavam todos os esforços para exprimir na lingua indigena os mysterios e todas as cousas da religião, e procuravam traduzir todas as expressões do catechismo na propria lingua dos indios. Para isso tiveram elles de forçar a lingua, obrigando-a á abstracções ainda impossiveis para o seu estado de desenvolvimento, torceram muitas vezes o sentido natural das dicções e á final alteraram até a estrutura grammatical, mettendo-lhe por via de regra pleonasmos inuteis, e procurando exprimir as cousas da religião por vocabulos e phrases de oito leguas, incompreheensiveis talvez aos indios ou pelo menos extravagantes. Depois desistiram de exprimir essas cousas com termos tirados da lingua indigena e procuraram encaixar nella os mesmos termos do cathecismo adaptando-os á pronuncia dos indios, naturalisando-os no ABAÑEÊNGA. Assim chamaram á principio á cruz *ybyra-joasá*, ligna invicem transversata; e depois *curussá* nas missões

portuguezas, *curuzú* nas espanholas; aos anjos chamaram *karai-bèbè* e depois mesmo *anjo* apesar de ser este um composto de sons antipathicos ao modo de fallar dos indios; *karaib* foi adoptado pelos padres no principio para designar santo, bento, e assim designaram por *ñandy-karaib* os oleos santos, *y-karaib* agua benta, a agua do baptismo. Para exprimir o verbo baptisar empregaram já *mongaraibe* tornar santo, tornar bento, (visto a significação dada á *karaib*), já *mbo-jahú* banhar, e *jahú* banhar-se foi adoptado para baptisar-se. Afóra destes ainda foi empregado o participio *hobasápyr* rosto atravessado, ou encruzado, para designar o homem baptizado, o christão; entretanto os indios, não obstante a imposição e lição dos padres, empregaram outra expressão para dizer baptisar-se, e esta foi *terog* tirar fóra o nome, expressão que tem seus laivos de *ironia* patenteando que no pensar delles os indios entendiam que *baptisar-se* não era *tomar* nome e sim *perder* o que já tinham. Muitas outras expressões adoptaram os padres á principio que depois substituíram pelos proprios vocabulos portuguezes ou espanhoes, e assim vê-se nos thecismos Espirito Santo, Purgatorio, Paraíso, etc. Igreja designaram primeiro por *tupāróg* e *tupãóg* e depois por igreja e iglesia; ao inferno chamaram *aná-retam* patria do diabo, *tatá quasú apyreyim* fogo grande que não tem fim, etc., e depois *inferno* mesmo. A Virgem Senhora designaram de um modo realmente extravagante ou pelo menos irrisorio dizendo *Abá-bykaguér-eyma* illa quam mas nondum terebravit e posteriormente pelo mesmo termo portuguez virgem. O verbo *mongetá* com o sentido de rogar á Deus, rezar, e o termo *angaipab* para designar peccado, são evidentemente expressões forçadas e torcidas para exprimirem o que os padres queriam.

No mais os padres concorreram para a prompta corrupção da lingua e mesmo precipitaram-na. Nas grammaticas reconheceram os variados participios (á que chamaram substantivos verbaes), notaram que tinham tempos, mas não viram que constituíam verdadeiros modos e nos catechismos construíram as phrases á maneira portugueza e espanhola, e ás vezes mais felizmente á latina. Nas grammaticas deram á perceber que no seu fallar proprio os indios faziam o verbo-substantivo inherente ás particulas pessoas, e nos catechismos empregaram o verbo *ikó* ser no Brasil e o verbo *in* estar ou estar sentado no Paraguay. Isto deu aos dialogos de doutrina e ás rezas um phraseado prolixo e arrastado, que á primeira vista se differença d'aquelle que se acha nas phrases conservadas de uso quotidiano dos indios, o qual quasi sempre é de extrema concisão e graça.

E se tal fosse o seu proposito não seria mais natural que, em ultima analyse, quizessem impôr e procurassem generalisar o portuguez ou espanhol, a lingua que fallavam?

Solemne protesto contra este pensar dá-se mesmo no Brasil pela simples existencia dos dous catechismos dos Padres Mamiani e Frei Bernardo de Nantes. Este ultimo publicando o seu catechismo da lingua KARIRI, declara que o faz para facilitar o ensino dos catechumenos em sua lingua propria, que differe da KIRIRI de que já havia grammatica e catechismo composto por Mamiani. Estes dous idiomas fallados por indios do rio S. Francisco e do sertão se bem que separados por distancia maior de 100 leguas, são summamente parecidos e ambos elles têm feitio de serem dialectos do ABAÑEÊNGA, muito corrompidos pela introdução de vocabulos e phrases de outra procedencia; não acha-se

nelles relação immediata com o GALIBI e outras das Guyanas, mas a constancia de certos sons, estranhos ao ABAÑEÊNGA e que trocados pelos equivalentes nesta lingua demonstram a sua procedencia, induz á procurar analogia derivação, se bem que já com sons diversos para o GALIBI, patenteando que assim se poderia tambem filiar ao ABAÑEÊNGA este ultimo idioma. Esta observação que occorre accidentalmente não póde ser aqui desenvolvida porque alongaria demais este escripto.

O que fica bem assente é que em vez de inventarem uma lingua para imporem-na aos catechumenos, os padres tratavam de aprender todas aquellas que topavam e nellas escreviam livros de doutrina para uso das respectivas aldeias. É este o facto real não só no Brasil, mas no Chili, na Bolivia, no Perú, na Columbia, etc.

Si o TUPI fosse inventiva dos padres jesuitas e não de facto a LINGUA GERAL das hordas mais numerosas da America leste-austral não é possivel explicar como é que o TUPI é o mesmo GUARANI. Os padres Abbeville e Yves d'Evreux eram francezes e capuchinhos pregando no Maranhão; Lery, tambem francez, porém calvinista, não pisou no Maranhão e as noticias que escreveu são de indios do Rio de Janeiro; o padre Figueira, portuguez e jesuita, escreveu a sua grammatica e fez, durante annos, serviços de catechese no Pará, e o padre Antonio Ruiz, tambem jesuita, porém espanhol, escreveu o seu *Tesoro* no Paraguay. Todos estes missionarios vieram á America em tempos anteriores á meados do seculo XVII; não era possivel a minima combinação entre elles; cada qual escreven das cousas americanas á seu modo, com a orthographia usada na lingua patria da Europa, pro-

curando reproduzir nella com fidelidade os sons da lingua estranha que ouviam dos incolas. Ora pois, se esta lingua é a mesmissima, escripta apenas de differente modo, com orthographia peculiar ao escriptor, não resta duvida de que — tal lingua era a mesma espalhada por terras diversas, e é inteiramente gratuita a supposição de que foi obra dos padres jesuitas, como avançou Martius.

Outra idéa que teve muitos propugnadores, entre os quaes tambem von Martius, que foi combatida pelos illustres auctores do BRASIL E OCEANIA, e dos INDIOS PERANTE A HISTORIA, e agora está de novo adquirindo voga é a que suppõe todos os indios do tempo da descoberta em um estado de barbaria tão grande, como aquella em que se acham os restos das tribus errantes nos sertões depois de tres seculos de catechese, isto é, de perseguição á todo o transe. Uma das cousas que desmente esse pretendido estado de barbaria é a lingua; uma tal ou qual agricultura, a preparação da farinha de mandioca e do *kagui*, a pericia de accender fogo dispensando vestaes para conserva-lo, e outros usos ainda provam o contrario, e quem lêr com attenção as noticias deficientes, parcialissimas dos CHRISTÃOS, conquistadores da terra, reconhecerá que estes pobres BRUTOS hoje foragidos pelos mattos, receiosos dos beneficios da *catechese*, reduzidos á ultima degradação, em nada se parecem com aquelles *homens crianças, expansivos, alegres*, que batiam os contrarios na *guerra*, que mesmo *devoravam* os prisioneiros, mas em fim eram *homens* como os pintam os Caminha, Lery e outros ingenuos narradores.

É assumpto que levaria longe e que não cabe desenvolver n'um estudo que não passa de mero apontamento.

Apenas fique consignado que é um erro grave medirem-se os indios do tempo da descoberta pela bitola dessas pobres malocas que hoje andam corridas pelo sertão, que esqueceram a lingua, unico monumento legado pelos antepassados, a qual ainda attesta que essas gentes não foram tão barbaras como a querem fazer aquelles, que vieram arrebatá-lhes as terras patrias, a liberdade e a vida.

A existencia da LINGUA GERAL dominando em quasi toda a região cis-Andina é cousa de summa importancia e exprime um facto do mais alto interesse para o estudo das linguas americanas e para a ethnographia, isto é, que o TUPI é o mesmo GUARANI e o OMAGUA.

O padre Hervás citado acima diz que o TUPI e o GUARANI se differenciam um do outro apenas como o espanhol do portuguez. Ainda menos, é a verdade que salta aos olhos logo que se investiga a cousa mais á fundo. O TUPI se differença do GUARANI tanto como o fallar dos brasileiros differe do dos filhos de Portugal, e talvez mesmo como o de um paraense differe do de um mineiro ou paulista. Com effeito, confrontando-se as dicções do TESORO com as que vem em Figueira, no Diccionario Braziliانو, no de G. Dias, em Lery, em Yves d'Evreux, em Piso, etc., e prestando-se attenção á differença de orthographia observa-se que o TUPI diverge do GUARANI quasi que só em ajuntar invariavelmente uma vogal final aos vocabulos que os GUARANIS pronunciavam sem ella e tambem sem a consoante que com essa vogal vinha á formar syllaba. As dicções do ABAÑEËNGA *táb*, *túb*, *räyr*, *aób*, *ñeëng*, *kuár*, *áb*, pelos TUPIS eram pronunciadas *tába*, *túba*, *räyra*, *aóba*, *ñeënga*, *kuára*, *ába*, e pelos guaranis muito frequentemente *tá*, *tú*, *räy*, *aó*, *ñeë*, *kuá*, *á*. Os vocabulos usados por TUPIS e não por GUARANIS, e

vice-versa são poucos e podem ser enumerados; em geral dependem das condições climatericas e geographicas em que viviam que fazia variar os modos de vida; por exemplo, nomes de peixes das costas do Brasil seriam naturalmente desconhecidos no Paraguay. Afóra disto mais um ou outro vocabulo differente como seja *texig*—vêr em GUARANI, *tepiac* em TUPI; *uruguasú*—gallinha em GUARANI, *sapukai* em TUPI; e poucos mais.

Não póde deixar de ser aqui exharada uma reflexão muito importante, referente á capacidade das linguas para exprimir cousas abstractas. O ABAÑEÊNGA neste ponto apresenta-se para bem dizer em um estado de verdadeira infancia e para enunciar concepções abstractas resente-se da ingenuidade e do embaraço proprio da criança que ainda não precisou bem as suas concepções. Na lingua já se differencam bem os adjectivos dos substantivos e na construcção da phrase com as particulas pronominaes os adjectivos podem figurar de verbos passivos, ao passo que os substantivos deveriam ser considerados verbos activos. Assim *kó roça* (arvum e mais propriamente *seges, messis*) pode-se referir á *kog* alere, e dahi *xe-kog* messis mea, significaria quod me alit: mas com o adjectivo a particula pronominal figura de verbo substantivo e *xe katu* significa sum bonus.

Agora havendo os adjectivos *katu* bonus, *aib* malus *he* dulcis, *kyr* viridis, etc., as abstracções *bondade*, o bom, o bem, *maldade*, o mal, *doçura*, o doce, *verdura*, o verde, não se podem exprimir de um modo absoluto, construem-se na phrase já de um modo já de outro conforme se apresenta a concepção, e os padres procurando exprimir isto quasi sempre por via da desinencia participial *hab* forçaram muitas vezes a lingua á um torneio improprio della, e até disparatado.

Permitta-se uma bem cabida citação do Sr. Max-Müller; diz elle:

« E de que modo exprimio a linguagem a mais immaterial das concepções, dado ainda que seja concepção racional, o *nada*? Foi pela unica maneira possivel, isto é, foi pela negação de alguma cousa real e palpavel, ou pela comparação com algum objecto dos nossos sentidos. *Nada* diz-se em sanscrit *asat* « não sendo »; em latim *nihil* isto é, *nihilum* em vez de *niflum* quer dizer *ne-flum*, « nem um fio. »

« A dicção *rien* do francez hoje, é mera alteração de *rem* accusativo de *res* e conserva ainda o sentido negativo apesar da queda da particula negativa que a precedia originariamente. Assim *ne pas* vem de *non passum*, e *ne point* de *non punctum*. O francez *neant* e o italiano *niente* são o latino *non ens*. Considere-se agora por um instante de que modo nascem as fabulas em virtude da magia da linguagem. Era perfeitamente correcto dizer-se *nihilum*, « dou-vos nada, nem um fio : » ali fallava-se de um *nada* relativo; negava-se na realidade, ou declarava-se não dar alguma cousa. Tambem é perfeitamente correcto dizer entrando n'um quarto vazio « não ha nada aqui » querendo com isso dizer não que « não ha absolutamente nada » mas só que « ali não vemos o que contavamos achar no quarto. » Á custa, porem de repetirem-se taes phrases, forma-se gradualmente no espirito vaga ideia de um *nada* e então *nihil* torna-se nome de algo positivo e real. Os homens começaram no principio á fallar do *nada* como se fosse alguma cousa e gradualmente foram indo e tremaram com a ideia de *anihilamento*, de todo inconcebivel á não ser no cerebro d'um louco.

« A expressão *anihilação* se tivesse sentido, apenas significaria etymologicamente (e podemos dizer logicamente) « ser reduzido á cousa que nem é um fio » : e certamente este estado não seria tão terrivel, pois que segundo a logica mais rigorosa esse estado comprehenderia o dominio todo da existencia excluindo unicamente o que se entende por *fio*. Entretanto quantas especulações, quantos medos e delirantes terrores á proposito do *Nihil* simples palavra e mais nada! Vemos crescerem e decrescerem as cousas que nos cercam, assistimos ao nascimento e ao fallecimento dos viventes, mas nada vemos extinto, aniquilado. Ora, o que não está ao alcance de nossos sentidos e o que contradiz todos os principios da razão não tem direito á ser expresso pela linguagem. Podemos servir-nos dos nomes dos objectos materiaes para exprimir objectos immateriaes, se estes ultimos

puderem ser concebidos racionalmente. Podemos, por exemplo, conceber potencias que escapam-nos aos sentidos, mas que têm contudo realidade material. Podemos chama-los espiritos, litteralmente halitos, sopros, brisas, subentendendo perfeitamente que por «espirito» designamos cousa que não é simples «brisa». Elles podem ser chamados em inglez *ghosts* nome que tem referencia à *gust*, *yeast*, *gas*, e outros vapores imperceptiveis. Mas o Nada, um Nada absoluto que não é visivel nem concebivel, nem imaginavel, jamais deveria ter achado expressão, nem lugar no dictionario de seres racionaes.»

A profundeza e belleza destas sublimes palavras sirvam de desculpa para a transcripção longa e excessiva do trecho inteiro quando era necessario e pertinente só uma pequena parte. Voltemos ao que motivou a citação.

Em ABAÑEËNGA não havia expressão directa para nada, ninguém, etc. Existia, porém, nos verbos a conjugação negativa que variava segundo os modos. Hoje os paraguayos usam de *mbäebê* para significar nada e *abábê*, ninguém; mas o primeiro ao pé da letra diz: mais cousa; e o segundo: mais gente; d'onde se vê que realmente querendo construir a phrase á espanhola elles subentendem um verbo com a sua negativa *ndi-pori mbäebê*, *ndi-pori abábê*, não ha mais cousa, não ha mais gente, para dizer: não ha nada, não ha ninguém.

Entre os TUPIS foi adoptado para significar nada e tambem a simples negativa não, o vocabulo *nitio* e mais modernamente *intio*, *inti* que são adulteração de *ndi tyb*, non est, non jacet e deste modo o torneio da phrase desviou-se mais profundamente da syntaxe primordial.

Gonçalves Dias e o padre Seixas nos vocabularios da lingua usada hoje no Pará escrevem *intimaän* nada, *intiáué* ninguém, fórmulas corruptas de *ndi tyb mbaé*, *ndi tyb abá*, non est res, non est gens.

É tão real o predomínio da LINGUA GERAL em toda a America portugueza e bôa parte da espanhola do sul, assim como nas possessões francezas, inglezas e hollandezas, que ainda outros factos vêm confirmal-o. Por toda essa vasta extensão os nomes de plantas, de animaes e geographicos são explicaveis por via de radicaes do ABAÑEÊNGA; se ha excepções, em pequeno numero são ellas e não era preciso suppôr um grande numero de linguas e dialectos, bastaria considerar que é a lei natural da linguagem (principalmente das que não são fixadas pelo monumentos escriptos) a mudança perpetua e continua.

Ahi, a é o que admira é que essa lingua, sem litteratura, sem nenhum dos meios que concorrem para fixar as linguas, pelo contrario embatida por todos os modos e em todos os sentidos pelas gentes civilisadas, tenha podido perdurar por mais de tres seculos. Apezar de vencida e batida, apezar de ser lingua de barbaros, uns exterminados, outros corridos pelos mattos, outros emfim escravisados, fundidos, amalgamados com os conquistadores, essa lingua inoculou nas linguas vencedoras e civilisadas não sómente vocabulos e termos que figuram hoje até nos livros de sciencia, mas ainda phraseados, idiotismos e cacoethes. A supressão de uma e mais lettras no final das palavras tão usual entre os brasileiros principalmente os caboclos e caipiras é um cacoethe herdado dos indios e desconhecido aos portuguezes que pelo contrario procuram tornar brevissimas as syllabas não accentuadas do meio ou do principio das palavras pronunciando : mlaço, btar, rlogio, prstaram, apprvar, em vez de melaço, botar, relogio, prestaram, approvar; os brasileiros pelo contrario dizem : botá, chovê, ardê, subi, comendo invariavelmente os *rr* finaes. Os portuguezes tendem á confun-

dir o pronome reciproco com o relativo; e não fazem esta confusão só nas orações de terceira pessoa; é cousa que quotidianamente se vê, que as pessoas mais lidas na litteratura de Portugal já adoptam na conversação o se e o si reciprocos dirigindo-se á *segunda pessoa*, e dizem: fallo com sigo, dirijo-me á si, é para si que trouxe este livro, querendo dizer; fallo contigo (ou comvosco, á moda de S. Paulo onde tambem usam com meê) dirijo-me a ti, é para ti que trago este livro. Os brasileiros pelo contrario procuram differenciar o relativo do reciproco e herdaram isto nacturalmente da LINGUA GERAL, onde é fundamental e caracteristica esta differença, que despresada altera completamente a estructura grammatical. Empregam elles tambem o possessivo seu, sua, dirigindo-se á segunda pessoa, é certo, mas então para differencal-o mais, juntam-lhe pleonasticamente o relativo delle, della. Assim exprimem-se: trago recado de F., por causa delle é que venho, e não dizem: por sua causa é que venho. Estive com fulano e entreguei-lhe o seu chapéo delle accrescentando pleonasticamente o delle porque sem isso podia significar o chapéo da pessoa com quem falla. Quanto ao mais no emprego do seu, sua, se, si, procuram os brasileiros conservar o character de reciproco justamente como em latim, onde de modo analogo ao do ABAÑEÊNGA para o relativo emprega-se *is* ou *ille* e cujos genitivos *ejus*, *illius* correspondem exactamente á delle, della, e figuram de possessivos, sendo *sui*, *sibi*, *se* e *suus*, *sua*, *suum* usados, quando a phrase exprime algo de reciproco. Em todo o caso o fallar á segunda pessoa á moda dos paulistas é mais preciso e mais bonito, e se ainda em oração de segunda pessoa se quizesse usar de verbos na terceira, era preferivel o emprego do vossè (derivado da segunda vós) com um certo que de brasileirismo, e um pouco correspondente ao usted dos espanhóes.

O francez gabado como lingua de conversação, usa em geral da segunda pessoa do plural, e emprega a segunda do singular quando ha mais familiaridade e talvez carinho que exprimem por um verbo especial *tutoyer*. Os inglezes tambem usam do tratamento em segunda pessoa. O *se, si, lhe* á portugueza é como que um subterfugio para tractar-se com pessoas estranhas e evitar-se tratamento mais distincto. Este tratamento em terceira pessoa, parece-se com o dos italianos e dos allemães; os allemães, porém, empregam a terceira do plural quando tractam com urbanidade e a do singular quando pouco se importam com a polidez; assim dizem *was machen Sie, wie geht es Ihnen* polidamente, e quando querem fallar com menos cortezia ou mais familiaridade *wie machet er ou sie, wie geht es ihm ou ihr*.

Confirmando o facto do predominio do ABAÑEÊNGA no leste e no norte da America do sul ainda importa fazer outra consideração.

A comparação do KIRIRI e do KARIRI com o ABAÑEÊNGA induz á outras conclusões; estas duas linguas, reputadas differentes do ABAÑEÊNGA visto como têm sons que não existem nesta, depois de examinadas com mais attenção, reconhecem-se como dialectos d'elle mais ou menos adulterados por elementos estranhos. Daqui se é levado á outras comparações e vê-se: O GALIBI e outras linguas das Guyanas tem sons ainda mais differentes, tem por exemplo abundancia de *ll* que não ha em ABAÑEÊNGA; mas substituidos estes sons pelos equivalentes ou correspondentes em ABAÑEÊNGA reproduzem-se os vocabulos deste, e não um ou dois, porém, um grande numero. A estrutura grammatical por fim de

contas, tanto quanto é possível apreciar-as nas phrases dadas em deficientes vocabularios, mostra que por esse lado o parentesco não pôde soffrer contestação.

Mais uma vez será possível confirmarem-se as leis estabelecidas pela sciencia da linguagem, á respeito do desmembramento da lingua matriz e formação dos dialectos.

Como simples indicação dos resultados produzidos pela comparação de diversos dialectos, referindo-se as dicções de cada um á uma fonte commum, e não raras vezes achando-se vocabulos que em vez de remontarem directamente á matriz, derivam-se de dialecto irmão ou collateral, examine-se apenas um vocabulo de lingua matriz.

Por caminhos differentes, mas derivados da mesma fonte, adoptados em tempos diversos e em diversas accepções veja-se por exemplo nas linguas românicas as transformações que soffreu o verbo *capere* e o seu frequentativo *captare*; as notas são tiradas do dictionario de Diez e das lições de Max Müller. Em portuguez apresentam-se desde logo *captar*, *catar*, *caber* produzindo o primeiro *captura*, *captor*, *capto* (v. g. em *mentecapto*), *capião* com os seus correspondentes em latim, e depois ainda *captivar* e *captivo* que torna-se *cativo* em espanhol, *cattivo* em italiano, *caitiu* (que significa ruim, máo) em provençal, *captif* em francez; e o que já é mais notavel e parece estranho, da mesma fonte provem *chetif* como notaram Diez e Max Müller; ao 2.º *catar* que significa já *ver*, *mirar* e já *investigar*, *esmerilhar*, subordinam-se os compostos *acatar*, e *recatar* com grande numero de derivados *acatamento*, *recato*, etc., e ainda *catavento*, *catafalco*, *catacumba* e outros; entre *acatar* e *acceptar* formou-se *acceitar* donde se deriva de um lado *acceite* (substantivo) e *accepção* (outro substantivo de significado

inteiramente diverso) correspondente á *acceptio* na lingua matriz; á este corresponde em francez *acception*, e á *acceitar* tambem *accepter*, mas nesta lingua apparece outro derivado *acheter* em sentido muito differente. Parallelo á este existe, composto com outra prepositiva, *racheter*, á que correspondem em italiano *reccattare*, em espanhol *rescatar*, em portuguez *resgatar*, *resgate* e ainda *regatear*, com outros derivados. Ao 3.º significado de *CAPERE* (caber) alem dos derivados immediatos proprios do verbo considerado de significação neutra e talvez passiva, como o adjectivo participio *cabido* (que se escreve e pronuncia tal e qual outra dicção *cabido* provindo de *capitulo* e ainda *cabide*) subordina-se *capa* ao qual Diez reporta um grande numero de vocabulos; á *capa*, *quia quasi totum capiat hominem*, corresponde em espanhol e italiano *cappa* e em francez *chape*; deste veio em francez *chapeau* correspondente ao italiano *cappello* e ao portuguez *capello*, e dahi ainda *capella* (grinalda e tambem pequena igreja); d'outro lado apparecem *capuz*, *capucho*, no italiano *cappuccio*, no francez *capuce*, *capuchon*; e ainda *capote* em portuguez e espanhol, *cappotto* em italiano, *capot* em francez, e outros vocabulos desenvolvidos da mesma fonte; deixando de parte a fonte latina o portuguez tomou directamente do francez *chapeau* (em antigo francez *chapel*) *chapéo*. É quanto basta para mostrar a fecundidade de um só radical quando se o acompanha em todas as suas derivações não só em uma lingua, mas nas co-irmãs.

Applicando-se ás linguas da America este processo, que tão ingentes resultados tem produzido no estudo das linguas do mundo antigo, é natural que se esperem identicos effeitos.

O simples facto da existencia de grande numero

de vocabulos, que com pequenas mudanças são como que universaes na America do sul e talvez na do norte seria bastante para induzir á crer que pelo menos houve uma lingua que passeou soberana por todo este vasto continente. Fosse ou não vinda de outra parte essa lingua, o facto certo e estabelecido fundamentalmente é que ella existio e revela a sua existencia no grande numero de vocabulos pelo menos communs á todas as linguas da America do sul. Cumpre lembrar apenas um preceito deduzido das licções de Max Müller: para designar *sol* ou *agua*, por exemplo, é possível que se dêem, e na realidade se dão termos muito differentes nesta e n'aquella lingua; mas estudada a cousa por outro modo acha-se em uma lingua o *sol* designado por um termo que na outra significa *aurora*, em outra *luz do dia*, em outra *queimar* ou *accender* ou *brilhar*, ou *allumiar*; ahi enxerga-se a derivação e reconhece-se o desmembramento dialectico. No que ficou dito á respeito do termo KARAIBA tem-se um exemplo que confirma o facto.

Ja se vê, nesta investigação é preciso criterio para se não cahir no extremo opposto, dando-se por filiados ou aparentados vocabulos de origem inteiramente diversa. É uma mania como outra qualquer a de achar semelhança entre cousas differentes e os mestres da sciencia da linguagem já notaram e estabeleceram que é um erro por meras concordancias parciaes estabelecer-se parentesco de linguas que todas as considerações obrigam á suppôr que nunca se mesclaram nem tiveram occasião de contacto. É deste modo que alguns já acharam parentesco entre o ABAÑEÊNGA e o grego porque deparam-se termos como *og* casa que lembra *oikos*; *poro* gente, ou muitos, que assemelha-se a *poly*, etc.

É preciso realmente muita vontade de achar pa-

rentesco em toda a parte para etymologicamente ligar Perú, Pará, Paraguay, Veragua, Paria, Parina e por fim Brasil.

É possível que assim seja; é possível filiar o KECHUA ou outras linguas americanas a tronco sanskritico. Mas então é porque nesse caso já se pôde provar *scientificamente* que houve um unico Adam e confirmar a tradicção biblica com os dados fornecidos pela sciencia. Então os dados fornecidos pela comparação das linguas terão chegado á mais alta precisão, dando a synthese da sciencia linguistica. É difinitivo que a questão ethnographica pôde ser decidida pela sentença final de uma origem unica de todas as linguas, ou que pelo menos a *species homo* no que diz respeito á expressão do pensamento, tambem parece-se comsigo só.

Para se compararem as linguas é preciso primeiro que tudo que se as conheça e bem; tão evidente é isto que basta dize-lo.

Pelo menos este modo de vêr conforma-se mais com o real e positivo do que tentativas como a do Sr. Fidel Lopes no seu livro *As raças aryannas no Perú*. Como quer se filiar esta lingua ao sanskrit se ainda nem se a conhece nem se a precisou? Como classificar uma arvore n'um dado genero quando não se examinou a flôr, não se sabe como é o fructo e mal se estuda a folhagem? Como se dizer peremptoriamente que este vegetal provem de tal região, se no mesmo lugar em que elle se apresenta como objecto de estudo não se investigou ainda se elle parece-se com outros, se ha ou não especies congeneres? vai-se buscar na Asia (está bem) e ainda em cima no tronco commum das linguas aryannas, isto é, das poderosas linguas cultas da civilisação, a filiação de uma lingua que geralmente classificam entre as de agglutinação, entre as que não

chegaram á alto gráo de desenvolvimento, e isto quando ainda nem definiram bem a lingua de que trata-se nem se estudaram as suas relações com as conterraneas. É o mesmo que querer fazer a geologia do Brasil pela geologia da Russia ou do Egypto.

Embora não se admitta em absoluto que o KECHUA ou o GUARANI sejam LINGUAS AGGLUTINATIVAS no rigor da palavra, com tudo não é possível sem mais nem menos filial-as á familia sanskritica; com igual razão poderiam filiar-se á semitica. Entre o Sr. Fidel Lopes e von Martius está o caminho direito, que é o da observação e estudo consciencioso das linguas americanas.

Não comporta este pequeno trabalho o necessario desenvolvimento de algumas ideias em referencia ao estudo das linguas americanas; mas sem a menor duvida a primeira cousa que importa é fixar qual é a lingua de que se tracta, coordenando e systematisando a sua orthographia, afim de que se não tomem por sons da lingua, aggregados de lettras muitas vezes antipathicas á indole della, nem se supponham de idiomas diversos, vocabulos, que só differem pela forma da escripta.

Assim o primeiro dos trabalhos á fazer é reunir com fastidiosa paciencia, e com criterio tudo quanto se acha esparso nos diversos autores de diversas nacionalidades, e por conseguinte annotado com a mais variada orthographia, coordenar esses sons escriptos de tantos modos differentes, esmiuçar as phrases e assim penetrar no sentido dos primeiros radicaes. Ahi vai-se deparar até com erros de impressão, e até erros resultantes de esquecimento dos primeiros viajores que com o decurso dos annos não comprehenderam mais as notas que elles proprios escreveram. Dessa coordenação de orthographias ver-se-ha que o que se tomou

por cousas differentes não no são realmente, e que até inventaram-se nomes que nunca houve na lingua dos indios. Os poetas nos seus versos têm fallado da *inubia*, cousa que nem os guaranis das Missões, nem os tupis da costa, nem os omaguas do sertão conheceram; o nome generico da flauta em ABAÑEËNGA era *mimby*, que escripto *mybu* e tambem *mubu* depois tornou-se *inubie*, expressão que á meu ver ajunta lettras de um modo ávesso á indole do ABAÑEËNGA.

No mesmo caso está o celebrado *piága*, que pecca pelo mesmo motivo e que procurado nos escriptores antigos não se acha. O feiticeiro, o curandeiro, o medico, ás vezes com certas funcções sacerdotaes, pelo que consta tanto de escriptos ácerca do Paraguay como das chronicas dos brasis, era *paijé* (qui dicit finem, litteralmente). Este nome apparece escripto *paye*, *piaye* e até *piache* e de outros modos; no segundo modo de escrever *piaye*, bastou que por erro de impressão se mudasse o *y* em *g* para tornar-se *piage*, donde o *piaga*, cujos cantos tanto que fazer têm dado aos litteratos e romancistas.

Além deste apanhado de tudo quanto se tem escripto é preciso colligir com escrupulosa attenção não só os dizeres dos nossos matutos, nos quaes se conservam muitos vestigios da lingua fallada pelos primeiros incolas, mas ainda e principalmente apanhar as fallas dos indios com a maior exactidão possivel e escrevel-as de modo que possam ser reproduzidas com a maxima fidelidade. Emquanto se não adoptar uma orthographia uniforme é isto impossivel.

Mesmo depois de estar systematisada a orthographia, o apanhado das fallas dos indios não é facil e exige muito criterio d'aquelle que toma as notas. Se até entre homens não selvagens, por exemplo

entre um inglez e um portuguez que não sabem a lingua um do outro, é difficilimo o colloquio de modo que se entendam, e dão-se equivocos extravagantes, não obstante o subsidio dos gestos e signaes, o que não será entre homem civilisado e indio do matto? O indio tem modos de vida e pensares differentes dos do homem civilisado e vice-versa; á um são inteiramente desconhecidas cousas que o outro suppõe que todo o mundo sabe. Só dahi quantos equivocos não resultarão?

Nem tanto será preciso. Supponha-se que queiram apenas tratar das cousas mais geraes que necessariamente têm uma expressão na linguagem, por exemplo das partes do corpo humano, e que se pergunte por gestos ao indio como é que elle chama a cabeça. Elle poderá responder com dicção de sua lingua minha cabeça ou tua cabeça ou cabeça delle conforme o objecto designado, apontado pelo gesto, mas nunca ou quasi nunca cabeça simplesmente. Nos vocabularios é frequente acharem-se phrases em vez de vocabulos; é preciso já certo desenvolvimento e cultura para isolar das phrases as partes que a compõem, e perguntando-se ao indio como é que elle diz matar elle responderá eu mato ou ainda mais complexamente eu mato a cobra. Com um exemplo do GLOSSARIA de Martius tornar-se-ha sensivel o que ha de vago nestas proposições. No DIALECTUS VULGARIS a expressão caput está traduzida por *acanga*, *jacanga*, *canga*; no APIACÁ vem *ai-acana*, no CAYOWÁ está *siakan*, no OMAGUA e CAMPEVA apparecem *yakaih*, *yacae*. Tudo isto que faz suppôr dialectos differentes se reduz á nada desde que se attende á correccção orthographica e tambem ao fallar do indio. *Akang* signica cabeça (caput), *ij-akang* a cabeça delle (*illius caput*), *xe-akang* minha cabeça (*meum*

caput). Ora *jacanga*, *ai-acana* (orthographia franceza de Castelnau) *yucac* e *yakaih* correspondem á *ij-akang*, e *siakan* é evidentemente *xe-akang*.

Dir-se-há que, tem pouca importancia practica, immediata e effectiva, este estudo talvez frivolo para muita gente.

Não é assim. Á um estrangeiro, que só saiba o portuguez aprendido regularmente por livros, em todo o caso será mais facil fazer entender-se nesta lingua do que se nada soubesse della e de repente se visse na necessidade de se exprimir em portuguez. Ainda que todos os indios que restam pelo interior do Brasil não fallem dialectos do ABAÑEÊNGA, é fóra de duvida que, quem tiver conhecimento de LINGUA GERAL, terá menos difficuldade de se entender com elles, ou pelo menos com os que descendem de TUPIS ou OMAGUAS.

O que não póde e não deve continuar é este arbitrio e anarchia de orthographias, que impossibilita o estudo das linguas indigenas sem a minima vantagem para ninguem. Só dos indios CAJUÁS dos campos de S. Paulo e Matto-Grosso possuo tres vocabularios, dous fornecidos por dous amigos e um no tomo 19 da *Revista do Instituto*; as orthographias (todas de brasileiros!!!) autorisariam que se os tivesse na conta de tres dialectos, da mesma lingua de certo, mas sempre differentes.

Se, pois, ha realmente vontade de se fazer alguma cousa para civilisar os indios, uma das primeiras necessidades é o conhecimento da LINGUA GERAL, e depois o dos seus dialectos e das outras linguas.

Isto, porém, não se poderá fazer enquanto se não adoptar uma orthographia uniforme, porque senão, quantos forem os organisadores de vocabularios, tantas serão as linguas.

Se não servir a orthographia aqui proposta, rejeitem-na, mostrem que ella não serve, mas emfim proponha-se outra mais acceitavel e definitivamente fixe-se a orthographia.

No seio mesmo da sciencia vão os dislates orthographicos influir de uma maneira desastrosa. O nome *Cariama* dado ao *Microdactylus* de Geofroy de Saint Hilaire ou *Dicolophus* de Illiger, tomado da LINGUA GERAL, deveria ser *Sariama*, pois que o primeiro não tem explicação plausivel no ABAÑEÊNGA e o segundo é correspondente á uma cousa que distingue esta pernalta, a *crista ou topete em forma de espiga*. Embora Azara dê o nome como onomatopaico do grito da ave, na descripção que elle faz dos caracteres do passaro foi que descobri a significação do nome quasi litteral em ABAÑEÊNGA.

ERRATA

Decidido que para representar o som *sh* (inglez) ou *sch* (allemão) ficassem os caracteres *ch* por ser de todo improprio o *x* (portuguez), torna-se necessario notar que, por equivoco, escaparam alguns *x* que devem ser substituidos por *ch* nas paginas já impressas, 6, 26 e 40.

ORTHOGRAPHIA E PROSODIA

Tanto na grammatica e dictionario do ABAÑEÊNGA, como nestes opusculos, os caracteres adoptados foram os seguintes na ordem alphabetica geralmente seguida: *a, b, ch, d, e, g, h, i, j, k, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, y.*

Admittiram-se os indispensaveis para exprimir os sons da LINGUA GERAL e preferiram-se aquelles sobre cujo valor phonetico menos duvidas apparecem. Talvez haja no ABAÑEÊNGA sons que assim não sejam bem reproduzidos, mas esta lingua não tem monumentos escriptos, não tem litteratura e seria pretensão irrealisavel a de apresentar com extrema exactidão as menores nuances de sons, tanto mais quanto no decurso de mais de tres seculos soffreram as vozes innumeras modificações, já pelas leis de evolução propria ás linguas, mormente das que não são fixadas litterariamente, já pela mistura de vozes de outras linguas.

É facil portanto e é natural que se ache imperfecto e deficiente este alphabeto, mas é o indispensavel e apto para a representação dos sons usuaes da lingua, que tem fornecido tantas expressões e vocabu-

los ao portuguez e espanhol fallados na vasta peninsula Sul-americana, dos quaes não pequeno numero foi transplantado para os livros de sciencia. Mais miúda descriminação de sons serviria apenas para dificultar o estudo da LINGUA GERAL sem concorrer muito para a elucidação dos radicaes.

Ha annos que tomo notas para a grammatica e diccionario do ABAÑEÊNGA e foi posteriormente que tive conhecimento das licções de linguagem do Sr. Max Müller e li outras obras. Tornava-se penoso refundir tudo e reproduzir o diccionario e a grammatica conforme o alphabeto physiologico que devêra e tende á tornar-se universal. Por outro lado porem reconheci tambem que poucos são os sons cuja representação não está de accordo com a adoptada no alphabeto physiologico, e assim mediante algumas explicações podia ser acceito tal qual, tanto mais quanto é o proprio que conviria para representar taes sons em portuguez e em espanhol. Os portuguezes e espanhóes foram os primeiros e principaes conquistadores da America do sul, as suas duas linguas irmãs são as falladas mais geralmente em quasi todo o continente austral da America e as que maior numero de vocabulos do ABAÑEÊNGA tem adoptado ; portanto por este lado até é conveniente a reproducção dos sons do ABAÑEÊNGA de um modo que esteja em harmonia com a pronunciação destas duas linguas de origem latina.

Convem apenas, como já ficou dito, algumas explicações acerca dos caracteres adoptados e dos sons que elles representam.

DAS VOGAES

O ABAÑEÊNGA é rico de vogaes e relativamente pobre de consoantes.

Comparando-se as suas vogaes com as do schema do Dr. Lepsius

	<i>a</i>	
<i>é</i>	<i>eu</i>	<i>ò</i>
francez	francez	italiano
<i>ê</i>	<i>ö</i>	<i>ô</i>
francez	allemão	AU; francez
<i>î</i>	<i>ü</i>	<i>u</i>
francez	allemão	OU; francez

vê-se que exceptuando as da carreira central *eu*, *ö*, *ü*, elle tem todas as outras. Mesmo na carreira central ha uma *sui generis* que até certo ponto assemelha-se á *ü* e que representa-se nestes opusculos e no dictionario por um *y*. Assim o schema das vogaes do ABAÑEÊNGA póde ser

	<i>a</i>	
<i>é</i>	<i>ô</i>	
<i>ê</i>	<i>ô</i>	
<i>i</i>	<i>y</i>	<i>u</i>

accentuando-se as vogaes *e*, *o*, á portugueza.

A vogal especial, representada por *y* carece de de-tida explicação, por ser a que apresenta maior diffi-culdade na pronunciação e por ser caracteristica no ABAÑEÊNGA. Tem ella alguma semelhança com o *u* francez ou *ü* allemão, mas é na realidade muitissimo distincta.

Eis o que acerca deste som vem na grammatica do Padre Anchieta:

« *i* vogal que em muitos vocabulos se pronuncia
« aspero com a garganta, bem se lhe póde escrever
« *g* in fine, acabando-se a dicção no mesmo *i*, porque
« compondo-se com outra dicção começada com vogal
« exprimitur *g* ut *ig* rio, *atã* direito, composto diz *igatã*
« rio direito.

« In medio dictionis não se soffre porque quem não
« sabe a lingua, pronuncia muta cum liquida, ut:
« *imondopira* dirá *i mondopigra*.

« E encontrando-se com qualquer consoante no
« meio ou no fim, fará um concurso muito aspero de
« consoantes ut: *tigba*, *agigb*, etc. E nem com isso o
« ha-de saber pronunciar de qualquer modo que se
« escreva, se não fôr ouvindo-o viva voce.

« Por isso, para conhecer ser este *i* aspero, se es-
« creve com um ponto em baixo e ficará iota subscri-
« pto *i* porque faz muito differente significação do *i*
« leve ut: *i* (sub-punctuado) agua com *i* aspero, *i* is, ea, id,
« com *i* lene; *ayopi* (sub-punctuado) tanger trombeta ou frauta,
« *ayopi* picar uma vespa. Ou se ha-de deixar ao uso, porque
« alguns muito bons linguas o não podem pronunciar:
« mas ex adjunctis se entende o que quer dizer.

« *ia* com *i* aspero commummente é dissyllabo, ut:
« *pia*, *abiar*. »

O Padre Figueira á respeito d'este som disse: « cos-
« tumaram os antigos linguas usar do mesmo *i*, jota
« com dois pontos, hum na cabeça e outro no pé, e
« lhe chamavam *i* grosso, porque a pronunciação he
« como entre *u* e *i*. Donde nasce que alguns o fazem
« *u* e outros o fazem *i* e forma-se na garganta como
« *ig*; mas porque na impressão não se pode metter
« este *i* com os dois pontos, em lugar delle se poz *y*;

« o qual todas as vezes que se achar no meio ou no
« fim de alguma dicção, se pronunciará como grosso
« no modo sobredito. »

A *advertencia* do CATECHISMO DO PADRE ARAUJO transcripta no dictionario PORTUGUEZ E BRASILIANO diz: « *y*
« é nota de voz guttural, que se forma na garganta,
« dobrada a lingua com a ponta inclinada abaixo, e
« lançando o halito opprimido na garganta, com um
« som mixto e confuso entre *i* e mais *u* e que não é
« *i* nem *u*, envolve ambos como se vê neste nome *y*
« agua. Os antigos para exprimirem este som, usaram
« de jota com um ponto em cima e outro em baixo.
« Outros escreveram *ig*. Porém, insufficientemente uns
« e outros, porque o jota tem diversa vocalidade que
« nunca chega á proferir este som guttural. Mais pro-
« porcionado é *y* que soando em sua origem aos gre-
« gos como *ug* e pronunciando-o como *u* os antigos
« latinos, os modernos em muitos vocabulos o expri-
« mem como *i*. O Catechismo antigo usava de ambas
« as lettras *i*, *y*, promiscuamente por jota. Aqui por
« não se multiplicarem sem necessidade as lettras e
« pôr as que são necessarias se põe *i* com o seu or-
« dinario som e se reserva *y* para a vogal guttural. »

No TESORO DE LA LENGUA GUARANI o padre Antonio Ruiz declarou que :

« Toda pronunciacion guttural, que se nota com
« esta señal házia arriba (signal latino de breve) es
« larga siempre, ut: *iti* basura; y assi se ha de pronun-
« ciar siempre con assento largo. Lo mismo es la pro-
« nunciacion guttural y narigal simul, cuja nota es
« esta (˘) que se pone sobre la *y*, en que siempre con-
« curren estas pronunciaciones. »

Assim vê-se que o Padre Anchieta para exprimir esta vogal especial do ABAÑÊNGA serviu-se de um *i*

com um ponto sotoposto, o Padre Ruiz de Montoya de um semicirculo com o curvo para cima sobre o *i* (signal de breve latino), e o Padre Figueira, Araujo e outros empregaram o *y*. Uma auctoridade competente aconselhou-me que empregasse o *v* grego, tanto mais quanto o *y* nos ensaios de alphabeto universal é usado para representar a semi-consoante sanskritica correspondente. Já ficou dito por que ficou conservado o *y*.

Com esta vogal *sui generis* não ha, parece-me, nenhuma parecida nas linguas europeas. Chamam-na vogal guttural, mas attentando bem na maneira pela qual ella é formada, dever-se-hia antes chama-la faucal. O melhor modo de percebe-la e forma-la é cantar as vogaes ; vê-se então que ella é feita por uma emissão rapida de som da garganta directamente para o exterior, como que evitando discorrer pelo tubo buccal; por isso póde ella ser considerada como a mais breve e a mais aguda das vogaes, e tanto que, demorando-se um pouco sobre ella, já parece que se forma em seguida uma consoante guttural *g* ou talvez o *ch* allemão. Isto explica em parte o uso que fizeram alguns de *ig* para representa-la.

Para confirmar este modo de considerar a vogal especial *y* do ABAÑEÊNGA, póde-se notar o que acontece nos vocabulos compostos. Ha um termo radical na lingua expresso por essa vogal mera e simples; é *y* agua; compondo-se esse termo com o verbo *ar* capere, sumere, accipere, formou-se *ygár* = *ygá* madidus, madefactus, quod aquam accepit; composto com *ára* (contrácto de *áramo*) formou-se *ygára* super aquam, linter «canôa». Nestes exemplos vê-se que, apenas dá-se a minima demora na pronunciação do *y* immediatamente quer apresentar-se um som consoante guttural, o qual topando uma vogal na expressão que se vai enunciar em seguida, cahe sobre

ella e com ella forma syllaba. O que disse Anchieta e o exemplo por elle apresentado *ygatã* confirmam o exposto.

Não havendo no geral das typographias caractere, gregos aconselharam-me que para representar a vogal especial empregasse o *v* que se parece com o *v* gregos ou então empregasse o *ü* allemão. Nem um nem outro parecem convenientes, o primeiro porque toma-se sempre como consoante, e por isso é mais improprio que o *y* adoptado, e o segundo porque o emprego do trema é necessario para outro fim como se verá.

Além disto, sendo estes opusculos, e tambem o dictionario e a grammatica, especialmente destinados ao Brasil, não convinha alterar em grande a escripta de muitos vocabulos hoje admittidos no portuguez fallado pelos habitantes do imperio. São numerosos os nomes de plantas, de animaes, de lugares e outros do ABAÑEÊNGA hoje correntes em todo o Brasil. E se bem que o *y* do ABAÑEÊNGA na sua passagem para o uso brasileiro algumas vezes tenha tomado o som de *u* como em *Ubatuba*, *Guaratuba*, *ubatã*, *usá*, mais frequentemente com tudo tomou o som de *i* e continúa á figurar na escripta como *y* tal qual se vê em *Sapetyba*, *Parayba*, *Guaratyba*, *Pindayba*, etc. O *v* grego finalmente é tambem representado em portuguez e outras linguas romanicas pelo *y* nos vocabulos oriundos do grego, como se vê em grande numero de termos, mormente scientificos, compostos com *hydro*, *poly*, *lympa*, *syno*, etc.

No GUARANI fallado pelos paraguayos actualmente conserva-se o *i* *gruesso* de Montoya, mas quando esse *i* *gruesso* tem o som nasal elles empregam um *y* italico como vi em alguns numeros do periodico *Lambaré*. Além de outros inconvenientes o *i* *gruesso* não existe no geral das typographias.

Assim as vogaes adoptadas ficam sendo *a, é, ê, i, ó, ô, u, y*, ás quaes cumpriria juntar mais um character para representar a vogal neutra (*Urvocal* ou vogal primitiva — MAX MULLER 3.^a lição da 1.^a serie), a qual é essencial no ABAÑEÊNGA. Mas como esta vogal passa facilmente á todas as outras, no caso geral e quando fôr indispensavel será representada por um *a* sem accentto, e em outros casos pela vogal surda que occorrer mais naturalmente. Com effeito sendo quasi todos, e podia dizer, todos os radicaes desta lingua monossyllabicos, na construcção das phrases frequentemente tornar-se-hão dissyllabos, juntando-se-lhe um *a* complementar, que não é outro senão a vogal neutra. Assim temos: *ab capillus, tub pater, ar dies, mundus, hub quærere, jur venire, tab pagus, og domus, jub flavus*, e que se tornam *ába, túba, ára, húba, júra, tába, oga, júba*.

Quanto á accentuação o simples facto de escrever em portuguez e para uso do Brasil determinou o emprego do accentto agudo para as vogaes accentuadas. O accentto grave seria tambem necessario sobre o *è* e *ò* para differencal-os das mesmas letras quando representam sons abertos. Por exemplo *té* erratus, *di*versus, *insolens* que se pronuncia como o *ä* allemão ou *ai* francez e *tété* corpus que se pronuncia justamente como o participio passado francez *été*. Mas para não multiplicar os signaes empregar-se-ha em vez do grave o circumflexo, que já é necessario empregar em outros casos como se verá. O circumflexo demais disso tambem é usado em portuguez para exprimir o som fechado como servem de exemplo os verbos *lê, crê, vê* o nome *avô* e outros. Á moda portugueza serão chamados *é, ó* vogaes abertas, *ê, ô*, fechadas. O *ô* fechado não é frequente e nem haveria inconveniente em confundil-o com o aberto. O *ê* fechado, porém, convinha

ser discriminado, porque por exemplo em *abaeté* e *abaété* a differença dos sons corresponde á grande differença de significação: o primeiro quer dizer *horridus* *foedus*, *deformis*, e o segundo *verus*, *honorabilis*, *gravis*.

Abundam os sons nazaes no ABAÑEÊNGA e por isso serão empregados os caracteres *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, *y* já admittidos nos ensaios de alphabeto universal. Talvez pudesse o til ser dispensado, considerando-se que no dictionario tem de ser escriptos os radicaes com todas as lettras que o caracterisam, como *ang* umbra, anima, *amb*=*am* stare, sistere immotus, erigi, *ram* quod simulat, imitat, similis. Mas como os GUARANIS e ainda hoje os paraguayos no corpo das phrases enunciam os sons perfeitamente nazaes sem fazerem ouvir as consoantes proprias do radical, torna-se indispensavel o emprego do til para designar o som nasal da vogal. Assim elles dizem *moñã* facere, efficere, fabricare e não fazem sentir o *ng* que termina esta dicção; torna-se isto mais sensivel no derivado *moñãháb* factio, fabrica, em vez de *moñangab*. No mesmo caso estão *porã* pulcher, *ñeẽ* loqui, *ãtã* durus, rigidus, acer, *ĩ* cubare, *ã* erigi, *kã* mammae, ubera, *rã* similis em vez de *porang*, *ñeeng*, *antan*, *m*, *am*, *kam*, *ran*.

Á respeito da quantidade não é possivel estabelecer discriminações bem fixas e pareceu preferivel não adoptar-se designação especial. Apenas, pois, póde-se estatuir que as syllabas escriptas com vogaes accentuadas serão consideradas longas e as não accentuadas breves; por exemplo *abá* homo, gens tem a ultima longa, e pelo contrario *ába* equivalente á *áb* capillus, capilli, crines, tem a primeira longa e a segunda breve e até nulla; *árame* ou *áramo* quum vel ut nascatur, tem a primeira longa e as duas ultimas breves. No mesmo caso estão os sub-junctivos *táramo* ut legat, *káramo* ut frangat, ut secet, *éramo* ut

dicat, *pínamo* ut carpat, ut runcat, *sókamo* ut punctim feriat, contundat. Diversas pospositivas como *pe*, *bo*, *i*, *ne*, em geral accentuadas ou pronunciadas com a vogal bem aberta, são com tudo sempre breves e de mais á mais enclíticas, mas basta a observação e escusa annota-lo na escripta, salvo separando-as da palavra que regem, por exemplo *kópe* ou *kó-pe* in arvo, *ópe* ou *ó-pe* contracto de *óg-pe* in domu; *tábo* ou *tá-bo* legendum, lectu, *húbo* ou *hú-bo* quærendum, quæstu, etc., em que as syllabas finaes são sempre abertas, mas breves. Com tudo para evitar duvidas ainda será necessario em certos casos empregar o signal circumflexo para designar as longas e onde fôr esse signal empregado as syllabas que se seguirem serão sempre breves, por exemplo *karamênquã* arca, capsã, que tem o *ê* longo ainda que a ultima seja accentuada com o til; dá-se aqui uma pronunciação semelhante á das palavras portuguezas sótão, sarámpão, benção e outras.

Além destes signaes torna-se necessario o emprego dos pontos diacriticos para indicar a pronunciação de vogaes concomitantes que formam syllabas separadas. Esta concomitancia de vogaes é frequentissima e até dá-se muito a repetição da mesma vogal como se vê em *kaä* frutetum, *sylva* et herba, *hoö* corporeus, *torosus*, *soö* animal, *ñeëng* loqui, *heë* pellere, *huü* mollis, *piï* tenuis, minutus, e tambem *ñeä* cor et medulla, *pyä* stomachus et cor, *hüä* caulis, *thallus* medullosus, *spina* dorsi, que se pronunciam separadamente de modo que todas estas dicções são dissyllabas.

Fazendo-se algum reparo no modo de fallar, nota-se que os paraguayos frequentemente pronunciam, quando dá-se esta concomitancia de vogaes, a segunda com alguma aspiração. Como se verá adiante existe na lingua a aspirada *h* que corresponde ao SPIRITUS ASPER dos grammaticos, e na concomitancia de vogaes,

de que aqui se tracta, parece que na segunda vogal sente-se o SPIRITUS LENIS. Na dicção *hüü* a primeira syllaba é pronunciada com a aspiração forte do *h*, e na pronuncia do segundo *u* dá-se uma como diérese na qual é sensível o SPIRITUS LENIS differente do SPIRITUS ASPER da primeira. Com o trema (¨), collocado sobre uma das vogaes entre as quaes apparece uma como diérese, se indicará onde deve haver SPIRITUS LENIS; devia este signal ficar sobre a vogal que tem o SPIRITUS LENIS, mas nem sempre é isso possivel, como por exemplo em *ñëë* = *ñëeng* loqui, *ñëê* = *ñëem* effundi, *hëë* *sapidus*, onde as syllabas que tem SPIRITUS LENIS já são marcadas com outro signal.

Os pontos diacriticos são indispensaveis tanto mais quanto na lingua ha tambem abundancia de diphtongos e cumpria distingui-los. Em *pyä* *stomachus*, *byä* *commodo* esse (propriamente *être à son aise*) ha duas syllabas e na segunda o SPIRITUS LENIS; e pelo contrario em *piâr* se tueri, *pyû* tener, lenis, *hëi* lavare, *hyî* cupere as vogaes formam diphtongo e ha uma só syllaba. Como nas typographias não ha *y* com accentu nenhum, fica ainda um profundo defeito na accentuação de dicções como *pyû*, *hyî* e outros que deveram ter o accentu sobre o *y* por ser o seu som predominante no diphtongo.

Para se tornar bem sensível a differença entre o SPIRITUS LENIS e o SPIRITUS ASPER vejamos se por exemplo: *poö* manus ampla, sc. munificus, beneficus, em que ha SPIRITUS LENIS na segunda; *pohó* e manu ire, effugere, em que a segunda syllaba tem *h* ou SPIRITUS ASPER; finalmente *poóg* manu legere, colligere em que as vogaes *oó* succedem-se simplesmente ambas accentuadas. *Oö* crassus tem SPIRITUS LENIS na segunda, *ohó* it, vadit tem SPIRITUS ASPER; assim a mesma cousa com *ñëë* loqui, *ñëê* effundi, e *ñehē* evacuari, com *pyä* *stomachus* e *pyhar* *tenebræ*.

Por aqui se vê quanto devia ser musical esta lingua, e quanta difficuldade ha hoje para se fazer ideia e differencar suas variadas modulações, que necessariamente estão implicadas em grande numero de vocabulos compostos os quaes por isso até parecem contradizer-se.

Os diphtongos mais usuaes da lingua são formados por *i* e *u* quer antepostos, quer pospostos ás outras vogaes, e existem diphtongos nazaes como em *tāiñ* dens, *hāyĩñ* semen, *granum*, *ũi* urere, *karũi* scabere, *scalpere*. Estes diphtongos *āi*, *ēi*, *ĩi*, etc., pronunciam-se proximamente como em portuguez *mãi*, *bem*, *muito*, etc., á que até certo ponto correspondem em francez os sons nazaes que ha em *montaigne*, *poing*, *regne*, etc.

Para se conhecer quando ha diphtongo, empregar-se-ha o accento circumflexo sobre a vogal principal ou dominante, ficando a outra sem accentuação alguma. Quando a vogal principal do diphtongo fôr nasal o mesmo til sobre ella supprirá o circumflexo. Quando enfim o mesmo diphtongo fôr breve, a vogal accentuada que o precede receberá o accento. Exemplo: *pāi* omentum, *hēi* lavare, *pēu* pus, *sanies*, *hāyĩ* semen, *ákuā* cuspis, *mucro*, *kuāb* transgredi, *transire*, *guēr* vetus, *preteritus*, *guēb* deletus, *obliteratus*, *uyb* sagitta, *kuĩ* farina, *pulvis*, *kũi* vas, *cyathus*, *crater*, *ũi* urere, *uĩ* pulvis, *mēnguā* offensa, *damnum*.

DAS CONSOANTES

As consoantes ordenadas segundo o modo de formação resumem-se nas explosivas ou dividuas :

Gutturaes	<i>k</i>	<i>g</i>	<i>ñ</i>
Dentaes	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>n</i>
Labiaes	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>m</i>

As quaes tem-se de juntar ainda algumas fricativas ou continuas e uma ancipite ou trinada.

A guttural continua forte foi designada pelos espanhoes pelo *h* e pelos portuguezes muito impropriamente por *ç*. É evidente que devia ser preferido o *h*. Esta guttural passa, não raras vezes, á sibilante dental *s*, que tambem por vezes muda para *sh* (inglez), *sch* (allemão) e que aqui vai figurada *ch*. Este *ch* em alguns lugares do interior e em S. Paulo, se faz ouvir tambem com *tsh*. Assim nos participios em *háb* ou *hár* o *h* passou frequentemente á *s* e depois á *sh* (*ch*). Na saudação paraguaya *maechápa re in*, ut vales? *echápa* vem de *esába* que antes fôra *chába* substantivo participio do verbo *é dicere*.

Adoptado o *y* para representar a vogal especial do ABAÑEÊNGA não houve remedio senão admittir o *j*, ainda que não muito proprio, para representar a semi-consoante que se ouve em *jakaré*, *jagua*, *jar*, *je*, *jo*. A pronunciação deste *j* varia em extremo conforme as localidades, ora não se differencando da vogal *i*, ora soando como *dj*, ora passando á *ñ* e até á *ch*. O som que mais propriamente se lhe pode attribuir o do *Ja* sim em allemão ou então o do *avez* tende vós em francez. De passagem do *j* para *ch* tem-se exemplo em *cha-ha* em vez de *ja-há* eamus e em outros imperativos de verbos.

Só falta agora considerar a trinada *r* que suppuz á principio corresponder á semi-vogal sanskritica, e que pessoa habilitada me fez vêr que não passava de uma semi-consoante branda. O som deste *r* é o que se ouve nas palavras portuguezas e espanholas caro, sonoro, ara, ira, no francez cher, colere, sirop, heros, no allemão hier, er, etc. De ser branda a pronunciação deste *r* ainda mesmo no começo das dicções provem o erro de terem escripto, quer em espanhol quer em portu-

guez, *erê* em vez de *rê* para exprimir a prepositiva verbal da segunda pessoa do singular.

Ainda é preciso uma observação á respeito das consoantes dividuas *g*, *d*, *b*, das quaes só a primeira é a que se apresenta começando dicções sem pronunciação nasal. As outras duas *d* e *b* em geral no começo das dicções sôam sempre como *nd*, *mb*. Por isso talvez osse melhor representar as dividuas do ABAÑEËNGA pela serie

<i>k</i>	<i>g</i>	<i>ng</i>	<i>ñ</i>
<i>t</i>	<i>d</i>	<i>nd</i>	<i>n</i>
<i>p</i>	<i>b</i>	<i>mb</i>	<i>m</i>

Com effeito nas dicções *mbae* res, *mbói* anguis, coluber, *mbir* pellis, cutis, *mby* pes, pedes, *nde* tu, libi, te, *ndu* sonare, strepitare, etc., o *b* parece precedido de *m* e *d* de *n*. Como que se sente aqui tambem o SPIRITUS LENIS que notamos acima na concomitancia de vogaes, e que parece haver no *re* prepositiva pronominal da segunda pessoa dos verbos.

Cabe aqui consignar uma nota. Embora seja arriscada a asserção, indico-a para que outros que tenham mais facilidade de tracto, quer com os nossos indios, quer com os paraguayos, a verifiquem. Este SPIRITUS LENIS que existe na pronunciação de *mbäe*, *mbói*, *nde*, etc., parece-me ser uma cousa inteiramente especial ao ABAÑEËNGA e á outras linguas americanas. Com alguma attenção de facto nota-se um halito inspirado e não expirado, que precede á explosão da consoante *b* ou *d*. Analoga inspiração póde se reconhecer nas consoantes duplas do KECHUA como *ccapa* letus, *ttanta* panis, que Tschudi escreveu com *k* e *t* especiaes. Esta inspiração é mais difficil de se reconhecer na pronunciação do *re* prepositiva pronominal, mas é evidente na

concomitancia de vogaes, de que tractou-se acima, e tambem na pronunciação do *y*, a vogal especial. Houve dantes com effeito essa *inspiraço* de sons? Parece que sim. Esforçando-me por vezes com os paraguayos para pronunciar o *y* e as vogaes duplas de *soö*, *ñeë*, *suü*, etc. reparei que alguns (e estes visivelmente GUARANIS puros) não enunciam, antes propriamente *engoliam* o *y* e as vogaes reduplicadas. Conversando depois com outro paraguayos que tinha tal ou qual instrucção, e que forneceu-me escriptos em ABAÑEÊNGA, elle disse-me que assim só fallavam *kaäygua* indios do matto, caboclos puros.

Donde conclui que este modo de pronunciar, proprio dos indios primitivamente, foi perdendo-se com o contacto com os europeus que não têm sons dessa natureza. Viajantes observadores que têm percorrido os nossos sertões confirmam que é frequente ouvirem-se dos indios estes sons engolidos e á final na roça, entre os caipiras e *matutos*, é conhecida a interjeição *chá* e outros cacoethes em que se ouve essa *inspiraço* de som.

Assim parece que não só a vogal especial *y* e a duplicada das dicções que a tem, como ainda as nazaes iniciaes de dicções que começam por *mb*, *nd*, e talvez *r*, tinham essa *inspiraço* devendo notar-se que com *y*, *mb*, *nd*, a *inspiraço* precede, e nas dicções de vogal dobrada a *inspiraço* segue a enunciação da syllaba immediata.

Na ARTE DE LA LENGUA GENERAL DEL REYNO DE CHILE o padre Andres Febres dá ideia de um *ù* especial da lingua ARAUCANA, brevissimo á tal ponto que, mediante certas considerações, é por vezes supprimido na escripta, *nemùl*, *mamùll*, *pelùm* que tambem se escreviam *neml*, *mamll*, *pelm*. Este *ù* especial lembra muito o *y* do ABAÑEÊNGA, não obstante ser facil não

achar analogia entre um e outro porque esse *ù* apresenta-se á formar syllabas em concomitancia com sons inteiramente estranhos ao ABAÑEÊNGA que por exemplo não tem o *l*.

O desapparecimento deste *ù* deixa vêr concomitancia de consoantes, como por exemplo, em *neml*, o que tem o seu analogo nas consoantes duplas do KECHUA *ppacha*, *ccara*, etc., e, como já foi apontado, faz lembrar os *mb*, *nd* do ABAÑEÊNGA. Quando menos, estas analogias desafiam o estudo destas linguas e provocam a sua comparação.

Uma observação que interessa, é sobre a ausencia de certas consoantes no ABAÑEÊNGA. O *f* e o *v* talvez podessem considerar-se impossiveis para aquellas tribus TUPIS OU GUARANIS que tinham o costume de furar o labio para nelle metter o batoque. Em geral vê-se que este uso devia influir muito na pronunciação das labiaes, e dahi tambem é possivel que prove-nha a raridade de vocabulos que tenham *b* por inicial; quasi sempre neste caso as iniciaes são *mb*. Que influencia podia exercer isto sobre a inspiração que precede as consoantes *b* e *p* é o que será difficil decidir.

Compendiando o exposto sobre as consoantes e comparando os signaes adoptados com os que têm sido usados na escripta portugueza e espanhola, eis as poucas differenças:

Eliminou-se o *ç* dos portuguezes e ficou o *h* dos espanhóes, mais proprio para exprimir a aspiração.

Foram substituidos o *c* (antes de *a*, *o*, *u*) e o *q* por *k*, universalmente usado e proprio para exprimir a instantanea guttural forte. Salvam-se assim as ambiguidades da escripta com *c* e *q* como dão-se em *quér* por *kér* dormire, *cuer* por *kuér* vetus, *cyr* ou *quyr* por *kыр* tener,

viridis, *páceme* ou *páqueme* ou *pácamo* por *pákamo* eum expergiscatur, (*paceme* escreveu Anchieta).

Preferio-se o *ñ* espanhol ao *nh* portuguez correspondente á *gn* francez. O *ñ* é sem duvida preferivel não só porque é usado geralmente, como porque representa-se o som por um só character, evitando ambiguidades. Escripto este som *nh* á portugueza dar-se-hia confusão entre *anhó* (*ang-hó*) animæ ire, suspirus e *añó* solus, unicus. Se fosse adoptada a franceza *gn* poderia ainda apparecer alguma confusão com os sons representadas por *g* e por *n*.

Por motivos identicos preferio-se o *s* em vez de *ç* e de *c* (antes de *e*, *i*) para a sibillante.

O emprego do *ç* á portugueza trouxe o inconveniente de confundir-se o *s* com o *h*. Este *h* representa por si um elemento grammatical; nomes e verbos começados por *t* representam certo estado absoluto; logo que se subordinam á nomes e pronomes mudam o *t* em *r*, e quando o pronome é de 3.^a pessoa o *r* torna-se *h*, e este muda para *gu* quando é reciproco. Por exemplo: *tub* pater, *che-rub* meus pater, *nde-rub* tuus pater, *karäi-rub* christiani pater, *hub* ejus pater, *guúb* suus pater. Já não acontece assim com o *s* que não varia e que até parece exigir, quando está no começo dos vocabulos, uma syllaba addicional preposta. Por exemplo *sá* oculi que faz na forma absoluta *tesá* oculi e depois conforme a regra das mudanças do *t*, *che-resá*, *nde-resá*, *hesá*, *guesá* mei oculi, tui oculi, ejus oculi, sui oculi; *Tupã-resá* Dei oculi. Aqui vê-se que o *s* do radical ficou invariavel.

Para a semi-consoante quasi chiente adoptou-se *j*, convindo não confundi-la com *i* que tambem por si representa um pronome de 3.^a pessoa e com certa classe de nomes e verbos corresponde ao *h* já mencionado. Só na grammatica póde ser elucidado o que diz res-

peito á esta particula demonstrativa, mas nos seguintes exemplos se verá a necessidade da distincção entre *i* e *j*: *ai-ar=aiár* eum colligo, *a-jar=ajar* adhereo, *ai-u=aiú* eum edo, *a-ju=ajur* venio, *á-jú=ajúb* requietus sum.

Afinal empregou-se *ch* para o chiante *sh* (inglez) = *sch* (allemão) = *ch* (francez). Talvez conviesse empregar *x* por ser um só character com o qual se evitaria o duplo emprego do *h*, e porque é o som que lhe dão os portuguezes em muitas dicções como xadrez, rixa, lixa, praxe, etc. Mas é tão differente o som attribuido á *x* no geral dos alphabetos que apezar de empregar dois caracteres (*ch*) para um som, com tudo foi preferivel. Por fim este som chiante do ABAÑEÊNGA que corresponde a *sh* inglez ou *sch* allemão, n'alguns lugares sôa quasi *tsh* ou ao menos como *ch* de *church* igreja, e assim em todo o caso é preferivel o *ch*.

METAPLASMOS

Para ultimar as observações acerca dos sons e das letras que os representam resta tratar dos metaplasmos usados, muitas vezes por mera euphonia. Vê-se que fallando da troca de letras umas pelas outras tracta-se da mudança dos respectivos sons e não da troca por mera alteração de orthographia.

O *y* especial do ABAÑEÊNGA é de todos o que tem soffrido maior mudança, o que é natural, visto ser o som mais difficil e portanto mais alteravel. No Pará e em geral no norte, segundo se vê do vocabulario do Padre Seixas e de Gonçalves Dias, e como é confirmado por viajores observadores, o *y* degenerou em *ê* e em *u*. O verbo *tyba* jacere dizem *teua*, em vez

de *jasy luna* dizem *jasé* e a negativa *eyma* tornou-se *éma*.

A mudança de *y* para *u* vê-se em *apymō* mergere que tornou-se *apumũ*, em *memby* tibia, listula, tuba que passou á *membu*, em *hayhúb* amare hoje *sausúb*, em *mytuü* quiescere agora *mutuü*. A mudança do *y* para *i* também se deu no norte, mas foi quasi geral nos vocabulos introduzidos no 'portuguez, como já se apontou em *sapetyba*, *pindayba* e outros embora escriptos com *y*.

Afinal, nos vocabularios de Gonçalves Dias e do Padre Seixas apparece o *y* representado por uma simples apostrophe como em *p'a* por *pyä* stomachus.

As vogaes *o* e degeneraram em *u*, exemplo: *potiá* pectus *putiá*, *porang* pulcher *purang*; o pronome *jo* tornou-se *ju*, *jetyk* tubera passou a *jutika*.

De *o* mudado em *a* já ha exemplo no mesmo TESORO onde vem *marangatu* por *morangatu* pulcher, bonus id est virtute peditus, *maranduba* por *moranduba* novitates sc. eorum quæ sunt auditio.

O *e* também por vezes muda-se em *i* e vice-versa, veja-se *tekó* esse que faz *a-ikó*, *re-ikó*, *o-ikó* em vez de *a-ekó*, *re-ekó*, *o-ekó*, e *ten* cubare que faz *a-in*, *re-in* *o-in* em vez de *a-en*, *re-en*, *o-en*.

As duas vogaes *a* *i* são as que menos mudaram. O *a*, porém, quando representa a vogal neutra por vezes é apresentada como outra qualquer e em composição desaparece quasi sempre, como em *ybatan* arbor rigida, lignum solidum de *yba* ou *yb* e *antan* e em *ramo* desinencia do subjunctivo que já desde Figueira apparece *reme*.

Nas nazaes apresenta-se grande tendencia de esquecerem-se as lettras complementares do radical, principalmente no Paraguay. O adjectivo *antan* durus, rigidus é escripto e pronunciado *âtã* e na primeira

syllaba o som nazal é apenas sensível de modo que já se podia escrever *atã*. No mesmo caso estão *porã* quasi *porá* em vez de *porang* pulcher e outros.

O som nazal de *y* é duvidoso que o houvesse em muitos casos, e parece antes ter sido alteração da labial *b* para *m* como se vê em *yb* arbor, mudado para *ym* em *ymbira* arboris pellis, arboris cutis.

Em *ẽ*, *ĩ*, *õ*, ha muitos exemplos de ter tambem desapparecido o som nazal, como mostra *manõ* deesse que em muitos lugares se diz *manô*.

As consoantes, como acontece em toda parte, trocam-se umas pelas outras da mesma classe, ou formadas no mesmo lugar dos órgãos vocaes, isto é, as labiaes entre si, o mesmo com as dentaes, etc.

As gutturaes alternam-se frequentemente, e vê-se *gantim* por *kantim* ossis acumen, *garaib* por *karaib* sanctus, etc. No supino dos verbos acabados em *g* sempre ha mudança de *g* em *k* como em *og* supprimere, *óka*; *pog* rumpere, *póka*. Alem disso o *g* tem desapparecido em muitas dicções, e não só o *g* mas o *u* que costuma acompanhá-lo e com elle se liquida. Assim *guasú* grandis tem ficado *uasú* e *asú* (e até *usú*); *jaguá* felis, *jauá*; *guatá* ambulare, *uatá* e *atá*; *guapy* sedere, *uapy* e *apy*.

Comparando-se o que disse Figueira, o Dictionario brasiliano e outros com o que vem no TESORO achase *o*, *u* em vez de *gu* em: *oapy* por *guapy* sedere, *oasem* por *guasem* clamare, *oára*, *oama*, *oaba*, por *guara*, *guama* *guaba* (desinencias participiaes). Em *karamemoã* por *karamenguã* dá-se troca de *ngu* por *mo*.

Um dos metaplasmos mais usados dá-se no abrandamento de *k* em *ng* quando formam-se compostos, por exemplo: *kér* somno se dare, conferre se dormitum, *mongér* aliquem somno dare, conferre dormitum; *karu* se alere, *mangaru* alere.

A aspirada *h* em composição é inteiramente subordinada aos sons que a precedem e com elles muda como se vê nos participios em *háb* e *hár*. A desinencia geral é por exemplo como no verbo *mboé* docere, que faz *mboeháb* quod docetur, doctrina e tambem schola, *mboehar* qui docet, magister. Mas conforme as terminações da radical do verbo o *h* soffre mudanças como se vê em *ñā* ou *ñan* currere, que não faz *ñāhár* nem *ñāháb*, mas sim *ñandab* cursus, *ñandár* qui currit, assim em *moñang* facere, *moñangáb* quod fit, *monhangár* factor, *mondog* discerpere, *mondokáb* quod discerpitur, *mondokára* qui discerpit, *moam* tollere, *moambáb* quod tollitur, *moambár* qui tollit. Nestes exemplos vê-se o *h* amalgamado com a vogal nasal precedente mudar-se em *nd*, *ng*, *k*, *m*.

As dentaes *d*, *nd*, *n* rendem-se umas ás outras e apparecem tambem em lugar da dental forte *t*, mas esta nunca em lugar de qualquer das outras. O pronome singular da segunda pessoa apresenta-se sob as formas *de*, *nde*, *ne*, mas nunca *te* que tem significação diversa. Elle apresenta-se tambem sob a forma *re*, que é a prepositiva verbal da segunda pessoa do singular, e esta ligação entre a trinada *r* e a dental *n* explica o porque nos participios terminados em *ar*, ou *ára*, este *r* frequentemente figura como *n* como se vê em : *yguána*, *maranguiguána*, *sokána*, *apohána*, *jukahána*, *ñandána*, *ñangána* em vez de *yguara* aquaticus *maranguigara* rixosus, turbulentus, *sokára* qui contundit, *apohára* qui facit, *jukahára* qui occidit, *ñandára* qui currit, *ñangara* qui corbe colligit. O *n* por *r* apparece ainda em *nā* = *rā* similis, *noin* = *roin* locare, etc., e o inverso em *rẽ* = *nẽ* oleri.

Só na grammatica póde ser desenvolvida a regra dos radicaes demonstrativos, que pronominalmente se substituem uns aos outros na ordem *t*, *h*, *gu*, *r* e de que já se vio exemplo.

No mais quanto ás dentaes observa-se que no TESORO não vem um só vocabulo começado por *d* e vem muitos começados por *nd*. Entretanto francezes, portuguezes e outros escreveram esses vocabulos com *d*, e ás vezes com *n* ao passo que os paraguayos ainda hoje só usam do *nd*. O pronome pessoal por exemplo da segunda pessoa singular no TESORO é sempre *nde*, outros, porém, escreviam *ne* ou *de*, mas nunca *te* que tem significação diversa. Pelo contrario ha exemplos de mudança de *t* em *nd*, como se vê no verbo *mondyî* *terrere*, composto da prepositiva activa *mo* e do verbo neutro *tyî* *tremere*.

O que dá-se com as dentaes, tambem acontece com as labiaes *p*, *b*, *mb*, *m* que alternam-se obdecendo á certas leis de harmonia e regras grammaticaes. Se o radical tem *p* ou *b* pelo facto de se compôr com dicção de som nazal mudam-se essas lettras em *mb* e *m*. Do é a pospositiva dos supinos gerundios e ella se muda em *ma* e *mo* por exemplo em : *ã* erigi *âma* e não *ãbo*, *nupã* contundere, pulsare, *nupãmo* e não *nupãbo*, *manõ* deesse, *manõmo* e não *manõbo*. Nos supinos gerundios de mais o *b* está sujeito á mudanças analogas ás que vimos para *h*. *Pyrũ* calcare faz *pyrũmo*, *pyrũnga*, *ty* humare, serere, *tymo* ou *tymba*, *mondóg* discerpere faz *mondóka* e não *mondóbo* que corresponde ao verbo *mondó* jubere.

O relativo *bäe* que como pospositiva dos verbos fórma o participio presente *o-mondóbäe* qui jubet, *o-häy-húbäe* amans, este relativo, dizemos, quando isolado é *mbäe*, como em : *mbäe-pe-ê-ré* quid dicis?

O verbo *por* esse e *habere* composto com outras dicções por vezes muda-se em *bór*. O adverbio *bé* mais, tambem posposto á dicções nazaes muda-se em *me* e o mesmo acontece com a posposição *pe*.

No começo das dicções é rarissimo apparecer *b* simplesmente ; de ordinario vem *mb* e este como já disse alterna-se com *p*. Assim diz-se *po=mb* manus, *pir=mbir* pellis, *py=mb*y pes, *pya=mb*ya viscera, *pokáb=mb*okab tormentum, *pug=mb*ug erumpi, *peu=mb*eu pus.

Além destas mudanças dos sons pelos seus correspondentes da mesma ordem (isto é, gutturaes, dentaes, ou nazaes entre si) ainda ha outras que parecem, porém, não são mais anómalas. Uma dellas e das mais frequentes e a do *b* em *u* e *o*. No verbo *tyb* o *b* degenerou em *o*; com effeito a terceira pessoa negativa do singular do presente indicativo é *ndi-tyb* que passou à *nitio* como se vê no dictionario brasileiro e dali ainda à *intio* como está no vocabulario do Padre Seixas.

A pospositiva verbal *haba*, com que formam-se substantivos participios, no norte descambou para *úa*, e ainda mesmo se só havia terminação *br* esta mudou-se em *ua* exemplo: *Peba* planus tornou-se *peua*; *tupába* lectus, cubile, *tupáua*; *ygahába* vas aquarium *ygasáua*. E tambem no meio das dicções como em *abati* milium que ficou *auati*. Em portuguez, sabe-se, trocam muito o *b* por *v* e vice-versa, mas o ABAÑEËNGA não tendo *v* faz a troca do *b* por *u*.

Nem somente se cifra nesta mudança a alteração que soffre o *b*; elle tem sido completamente elidido e junto com elle a vogal da syllaba. *Tubichába* princeps, pelos indios do Pará é pronunciado *tucháua*, *morubichába* ficou *murucháua*, etc. No fallar dos paraguayos tambem ha exemplo do desapparecimento do *b* por exemplo no verbo *kuáb* scire, noscere quando se diz *ndaí kuái*, em vez de *ndaí kuábi* ignoro, ignoseo.

De outros metaplasmos e das figuras de grammatica não é opportuno aqui tractar mais desenvolvidamente; cabe em outro logar quando se analysar a

estructura da phrase e proceder-se ao estudo dos radicaes. É na grammatica que podem ser estudadas certas mudanças de sons subordinados á leis algo uniformes; o ABAÑEËNGA como todas as outras linguas tem o seu modo de variar as vozes conforme a contingencia dos sons, que se compõem.

Exemplos de metathese, verbi gratia, tem-se em *baí* por *aíb* arduus, malus, como agora usam os paraguayos; de apherese em *sá* por *tesá* oculi; de apocope em quasi todos os vocabulos na bocca das gentes do Paraguay e das Missões; de synerese em *tayñ* por *tayîñ* semen em *tañ* por *tâin* dens; de syncopa ou crase em *tamondué* por *tasymondué* myrmecophaga, ou litteralmente formicarum auceps, venator.

A apocopa merece particular attenção porque do uso frequente della entre os paraguayos resultou a principal differença entre GUARANI e TUPI como já foi notado no prolegomeno. Embora pareça repetição fastidiosa torna-se preciso insistir sobre este ponto, porque isto tem induzido á muitos erros, fazendo crêr que differia muito o GUARANI do TUPI. Os vocabulos *tub*, *péb*, *nân*, *tar*, *iab*, *óg*, *pór*, *syb*, *hub*, e outros eram pronunciados pelos paraguayos com elisão da ultima lettra, dizendo elles: *tú*, *pé*, *nã*, *tá*, *ia*, *ó*, *pó*, *sy*, *hú*, e os tupis juntavam sempre a vogal neutra pronunciando distinctamente a segunda syllaba em *túba*, *péba*, *nãna*, *tára*, *iába*, *óga=oka*, *póra*, *syma*, *húba*. Os GUARANIS nem sempre supprimiam essa ultima lettra ou syllaba conforme a euphonia ou a clareza que queriam no que diziam, mas era-lhes mais habitual a suppressão. Os TUPIS não apresentam quasi caso algum em que elidissem a ultima syllaba; provam-no os nomes hoje correntes no Brasil como *peróba*, *pindayba*, *sapetyba*, *karióca*, *pipóka*, *mandioka*, etc. Confrontem-se *yberab* aqua splen-

dens que no Brasil tornou-se *uberába* e no Paraguay *yberá*; *tyjúg* lutum, no Brasil *tyjúkz* e no Paraguay *tujú*.

É claro que aqui tracta-se só de metaplasmos proprios da lingua e não de trocas, equívocos, etc., resultantes do modo differente de escrever e de erros de escripta ou de impressão. Estes são inteiramente desconchavados e exigem apenas attenção para se não cahir em equívoco. De trocas de *n* por *u*, *y* por *g*, *a* por *u* e viceversa e muitos outros erros de escripta ou typographicos estão inçados os livros que tractam do Brasil e tem engendrado muitas extravagancias. No prolegomeno apontamos os dois nomes *piága* e *inubia* que nada significam e que são meros erros de *paijé* e *mimby*.

Além dos erros typographicos ou de copia ha o da orthographia differente, adaptada ordinariamente pelo autor da noticia aos caracteres empregados na propria lingua, em que escrevia. Assim em Lery, em Claude d'Abbeville e outros o *u* é escripto á franchezza *ou*, o *é* vem como *ai*, o *ô* como *au*, o *y* especial como *u*, *ua* ou *oa* como *oi*, *ñ* como *gn*, etc. Os portuguezes para quem o *h* é apenas signal orthographico, porém, mudo na pronunciação, tendo de exprimir a aspirada forte do ABAÑEËNGA serviram-se do *ç* e deste facto resultaram muitos equívocos; com effeito basta a suppressão da cedilha para que o som de *ç* se apresente como *k*, completamente inadmissivel. Digo inadmissivel porque no ABAÑEËNGA ha talvez um caso unico em que a fusão de um *g* e de um *h* (equivalente de *ç*) produzem *k*; é nos participios derivados de verbos acabados em *g* que recebendo as pospositivas *hab* ou *hár*, reduzem o *gh* a *k*, por exemplo em *pog* strepere, crepare, *pokáb* strepitum et quod crepat, tormentum, *pokar* strepitans que segundo as regras de composiçáo da lingua deviam ser *pogháb*, *póghár*, ou ainda *pógaháb*, *pógahár*.

Este ç empregado pelos portuguezes foi tão inconveniente que ainda acarretou outras adulterações de sons produzindo extrema confusão. A terminação do futuro dos participios em *hab* que é simplesmente *haguã* ou *haguam* vê-se escripta em Figueira e tambem em Anchieta *aõama* onde não se vê nada do som guttural tão proprio desta desinencia. Assim *juká-haguama* apresenta-se sob a fórma *juká-ãoama*, *moingó-haguama* como *moingó-aõama*, fórmas visivelmente inconvenientes e não aptas.

É quanto basta para se poderem seguir as correções e interpretações das dicções do ABAÑEËNGA escriptas conforme as diversas orthographias dos que visitaram a terra de Santa Cruz, nos primeiros tempos da descoberta, e sobre ella escreveram noticias.



ADVERTENCIA

Para escrever a grammatica e diccionario do ABAÑEÊNGA foi necessario tomarem-se notas e apontamentos de quantos auctores poude haver á mão, principalmente dos que tractavain de BRASIS e GUARANIS e de cousas á elles relativas. Depois appareceu a conveniencia de serem coordenados alguns desses apontamentos e impressos como complemento da grammatica e do diccionario com o fim de elucidar as deducções formuladas e justificar a correccão orthographica, concatenando umas com as outras as noticias constantes de diversos livros, escriptos em latim, portuguez, espanhol, francez, etc.

Circunstancias e difficuldades diversas tem embaraçado e ainda embaraçam a publicação da obra, cujo plano foi preciso mudar e assim acha-se para bem dizer ainda em osso. Isto determinou a impressão dos apontamentos e notas antes do diccionario e grammatica, á que não poude dar a ultima mão de modo que possam ser entregues aos typos. Falta de livros, difficuldade de consulta dos que ha, n'algumas bibliothec-

cas, e afinal nenhuma sobra de tempo, quasi todo absorvido em serviços obrigatorios de cada dia, evidentemente estorvam a conclusão de qualquer trabalho desta natureza.

Parecerá á muitos cousa de nonada ou de minima importancia esta penosa tarefa de coordenar a orthographia de palavras de uma lingua barbara. Embora; é um estudo como outro qualquer, e depois de concluido vêr-se-ha se tem ou não alguma utilidade.

Tinha de começar pela reimpressão do cap. 21 de Lery. Mas com o prolegomeno e a exposição da orthographia, por mais que os resumisse, ficou occupada uma bôa parte do primeiro folheto dos ENSAIOS, com prejuizo dos que nelles collaboram. A transcripção de Lery fica, pois, para o segundo folheto.

No mencionado cap. 21 de Lery vem com bastante ingenuidade e fidelidade uma especie de dialogo do auctor com os indios, escripto com orthographia á franceza. Si a lingua de que ahi se dá amostra é a mesma que fallavam no Paraguay, e si disso se dá demonstração por meio da correccão orthographica, parece que a cousa não deixa de ter importancia para a litteratura e para a sciencia.

Será transcripto lettra por lettra o que escreveu Lery com a respectiva traducção dada por elle, e parallelamente a correccão segundo a orthographia adoptada. Adiante irão notas explicativas.

Ao Lery seguir-se-hão os apontamentos tirados de Yves d'Evreux, a traducção da viagem de Roulox Baro e outros. De Claude de Abbeville como só conheço a traducção feita peio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques não é possivel tirar copia fiel para ser comparada e discutida.

Sem de forma nenhuma querer desmerecer os tra-

balhos do Sr. Dr. Marques, que aliás são optimos e o constituem benemerito das lettras brasileiras, a enunciação franca de uma ideia algo opposta ao seu modo de vêr e fazer não implica uma censura. Nas traducções de Claude de Abbeville e de Yves de Evreux com que enriqueceu-se a bibliotheca patria, foi muito inconveniente a alteração parcial que se fez na orthographia original dos vocabulos indigenas, alteração que só podia ser feita systematicamente e com prévia declaração, sob pena de concorrer ainda mais para a confusão da lingua já tão incongruente e embaralhada. Para o estudioso destas antigualhas linguisticas foi máo e seria mais de apreciar o que fizeram os Srs. F. Dinis, e Julio Platzmann, reimprimindo fielmente o primeiro Yves d'Evreux e o segundo o Anchieta.

Para concluir este primeiro opusculo e para dar uma amostra da marcha seguida na correccão orthographica, eis um pequeno trecho de Laet, no qual elle fez o confronto de vocabulos da lingua geral dados por Lery com os colhidos na bahia da Traição e os dados por um *lingua* Belga. D'entre os 23 vocabulos transcriptos, em alguns não ha outra divergencia senão no modo de escrever, e em outros mui pouca differença do termo empregado, o qual existe na lingua com outra significação.

Les noms des parties du corps de l'homme

(Desc. des I. Occ. L. 16, Cap. 1.º)

	Selon Jean de Lery	Dans la baye de Traycion	Selon la remarque d'un Belge.
La teste	Acan	Acan	Yahange
Les cheveux	Aue	Aua
Les oreilles	Nembi	Nambi	Namby
Le front	Shua	Suwa
Les yeux	Dessa	Desa	Scescah
Le nez	Tin	Tin	Ty
La bouche	Iourou	Iurou
Le menton	Redmiua	Tedube
La langue	Apecou	Apecong	Ypecou
Les dents	Ram	Tannie	Raaingh
Le col	Aioedé	Aiura	Aiure
Le gosier	Asseoc	Assiocke
La poitrine	Poca	Potiah
Les reins	Rousbony	Yuabebouye
Les fesses	Reuire	Syquarre ou Tobyrrre.
Les espauls	Inuanpony	Attube
Les bras	Inua	Giuwa	Ye
Les mains	Po	Po ou gepo	Poh
Le ventre	Reguie	Zambeli
Les tetins	Cam	Camme
Les genoux	Rodouponam	Tnippha	Nupuha
Les iambes	Resemeu	Gretlma	Youba
Les piés	Pouii	Gepu	Ypuch.

A primeira vista ninguém dirá que são vocabulos da mesma lingua, por exemplo: *reuire* e *syquarre* ou *tobyrrre*, *rodouponam*, *tnippha* e *nupuha*. Entretanto com alguma attenção vê-se que a questão se reduz á orthographia simplesmente.

Akang = *akā* caput. Já se observou no prolegomeno que era habitual entre os GUARANIS e ainda é entre os paraguayos pronunciarem em certos casos o vocabulo

elidindo as syllabas finaes ou as consoantes do radical: *che-rú* por *che-rub* ou *che-ruba*, *che-akā* por *che-akang* ou *che-akanga*. Em *yahange* ha evidentemente troca de *k* em *h* e o *y* é sem duvida a particula pronominal designativa de 3.^a pessoa; *i-akang*, ou melhor *ij-akang* illius caput.

Ab = *ába* capilli. Quer Lery, quer o Belga escreveram *u* por *v* e este estaria em vez de *b* como ainda hoje usam no Pará.

Nambi aures. Lery escreveu á franceza *em* por *am*; o Belga poz *y* por *i* o que é frequente em francez portuguez, etc.

Sybá frons. Laet errou ao transcrever Lery que tem *sshua* e não *shua*; o segundo *s* póde ser erro por *i*, e o *u* = *v*; no Belga *w* = *v* e *u* é francez equivalente á *ü* allemão. Portanto o termo de Lery *sihva* corresponde ao do Belga *süba*, isto é, *sybá*.

Tesá oculi. Em Lery e no da bahia da Traição está *d* por *t* e em um o *s* dobrado. No Belga apparece *se* = *s* e ha de mais um *h* final. O *s* inicial explica-se logo que se veja que póde estar em vez de *h* porque tem-se então *tesá* oculi, *che-resá* mei oculi, *nde-resá* tui oculi; *hesá* ejus oculi, *guesa* sui oculi. Em vista do *h* final é possível que o vocabulo do Belga seja *techag* videre, que no infinito póde fazer *techag* = *techaka*; em vez do *t* absoluto pondo-se o *h*, relativa pronominal, têm-se *hecháka* eum videre.

Tim = *tĩ* nasus. Em francez *in* = *en*, e isto mostra que os BRASIS pronunciavam *tĩ* muito do nariz e talvez com som entre *tim* e *tem*. A escripta do Belga *ty* é desconchavada.

Jurub = *jurá* os, bucca. Já vio-se que a suppressão do *b* final é usual; a semi vogal *j*, não têm conta o numero de vezes que, se acha representada por *i* e

até por *y*. Pela escripta do Belga o vocabulo correspondêra é *jyrú* na nossa escripta.

Tendyba mentum. Laet não transcreveu com exactidão o Lery ; este traz *che-redmiua*. Com este vocabulo temos: *tendybá mentum absolute*, *che-rendybá*, *nde-rendybá*, *hendybá*, *guendybá meum mentum*, *tuum*, etc. Ora sendo visto que *u* vem por *v* equivalente á *b* resta só a anomalia do *dm* em vez de *nd* porque o *i* por *y* não é de estranhar. Na escripta do Belga só falta a designação de som nasal de *tēdube* = *tendyb*; a syllaba final não accentuada acha-se em muitas noticias dos TUPIS e é difficil explicar essa falta de accento essencial.

Apekum = *apekū* lingua. Seja *ou* ou *on* o que vem em Lery e no Belga é possível adaptar-se á verdadeira pronuncia. e apresenta-se apenas mais anómalo *ong* guttural que se vê no vocabulo da bahia da Traição. Quanto ao mais *I-apekū* ou *Ij-apekū* ejus lingua explica a escripta do Belga.

Tāiñ = *tāi*. dens, dentes absolute, *che-rāiñ*, *nde-rāiñ-hāiñ*, *guāiñ* mei, tui, etc., dentes. Em Lery vem *che-ram*, Laet supprimiu *che*. Pronunciando-se *tannie* com accento na primeira e as outras breves e não accentuadas aproxima-se á *tāiñ*. Emfim *ai* valendo *é* em francez e *ng* valendo *ñ* o vocabulo do Belga equivale á *rāeñ* bastante proximo de *rāiñ*.

Ajur = *ajú* collum. Aqui se apresenta um dos casos em que se vê quantos erros se commettem na transcripção dos vocabulos. Laet transcreve de Lery *aiœdé* e em Lery está *aiouré*, e na escripta de Lery só é inexplicavel o accento sobre o *é* final. Na escripta do Belga dando-se á *u* o som francez elle se desvia mais da verdadeira pronuncia que não é *ajyr*.

Jaseóg = *jaseó* guttur. Para se accommodar á verda-

deira pronuncia, só falta tanto em Lery como no Belga a semivogal inicial *j*. A guttural *g* representada por *c* ou mais fortemente *ck* não tem nada de estranho.

Potιά pectus. Em Lery evidentemente houve supressão de *t* e mudança de *i* em *c*. O *h* final no vocabulo dado pelo Belga só teria por effeito dar mais força a accentuação do final de *potιά*.

Tumby renes (ou antes *lumbi*) que faz *che-rumby*, *nde-rumby*, etc. Escrevendo o vocabulo de Lery segundo a pronuncia, fica elle *rusbui*, pois sem duvida está *n* por *u* e *y* por *i*; mas é possível tambem que houvesse erro em *us* por *m* e neste caso o vocabulo pronunciado seria *rombui*; em qualquer dos casos já se approxima de *che-rumby*, pois que Laet supprimio tambem a pronominal *che* de Lery. O vocabulo dado pelo Belga é *ñyá-bebúi* ou *pya-bebúi*, que significam *pulmones*, pois que o primeiro é litteralmente *ñya-bebúi* cordia levía, e o segundo *pya-bebui* viscera levía. Que é um dos dous não padece duvida: em *yua* o *y* póde ser erro por *p* e póde tambem representar a semivogal *j* que se alterna com *ñ*; portanto dando a *u* o som francez tem-se ou *pua* (*pya* para nós) ou *jua* (*jya*=*ñyá* para nós). O adjectivo *bebúi* tambem é pronunciado *bebúia* ou *bebúja* e ahi temos o final do vocabulo do Belga, visto como *ou* vale *u*.

Tebir=*tebi* elunes et nates. Em Lery é claro *u* por *b*, o *r* inicial por *t* mostrando a suppressão feita por Laet do pronome *che* que o precedia. No escripto do Belga vem dous termos; o segundo *tobyrre* é evidentemente *tebira* havendo *o* por *e*, *y* por *i*, *rr* para exprimir á franceza o *r* brando do ABAÑEÊNGA. O outro vocabulo suppondo-se que *y* vale dous *i* ficaria *siikuara* que se aproxima de *hebikuar*. Ora *tebikuara* quer dizer *natum foramen*, *podex*, e *tebikuar* em absoluto, faz nos casos relativos *che-rebikuar*, *nde-rebikuar*, *hebikuar*, etc.

Atiyb humeri et *iyba-ypy* brachiorum exortus, vel junctura. O vocabulo do Belga não carece de grande trabalho para se reduzir á *atiyb* geralmente usado para exprimir hombros; o dado por Lery, porém, soffreu muita alteração; o primeiro *u* (valendo *y*) está escripto *n*, depois em vez de *b* quiz escrever *v* e vem *u*: vem em seguida *n* ou *u* por *y* e á final a syllaba *pony* talvez *pouy* (valendo *ou* em francez *u*) em vez de *py*. O termo *iyba-ypy* além do significado proprio, era empregado para exprimir *lacertus*, mas imprópriamente, porque para isto havia *iybá-ñeã*.

Iyba brachia. Em Lery *n* por *u* (valendo *y*), e *u* por *v* (valendo *b*). Em *giuwa* tem-se apenas de dar á *g* o som de *j*, formar diptongo de *iu*, e fazer *w=v* que está por *b*. O termo *ye* dado pelo Belga não póde ser senão alteração de *yb*, caulis, fustis, truncus, arbor, malus e mesmo brachium.

Po manus e *che-po* mea manus correspondem bem á *poh* e *gepo*.

Tyé ou antes *tyjé* alvus, *també* venter e mais propriamente inguen, porque para venter tinham tambem *takapé*. Em *tyje* o *j* talvez por ser precedido da vogal guttural *y* tem tendencia á soar como *g*. O *r* por *t* já se sabe que é a substituição passando de caso absoluto para caso regido, e o mesmo quando vem *h* por *t* ou *r*. Em *zambéh* é evidente o *z* em vez de *h*.

Kam mamma, uber. OS GUARANIS supprimiam o *m* dizendo *kã*, e OS TUPIS faziam duas syllabas *kama*.

Tenypyã genua. Em Lery o *r* por *t* já se sabe; *rodou* está por *reny* ou *rendy*, e *pouan* (*ponam* erro de *n* por *u*) por *pyã* ou *pyam*. Em *tnippha* pronunciando-se duas syllabas com as lettras *tni* e dando-se aspiração á *h* já o som se approxima de *tenypyã*; em *nupuha* o Belga supprimio a primeira syllaba *te* ou *re* e tornou bem distinctas as duas syllabas finaes *pyã*.

Tetyman crura, *ub* coxa, femur. Em Lery houve erro de *s* por *t* facil de dar-se com o *s* antigo, que se assemelha á *f*; *reteman* já não se arreda muito de *retyman*. Já vio-se *ge* por *che* portanto *gretima* está por *geretima*, que já dá *che-retymã* mea crura. Afinal *youba* está por *ij-ub*, á moda TUPI *ij-uba* illius femur.

Py pedes, pes. E' evidente o *pouii* de Lery que faz duas syllabas em *py* e ainda alonga a segunda. *Gepu* está claro que é *che-py* mei pedes; *ypuch* é sem duvida *i-py* illius pedes.

B. C. d'A. Nogueira.

(Continúa.)



Os Sambaquis



OS SAMBAQUIS

Eis um nome que muito tem dado que fallar, que pensar e que escrever, com o qual muita sciencia tem se procurado casar para dar-lhe vulto notavel; nem faltaram-lhe locubrações dos sabios de *caco de pote*, geologos e anthropologos improvisados. Para colher provas disso, não precisa ir longe, basta folhear a *Revista* do nosso Instituto Historico e Geographico.

O que, porém, mais me scandalizou foi lêr no livro de Lyell, intitulado a *Idade do genero humano*, um paragrapho intitulado os *Diques de Santos no Brasil*.

Ha ahi erro geographico, collocando S. Paulo nas immediações de Santos, e ha tambem erro archeologico e ethnographico, comparando o que viram em Santos com os diques do Ohio e dando-lhes origem identica, devida á um povo adiantado em civilisação; qualificam além disso esses diques como obra de terra.

Isso evidentemente é nota de carteira de viajante que passou ao largo, em canôa, pelo rio da Bertioga, e que causticado pelos *meruins* não se deu ao tra-

balho de saltar em terra, contentou-se em dizer o que veio-lhe á cabeça acerca de uns prismas triangulares, terminados em ambos os lados por hemipyramides.

Para não consentir em reproducção de erros taes mandei para as *Noticias Geographicas* do Dr. Petermann, de Gotha, um esclarecimento sobre *sambaquis*, com observação sobre a leviandade de viajantes apresados aos quaes ás vezes damos importancia, não com o fim de auxiliar a sciencia, mas para obtermos algum elogio em letra redonda além-mar.

Devemos convencer-nos que sciencia exige pausa e perseverança; quem a quizer fazer ás carreiras, perde-se.

Aqui reproduzimos o que foi publicado em 1874, no 2.º volume pag. 228 das mencionadas *Noticias*.

Para se dar ao *sambaqui* a importancia que lhe cabe é preciso traduzir o nome e eis á esse respeito o que teve a bondade de informar-me o nosso distincto guaraniologo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira:

« *Sambaqui*, significa litteralmente *montão de conchas*; de *Tambá* concha, e *ky* collinas conicas como peitos de mulher. Nos substantivos guaranis a mudança do *t* em *h* aspirado ou em *gu* fórma a passagem do valor absoluto ao relativo e reciproco; como os portuguezes na sua lingua não têm aspiração davam-na por *ç* ou *s*. Além disso em palavras compostas, o genitivo occupa o primeiro lugar, e dahi resulta *hambaky*, collina de conchas. Póde tambem ser estropiamento de *hamba-kyab*, refugo ou varredura de concha. »

Servem ambas as versões; a primeira qualifica o objecto, a segunda explica a sua origem, e é a que mais satisfaz.

É pois o *sambaqui* um monte de cisco composto de conchas; quer dizer que se varreu o lugar coberto de casca e amontoaram-se as varreduras.

Essa operação era indispensavel para acampar no lugar um povo que descalço pisava e nú assentava e se deitava sobre o chão.

Essas varreduras naturalmente eram ajuntadas em cascas de arvore, cestos ou urupemas e amontoadas em um lugar só. A primitiva fórma desses montes é incontestavelmente o cone; e é effectivamente tal a forma de muitos *sambaquis*.

Attingida certa altura, encostava-se o cisco até o vertice e sempre do mesmo lado; a consequencia era formação de um prisma de trez faces, deitado, com os topos rematados por duas metades de cone, cujas convexidades ás vezes gastas passam á faces de pyramides.

Até aqui vemos como foram construidos esses montes de concha, que tambem se chamam *casqueiros* e *ostreiras*; carecemos agora indagar qual a origem de tanta casca.

Primeiro que tudo devemos observar que os *sambaquis* invariavelmente se compõem de uma só qualidade de casca e esta sempre de molluscos bivalves comiveis; estes molluscos, ora são ostra, ora o *samanguayá* do Rio de Janeiro, ao qual no sul deram os portuguezes o nome de *berbigão* (*Cryptogramma macrodon*, Lam). Está disseminado aqui e acolá e é acompanhado de algumas cascas isoladas de *Cardium muricatum*, uma ou outra *ameijôa*, nome que dão indistinctamente á *Dosinia concentrica*, Born, e á *Lucinia jamaicensis*, Sprgl.; raras cascas de *Arca*, *Pholas* e *Pinna* vieram accidentalmente cahir ahi porque vivem de envolta com o *samanguayá*.

Agora resta dizer alguma cousa sobre a vida desses molluscos: são elles sociaveis, formam grandes colonias reunidas em determinados pontos, constituindo

bancos ás vezes de extensão consideravel; sendo estes bancos em parte destruidos, em pouco tempo regeneram-se pela geração nova.

Ora, reunindo esta propriedade de agglomeração e reproducção, á qualidade muito mais importante de alimenticia, ahi temos dadas as condições para reunir um povo em busca de sustento em um ponto e a sua permanencia ali emquanto houvesse que comer, e o seu regresso para o mesmo lugar logo que nova seára podia se fazer.

Concluimos tambem dahi qual a causa dos montes e varreduras das cascas; não é cousa devida á methodo, á espirito de ordem, é só uma consequencia da necessidade de limpar o terreno que se occupa, de todos os fragmentos que ferem ou cortam.

Passemos agora á algumas condições de ordem secundaria, que são: 1.º stratificações; 2.º objectos diversos; 3.º influencia geologica.

Nos *sambaquis* encontram-se frequentemente estratificações distinctas separadas umas das outras por uma camada terrosa, mais tenue; tambem estas têm facil explicação combinando o modo de construcção, com os periodos de que precisam os bancos de concha para se regenerarem. Durante estes periodos a camada superficial do casqueiro soffre a acção do tempo, inicia-se uma decomposição; quando os indigenas voltavam ao lugar, de vez para nova colheita, arrancavam o capim e as hervas que cresceram, varriam folhas secas e onde naturalmente depositavam esse cisco era sobre o casqueiro e muito provavelmente atacavam-lhe fogo, porque a estrata terrosa frequentemente tem aspecto de cinza; esse processo calcinava parte das conchas que com a humidade do ar ou com a chuva se esfarelavam, e deste modo a camada recente ficava perfeitamente separada dos depositos anteriores.

Essas expedições periodicas para buscar em determinados pontos e em epochas certas o alimento não eram só para colheita de conchas; ellas tinham lugar em occasião, por exemplo, em que o peixe se reúne em cardumes, entrando pelas bahias ou subindo os rios para desovar; á esses cardumes denominavam *pirasema*, nome que ainda hoje subsiste, e ali preparavam suas provisões de *pirásinunga* ou peixe secco. Reunem-se ainda hoje as tribus do norte em malocas ou partidas para colheita de ovos de tartaruga, da castanha, etc. Tambem para caça havia excursões periodicas e de todas ellas não permaneceu vestigio por não terem casca duradoura, que se varria como o *samanguayá* ou a ostra.

Quanto á objectos estranhos á colheita dos bancos, devem-se mencionar ás vezes conchas de outras proveniencias como uns mariscos ou mexilhões que elles iam colher nos mangues, o *Mytilus pictus*, Dkr., ou a *Tarioba Iphigenia Brasiliensis*, Lam., e os *sernambys standella fragilis*, Chmn, e em parte as *Macoma cayennensis*, Lam., que vivem enterradas na areia das praias do mar grosso; mas estas nunca avultam.

Entre as varreduras encontram-se utensis de pedra, cacos de panella e de potes (nunca me constou que se encontrasse uma panella inteira, servivel), pedaços de carvão, restos de tições, etc. Alem disto todos os restos de caça e pesca, como ossos inteiros e em fragmentos e espinhas de peixe.

Os accessorios mais notaveis são ossadas humanas, porém, relativamente raras; eu não as encontrei; vi alguns ossos grandes como tibias que não tinham sido quebradas para chupar o tutano. Ha quem sustente que as ostreiras eram aproveitadas para enterrar os mortos; não é isso muito verosimil, porque então se-

riam mais frequentes as ossadas ; parece antes que tambem esses ossos, de algum velho, ou doente que fosse abandonado, constituiam lixo como o mais e eram atirado sobre o monte.

Reduzimos assim á sua singela expressão natural o *sambaqui*, que teve de servir para tanta producção fantastica, ora sendo diques, ora trincheiras, outras vezes mausoléos, e até construcções para o culto.

Não ha ainda muitos annos viam-se *sambaquis* recentes e respeitaveis produzidos em diversos pontos da bahia do Rio de Janeiro pelos pescadores de marisco para fabrico de cal ; elles colhiam o *samanguayá* ainda vivo e o amontôavam. Hoje estão esgotados os bancos, não se deu tempo á se reproduzirem as conchas, e pesca-se cisco composto de tudo, areia e fragmentos de concha.

Os antigos *sambaquis* do Rio de Janeiro já de longa data foram consumidos pelas caieiras, e para o sul vai acontecendo o mesmo. A cal consumida em Santos é tirada das ostreiras da Bertioga ; em Iguape e Cananéa tambem soffreram consumo, o mesmo acontece em Paranaguá, etc.

O *sambaqui* tem em muitos pontos alguma importancia geologica que, não tendo sido attendida, deu lugar á interpretações inexactas.

O *samanguayá* vive em lugares pouco fundos e em agua salgada ; quando penetra na barra de algum rio nunca chega onde possa predominar agua doce.

Os indigenas consumiam os *samanguayás* necessariamente na maior proximidade do banco onde os colhiam.

Portanto a existencia de *sambaquis* á mais de legua de distancia de agua salgada, como acontece n'alguns affluentes da bahia de Paranaguá, por exemplo no Rio Gorgossú, ou na Laguna, onde se eleva no meio

de vasta planície em parte já coberta de densa matta, á mais de 10 metros o *morro do Sambaqui* servindo de marco aos navegantes que demandam a barra, a existencia destes denota que por alli perto havia outr'ora bancos de *samanguayá* e agua salgada.

Temos ahi o caso de haver recuado o mar como diz o povo, ou havido emersão da costa como se exprime o geologo.

A consequencia dessa emersão por levantamento lento, foi ficarem á secco cordões de bancos, fechando as enseadas, as quaes ficavam mais razas e com facilidade eram aterradas pelos depositos de alluvião trazidos pelos rios. Assim a Laguna, que devia ter sido uma immensa enseada, é hoje um vargado de brejos cobertos de tiririca, cortadas por canaes de agua doce que cada vez mais se estreitam; a barra do Camacho por onde entrou Garibaldi com duas embarcações, é hoje terra firme e raras vezes ainda se abre.

Existe na cidade um calhão de granito meio metro acima do terreno e dois metros acima da mais alta maré; ha ainda agarrada na sua parte superior uma casca de ostra. E', pois, evidente que o mar antigamente subia pelo menos 2 1/2 metros acima do actual nivel, o que confirma o solo sobre o qual está construida a cidade, todo elle de lôdo escuro, cheio de cascas de *cryptogramma*, *cardium*, *arca* e mais companheiros; um pequeno *sambaqui* que se encontra na cidade está sobre uma elevação que foi ilha.

A existencia pois de *sambaquis* em lugares, onde se dão condições contrarias ás que presidiam a sua construcção, revela o alteamento do littoral.

Não posso deixar de mencionar ainda um facto curioso: Em Paranaguá diversas pessoas me referiram que havia no rio Piracuara, um antigo navio de

madeira pregado com cavilhas de pão por baixo de um *sambaqui*; cada qual completava o mysterioso navio á seu modo e arranjava uma descripção capaz de excitar em extremo algum cerebro de archeologo; acrescentavam que a madeira era desconhecida na terra. Havia em tudo isto materia sufficiente para massar o mundo com um romance de estada de phenicios ou carthaginezes nas plagas brasilicas.

A curiosidade moveu-me e lá fui dar com o encantado barco, isto é, apenas com um fragmento que com auxilio de imaginação se poderia qualificar de taboa; mandei excavar e pouco adiante encontrei restos da prôa de uma canôa, amarrada com um pedaço de *imbé* á um coto de vara pontuda fincada no lôdo! A textura da tal madeira estranha era a da nossa peroba! e assim esvaeceu-se a poesia dos bellos contos, que eu já havia ouvido em Iguape. O que se conservou da *ygara* dos indios foi devido ao desmoranamento de uma porção de *sambaqui* que a cobrio.

Com a elevação do littoral muitos *sambaquis* ficaram estacionarios; outros tambem deixaram de crescer pelo desapparecimento dos primitivos donos da terra rechassados pelos invasores.

Os costumes da população nova são outros, em vez de construir os *sambaquis* ella os destróe fazendo cal e brevemente delles em vão se procurarão vestigios: restará só o nome.

Parece que debaixo de condições identicas formaram *sambaquis* com conchas de agua doce nas margens dos affluentes do Amazonas como os descreve o Sr. Barboza Rodrigues na sua excursão ao Tapajós; ali é mina de *seruamby* aproveitada para cal. E' um facto muito interessante, que devemos á este cuidadoso observador.

Longas paginas se poderiam ainda escrever sobre o *sambaqui* soltando as azas á imaginação e tirar eruditas conclusões sobre sua fórma geometrica orientação, etc. De gabinete é facil discorrer sobre estado de civilisação dos incolas, fallar dos constructores dos *sambaquis*, discutir a idade destes e pelos accessorios determinar a sua origem. Tudo isso, porém, são futilidades ; um facto bem observado basta para annular um livro inteiro de dissertação ouca.

G. S. de Capanema.



ANTIGUIDADES DO AMAZONAS

L'archéologie, est une science qui commence. Ce n'est qu'en pénétrant dans les profondeurs de la terre que vous arriverez à des découvertes vraiment grandes. Nous n'en sommes qu'à l'épiderme, nous n'avons fait que gratter la superficie et soulever un peu de poussière.

B. DE PERTHES.— Ant. celt. et antid.
t. I, pag. 538.



I

Armas e instrumentos de pedra

Se ha ramo da historia que tenha sido descurado entre nós e que mais precise de um estudo critico, severo e consciencioso, é o da archeologia.

A questão da apparição do homem americano, tem ultimamente despertado a attenção de alguns amadores, que têm aventurado algumas theorias, todas baseadas mais em raciocinios do que em provas que documentem as opiniões. Estudos de gabinete, fundados n'uma ou n'outra informação, sem o exame, sem a comparação, tem feito com que divirjam as opiniões á esse respeito.

A falta de explorações especiaes, faz com que não conheçamos nossas antiguidades, que vão desapparecendo ; umas levadas para Europa, por amadores e naturalistas, outras destruidas pelos indifferentes e ignorantes, e a maior parte despresadas pelos sertanejos que as encontram. D'ahi vem o atrazo em que estamos, a ignorancia em que vivemos dos usos e costumes dos nossos autochtones. Se alguma coisa apparece, é sempre colhida no que nos deixaram escripto alguns autores antigos.

Quando com o lapis na mão, no exercicio da commissão com que me honra o Governo Imperial, percorria o Valle do Amazonas, não retratava só as flôres; no meu caderno de campo, á par de uma discripção botanica, muitas vezes deixava tambem estampado um objecto que do seio da terra extrahia. Sempre o que dizia respeito aos habitantes das florestas, quer os d'outr'ora, quer os de hoje, me chamava a attenção e uma nota especial merecia. Por insignificante que fosse o achado, sempre dava lugar á um estudo, á uma comparação e uma analyse. As provas com que deparava de um estado de civilisação mais adiantada, do que aquella que existe nos nossos dias entre os habitantes das selvas, descendentes dos que legaram tantos monumentos d'arte, na infancia, é verdade, mas não degenerada como hoje, me mereceram particular attenção.

A decadencia dos povos do sertão se conhece pela comparação do que fazem hoje, com o que fizeram á quatro ou cinco seculos atraz. A decadencia foi grande, e começou com o descobrimento das nossas plagas. Parece um absurdo e grande, quando então compararmos as suas reliquias de outras éras, com as dos povos mais cultos d'essa época, como os do Norte da Europa, Oriente da Asia, etc.; mas, o resultado do estudo que fiz nas horas de lazer, me leva á avançar esta opinião. É fóra de duvida, para aquelles que têm tido em suas mãos as amostras dos productos da arte d'esses tempos, que o contacto de um povo mais artista e industrioso levou os primitivos habitantes de nossas mattas á um gráo de adiantamento superior ao que tem hoje; mas, se então a influencia foi grande, como não influir hoje que o estado de progresso do homem tem attingido quasi á um gráo de perfeição?

O Evangelho derramando a luz pelas selvas, as aguas do baptismo remindo os peccados, faziam christãos, mas em vez do progresso, traziam para elles a oppressão, o captiveiro, a tyrania e a desmoralisação. O contacto primitivo foi com um povo industrioso, que emigrado, fugitivo, ou aqui chegado, por um acaso, como chegaram os descobridores deste sólo, tratou como amigo o povo encontrado, porque assim era mister e não como senhores e conquistadores.

Aquelle trouxe a arte e a industria, e estes atraz do labaro da religião, empunhavam a bandeira branca, em cujo campo uma cruz trazia a côr do sangue que derramavam na passagem da cobice disfarçada em civilisação.

A perseguição e escravidão trouxeram o aviltamento, este o desanimo, por conseguinte a decadencia. Se compararmos os productos da arte indigena de então com os da de hoje, ver-se-ha quanta differença existe e quanto decahimento! Citarei um só exemplo.

Habitavam na fóz do Rio Negro os Tarumás e os Manãos, quando pela primeira vez em 1669 penetraram n'elle os missionarios Carmelitas, (*) introduzindo a fé. Enterravam então seus mortos em urnas mortuarias ou *ygasúuas*, uso que logo deixaram pela sepultura christã. Pois bem, comparada uma dessas *ygasúuas* que desenterrei em Manãos, com a louça de barro que fabricam os tapuyos descendentes dos primeiros catechizados, encontra-se inferioridade não só na elegancia das fórmás, como nos ornatos e muito principalmente no preparo da argilla.

(*) *Ensaio corographico da provincia do Pará* por A. L. Monteiro Baena. Pará 1839. Pag. 384.

O sabio Guilherme de Humboldt, disse :

« C'est, en effet, une question importante, de savoir si l'état sauvage qui, même en Amérique, se retrouve à différents degrés, doit être regardé comme l'aurore d'une société à naître, ou si ce ne sont pas plutôt les derniers débris d'une civilisation perdue, disparaissant au milieu des tempêtes, bouleversée par d'effroyables catastrophes.

« Pour moi, cette dernière hypothèse me paraît la plus rapprochée de la vérité. »

E' sabido, que, si a tyrania desmoralisa um povo, muito mais a escravidão e a morte. As *cäisaras* afugentaram o povo, que subdividiu-se, tornando-se errante, abandonando os seus costumes e usos, para só se occuparem no fabrico de armas de defesa, com que podessem vingar a oppressão dos *caríuas*; isto desenvolveu um odio, que transmittindo-se pela raça, ainda hoje é uma das causas do pouco resultado que se tira da catechese. O indio abomina o portuguez. A sua degradação, o atraso em que cahio é devido á conquista; foi sempre o resultado que encontrei nos estudos que entre os indios fiz. A educação que ainda hoje recebem no Valle do Amazonas, se fôr comparada com a que recebem os indios de outras provincias, apresentará em resultado a prova do que affirmo.

Um profundo observador, um missionario que consciosamente estudou esta questão, veio confirmar a nossa opinião. O padre Brasseur de Bourbourg, nos commentarios do seu *Popol Vuh*, (*) tratando da decadencia dos selvagens do Mexico, diz :

« Pour n'avoir connu que des peuplades retombées à l'état sauvage, abruties par le contact des Européens ou dégradées par

(*) *Popol Vuh Le Livre sacré et les mythes de l'antiquité américaine*. Paris. 1861. Pag. XX

les conséquences de la conquête, la plupart des voyageurs ne leur ont trouvé qu'un développement médiocre des facultés intellectuelles: mais cette inactivité habituelle de l'esprit qu'on reproche au plus grand nombre des nations américaines, et qui donne quelque chose de si froid, de si morne à leur physionomie, à leur caractère, à toute leur existence, n'est qu'apparente chez celles qui ont conservée quelque reste de la civilisation antique; elle est produite uniquement par la défiance que nous leur inspirons et la haine sourde que les enfants sucent avec le lait de leurs mères, contre les descendants de ceux qui les asservirent ou les étrangers qu'ils confondent avec eux. (*)

« Cette sorte d'apathie morale que les colons espagnols leur reprochaient, en disant qu'ils ne savaient rougir, n'existe point: l'indien ne rougissait point sous les coups de sangle ou les mépris d'un maître cruel; il renfermait tout dans son cœur, en attendant qu'il pût se venger. Les insurrections dont on ne parle point et qu'on ne connaît pas en Europe en sont la preuve. »

Houve no Amazonas, um periodo de civilização, ainda encontrada pela expedição do capitão Pedro Teixeira, representada pela numerosa tribo dos Omáuas ou Cambebas, (**) que depois desapareceu, os quaes cultivavam e teciam o algodão, de que fabricavam seus vestidos e descobriram e preparavam a *seringa* ou gomma elastica, de quem os portuguezes tomaram a industria que os enriquece, arruinando o valle do Amazonas.

Interrogando estas reliquias, sobre as quaes os seculos têm passado, vê-se que se não póde negar a

(*) No valle do Amazonas todo o brasileiro não nascido em terras amazonicas, é *estrangeiro* e como tal tratado com reserva pelos indios e tapuyos.

(**) Corruptella de *akanga*, cabeça e *pêua* chata. (Adoptamos a orthographia proposta pelo Sr. Dr. B. C. d'A. Nogueira).

physionomia do povo de então sem deixar de faltar o respeito á verdade.

O povo que já teve patria, diz Boucher de Perthes e que a escravidão ou o vicio não embruteceu, deixa sempre uma lembrança da arte que lhe foi peculiar. (*)

A civilisação existiu.

Se veio ella pelas nascentes do Amazonas, descida do Perú, sem ahi ter-se demorado, não sei, o que posso affirmar é que os pontos de contacto são grandes entre os usos e costumes dos povos primitivos do Amazonas, com os do Norte da Europa.

A patria dos Cimbroz, dos Anglos e dos Saxões, d'onde na idade média partiram audaciosos e aventureiros navegantes, que dominaram os mares do Norte, como seus descobridores, parece que foi a dos que legaram aos nossos selvagens a civilisação extinta, que suas antiguidades ainda perpetuam e que nossos descobridores aniquilaram, fazendo com que, tribus pacificas e laboriosas tornassem-se nomades, inuteis e ferozes. As *caisaras* (**) e a escravidão, o ferro e o fogo destruíram o trabalho e isto só trouxe a desmoralisação e a ociosidade. A Dinamarca, pois, parece que muito influio na vida do povo de então.

Os depositos de conchas, chamados *sernambis* ou *sambaquis*, de que n'outro capitulo tratarei, não são mais do que os *kjokkenmöddinges*, ou restos de cosinha,

(*) *Antiquités celtiques et anti-diluviennes*, par Boucher de Perthes. Tom. I. Pag. 41.

(**) Curraes.

dos dinamarquezes. Estes depositos que não se encontram no Perú, são mais uma prova de que os invasores do Amazonas não passaram pela terra dos Aymaras ou pouco n'ella se demoraram; tanto, que não poderam estabelecer este uso, como fizeram em Halifax e na bahia de Santa Margarida.

Essa semelhança entre os achados, serve para provar que a fidelidade com que o gentio se liga aos costumes de seus antepassados, a veneração que por elles tem, leva-o á perpetuar mesmo com orgulho a industria por elles legada.

Quando se cava a terra, quando se revolvem as cinzas de suas *ygasáuas*, ao lado dos esqueletos que ellas ás vezes ainda contêm, descobrem-se armas, utensilios artisticamente trabalhados, tão iguaes, ou apenas com pequenas modificações, aos dos companheiros de Odin, que parecem querer documentar a existencia d'esses intrepidados navegantes, no nosso sólo, anteriormente ao descobrimento de Colombo.

Na America do Norte não foram já encontrados vestigios de fortificações e de monticulos supulchraes, dos tempos runicos? As pesquisas de MM. Squier e Davis, nos *Monumentos antigos do valle do Mississipi*, já não nos provaram ser elle habitado antes de o ser pelos *pelles vermelhas*?

M. Graah, encarregado de estudar as antigas ruinas scandinavicas, não encontrou numerosos vestigios no estreito de Davis e em outros lugares? não foram tambem encontrados em Rhode-Island, e no Massachusetts, na America do Norte?

O Sr. Rafn, secretario da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, publicou com o titulo *Antiquitates Americane sive Scriptores septentrionales rerum anti-co-*

lumbianarum in America (*) uma collecção de noticias tiradas dos sagas antigos, que provou a existencia dos dinamarquezes no novo mundo, seculos antes d'aqui ter aportado o immortal Colombo. N'um recente trabalho o Sr. Paul Gaffarel o confirma. (**)

Pedro Victor, noticiou um achado feito na provincia da Bahia, já ha alguns annos de uma lapida com caracteres do antigo islandico, e uma estatua *de Thor* com seus attributos, como o martello, cintura magica, etc. (***) O nosso Instituto Historico mandou fazer pelo conego Benigno estudos ahi, infelizmente sem resultados. D'este achado tratam diversas memorias do Instituto Historico.

Creio, que, se o povo scandinavico não desceu da America Septentrional para a Meridional, seus descendentes o fizeram e foram estes com seus costumes, que se dispersaram pelo Brasil, muito antes de aportar ás nossas plagas P. A. Cabral.

A colonia scandinavica que habitou a Vinlandia, a parte *oriental* dos Estados-Unidos, dispersou-se no anno 1000, pouco mais ou menos, como está provado; n'essa data talvez, parte desceu pela America Central, Mexico, Panamá, passando pelas Guyanas, vindo se estabelecer na foz do Amazonas, ou desceu pelas Bahamas.

A civilisação do Perú, a grandeza á que attingio,

(*) Esta memoria foi traduzida pelo fallecido commendador Manoel Ferreira Lagos. *Rev. do Ins. Hist.* Vol. II. Edic. 1858. Pag. 210.

(**) *Etude sur les rapports de l'Amerique et l'ancien continent avant Christophe Colomb.* Pariz. 1839.

(***) *Coup d'oeil sur les antiquités scandinaves,* par Pierre Victor Pariz. Pag. 36.

é devida ao contacto de um outro povo mais adiantado ainda, que não o que desceu o Amazonas. Comparados os monumentos que se encontram de uma e de outra região, vê-se que são distintos. O estylo não é o mesmo. Se procurarmos nas gerações de hoje, os traços característicos, vê-se que a raça Amazonica differre da Andina. Algumas tribus, como a dos Muras, que existem hoje no Amazonas, não tem nem os traços, nem os costumes d'aquellas, oriundas das plagas brasileiras.

As antiguidades que se encontram no valle do *rio-mar*, dividem-se em armas, instrumentos e idolos de pedra, louça de uso domestico, aterros, e *sernambis* ou *kjokkenmöddinges*, urnas mortuarias (*ygasáuas*) e em inscripções ou desenhos.

N'estes rusticos monumentos, que só parecem attestar a barbaria de então, ha alguns que dão uma idéa muito favoravel d'essa epocha.

Brasseur de Bourbourg diz que, com a invasão dos Incas no Perú, parte do povo que existia não querendo sujeitar-se ao seu jugo desceu os Andes e estendeu-se pelo Amazonas e sul do Brasil reproduzindo-se segunda e terceira vez essa dispersão de povos em consequencia de segunda e terceira invasão de povos da America Central.

O povo que existia no valle do Amazonas é anterior á invasão dos Incas, e menos adiantado em civilisação, tanto que não conheciam a arte de fundir os metaes, como o ouro. Seria o mesmo disperso pelos Incas?

Não o creio, porque o uso, principalmente, das cozinhas nas praias, attesta o contrario. Outra foi a marcha do povo invasor do Brasil, outra foi a invasão do povo primitivo, como n'outro capitulo procuraremos provar.

A geologia tem-se aproveitado d'estes achados, para nos provar que a idade da pedra polida, ou periodo neolithico, é muito anterior ao Genesis Biblico; que o homem é contemporaneo do mammoth, porém, no Brazil é difficil, estes instrumentos achados em terrenos anteriores á tradicção hebraica servirem de prova.

Uns, serão contemporaneos do periodo ternario, porém, outros terão um ou pouco mais seculos de existencia. Desenterrei em terrenos mais modernos instrumentos de pedra polida em regiões carboníferas (*) e devonianas (**), mas isto não nos prova serem elles contemporaneos d'essas revoluções geologicas. Como distinguirem-se uns dos outros se, á avaliarmos pelos costumes modernos, que só nos guiam, os gentios não dão um passo sem ser imitativo? O progresso não existe entre elles, por conseguinte a alteração da fórma não apparece senão quando ha um modelo. A fórma de seus instrumentos é sempre a mesma; não tendo elles senão a deixada pelos seus antepassados não podiam modificá-la, visto ser indole d'esse povo não fazer mais do que imitar, como que respeitando a herança de seus avoengos. Como na geologia, na ethnographia, os factos modernos nos explicam os antigos.

Sobre esses terrenos habitaram tribus, n'elles ficaram seus instrumentos, seus utensilios enterrados, que depois o tempo ainda mais soterrou e a floresta cobriu. Alem d'isso o desaparecimento dos instru-

(*) Nos Rios Tapajós, Trombetas, Yamundá e Yatapu.

(**) Nos districto do Ereré, em Monte Alegre.

mentos de pedra não data de muitos seculos, ainda á dous seculos eram usados.

Para mostrar os usos e costumes de uma geração extincta, fazer vêr o seu adiantamento, proponho-me dar uma relação das antiguidades Amazonicas assignalando a sua existencia, para mostrar que não é tão pobre, como o laconismo ou mesmo o silencio dos nossos historiadores, parece indicar. Na Europa mesmo as armas de pedra figuraram muito tempo depois da descoberta do bronze e do ferro, sendo algumas até preparadas por instrumentos deste metal.

Guilherme, o conquistador, ainda bateu-se com os Bretões armados de armas de pedra. Segundo Thomassen, na sua *Histoire primitive dévoilée*, acharam-se nos tumulos, que os Athenienses levantaram aos mortos na batalha de Marathon, pontas de flechas não só de pedra como de bronze. Os archeiros ethiopicos do exercito de Xerxes, usavam de flexas com ponta de pedra, etc. Os selvagens da America, foram os que mais se demoraram com essas armas.

Não tenho a presumpção de apresentar um trabalho completo e perfeito, apenas passo a limpo as notas do caderno de campo.

Tratarei primeiro dos instrumentos e armas de pedra, que encontrei no Amazonas, deixando para outros capitulos as outras antiguidades. Se bem não fui o primeiro a descobrir esses instrumentos, comtudo sou o primeiro que os descreve e representa no Brasil. Por elles se avaliará, o estylo da época e se poderá comparar com os do norte da America e sul do Brasil, assim como com os dos normandos.

Todos os instrumentos representados foram encon-

trados ou desenterrados por mim, devendo um ou outro à obsequiosidade de algum amigo.

Nos outros instrumentos, quer antigos quer modernos, para guerra, caça e pesca, encontramos tantos pontos de contacto com os dos barbaros dos tempos historicos que mereceram tambem um escripto em separado.

Os instrumentos de pedra, bem ou mal polida que se encontram, são armas de guerra, utensilios de uso agricola e domestico e enfeites. Os primeiros compõem-se de massas, de pontas de flechas e de uma especie de folha de alabarda, e os outros, de machados, enchós, cunhas, mãos de pilão, mós, etc., e os ultimos de muirakytans.

A importancia que ligo aos lugares d'onde sahiram estes instrumentos, me levam á mencional-os sempre.

Pela comparação de uns com outros, poder-se-ha vêr a subdivisão da raça, com as modificações que fizeram nos seus usos, representados em seus instrumentos, e por um estudo comparativo e analytico chegar á poder formar-se um juizo sobre a sua origem.

Os instrumentos de pedra, que tão grandes luzes têm derramado por meio da geologia, de que tanto se tem occupado distinctos naturalistas da Europa como Boucher de Perthes, Lartel, Lyell, Reboux, Bourgeois, Delaunay, Büchner, Husley, Worsoel, e tantos outros, ainda entre nós não tem sido estudados.

Figuram no nosso Museu Nacional alguns exemplares, (*) mas que alli jazem cobertos de pó, como

(*) Devem-se estas reliquias aos Srs. Drs. Couto de Magalhães, Coutinho, Santos Souza e outros. Eu mesmo tive occasião de remetter uma collecção de 50 que se extraviaram, visto como não figuram ahí.

já o estiveram de terra, sem que sobre elles se tenha feito estudo algum.

Se os ha não conheço.

Não tem havido quem delles trate, e mesmo poucos conhecem estas antigualhas, que para muitos passam por *pedras de raio* ou de *coriscos*. Na Europa comtudo tem chamado muito a attenção dos Antiquarios do Norte que possuem no seu museu já uma bella collecção.

Não tendo visto, nem estudado outras antiguidades do Brasil, apenas apresento as do valle do Amazonas, para servindo de estímulo, outros mais habilitados e com mais luzes, fazerem um monumento, para o qual carregos esta pequena pedra ainda bruta. (*)

A oppinião que formo sobre a appareição da civilisação do homem no Brasil, talvez não seja verdadeira, mas vae ahi documentada com estes instrumentos que tantas fadigas, tantas privações, me custaram para obter.

Não é um trabalho completo, disse eu, porque me falta ainda visitar muitos lugares, onde espero talvez encontrar maiores antiguidades, porém, os instrumentos que ahi vão descriptos e representados, são amostras de quasi todos os feitios que existem,

(*) Apresento aqui, só as que encontrei nas minhas explorações, e como ellas, segundo informações que tenho, representam todas as formas que se encontram ahi, por isso não menciono as de outras localidades do alto Amazonas, onde tem sido encontradas. Se por ventura achar alguma com fórmulas differentes ou que se torne notavel por qualquer circumstancia, em appendice a este trabalho darei noticia.

variando sómente no tamanho em alguns, e muito pouco na fôrma, em outros.

Antes de entrarmos na descripção, farei algumas considerações sobre o uso que tinham.

Começarei pelas pontas de flechas de silex, que são muito raras.

Como sabemos o homem sempre viveu rodeado de inimigos, quer da mesma especie quer de outra. Rivalidades, falta de meios de subsistencia e outras muitas causas, fizeram com que o povo se dispersasse e formasse nucleos, que mais tarde constituíram tribus, que muitas vezes pelo seu desenvolvimento ainda se subdividiram. A separação da tribu, dá lugar á inimizades e estas ás lutas, e d'ahi os perigos que corre o homem, precisando para isso de armas para defeza, visto Deus não ter-lhe dotado com esse meio de defeza como a todos os animaes deu. A applicação de sua intelligencia produzio as armas primitivas que foram a massa e o arco, e cuja invenção perde-se na noite dos tempos.

Na idade da pedra lascada, começam á apparecer as pontas de flechas de silex, que nos provam ser o uso do arco já conhecido.

Antonio de Sousa Macedo, no capitulo XXI da *Eva e Ave*, attribue, pelas autoridades antigas, aos povos Assyrios, a invenção do arco, porém, é certo que a tradição biblica nelle nos falla.

Quando Agar, errante com seu filho Ismael, pelo deserto de Bersabé, sentio secco o odre d'agua que Abrahão lhe pusera ás costas, e afastando-se para não vêr seu filho morrer á sede, « assentou-se defronte tão longe como um tiro de flecha. » (*) Assistindo

(*) Genesis, cap. XXI, v. 16.

Deus á Ismael, cresceu este e « ficou vivendo no deserto e sahiu um bom archeiro. » (*)

Na mythologia grega vemos Apollo, armado de arco e flechas (**) assim como Hercules, pela descripção de Homero. (***)

Sempre os poetas e os pintores nos pintaram desde a maior antiguidade Diana, a caçadora, e Cupido armados de arco e flechas.

Parte das tropas, nos ultimos tempos do poder militar da Grecia, era armada com arco e flechas. Os archeiros e bésteiros vêm-se tambem nas tropas romanas, com o nome de sagittarios.

O arco, pois, é a arma primitiva e a segunda inventada, pois a primeira foi a massa, como a mais natural.

A sua fórmula e perfeição denota o estado mais ou menos adiantado. Como na idade media, existem no Amazonas os arcos direitos e curvos. Os primeiros só se vêm entre os gentios e os segundos entre alguns tapuyas.

O silex pela facilidade de lascar, deixando arestas cortantes, foi o primeiro empregado para a ponta das flechas. O crystal tambem em alguns lugares era usado; mais tarde, porém, foi substituido pela taquara, ou pelo ferro, como as de que usam os Muras semi-civilisados.

Estas flechas só serviam, como hoje, para a defesa contra inimigos, ou para a caça de animaes superio-

(*) Genesis, cap. XXI, v. 20.

(**) Illiada 1.^o—45.

(***) Odissea 11.^o v. 20 606.

res, porque para a caça miuda ou para a pesca, só empregam a de ponta de osso, quer humano, quer principalmente das tibias de veado ou de macaco.

O dardo, segundo depois da massa ou clava, dando idéa para o arco, tem comtudo, um emprego diverso. Aquelle é usado só quando a peleja está braço á braço, que não dá lugar á estender-se este. Tinha tambem a ponta de silex, que depois foi substituida pela madeira, usando-se principalmente a da palmeira pachuba, (*Iryartea*) por ser mais forte.

Com o nome de *curaby*, *murucu* e *murucu-maracá* é tambem usado por diversas tribus do Rio-Negro, Purús e Japurá. Quasi sempre são hervadas pelo *urary*.

A massa foi o primeiro instrumento homicida, (pela tradição biblica,) foi d'ella que se servio a inveja representada por Caim. Foi de madeira, com ella tentou Hercules esmagar o leão das florestas de Nemea e Cleomæ, fizeram-a depois de pedra e ainda no 4.º seculo, pelo Schisma de Donat, os padres armaram com ellas as suas ovelhas. Entre os nossos gentios, voltou á ser de madeira, ha já seculos, tanto que d'ellas não fallam nossos historiadores. As victimas prisioneiras, segundo estes, sempre cahiram debaixo do peso da *ymyrapema* dos muruicháuas.

Entretanto, já a tiveram de pedra, que mais difficil de encontrar e trabalhar, foi despresada pelo páo d'arco (*tecoma*) e pela muirapiranga (*cæsalpinia*.) (*) O *cuidaru*, e a *tamarana*, substituem perfeitamente as massas de pedra, já pela facilidade do trabalho, já

(*) *Ymyrá*, madeira, *piranga*, vermelha.

pela rigidez, como pela duração necessaria. Introduzida pelos normandos, foi despresada muito antes do descobrimento dos portuguezes.

São tão raras, que bem mostram que ha longos seculos foram esquecidas. Nossos descobridores só conheceram a clava de madeira, tanto que Pedro Vaz de Caminha, companheiro de Cabral, que tão minucioso é no seu contar, d'ellas não nos falla.

Como o dardo, a massa só se emprega na luta braço á braço, quando a peleja é mais renhida, para abater os mais valentes, sacrificar os prisioneiros, ou castigar os *maracaimaras*, feiticeiros. Com dentes de *taitetu* ou de *queixada* e ainda com as de *cutia*, preparam a madeira, e depois ornam-a com desenhos gravados, ou com pinturas feitas de *tauá-tinga*, (argilla branca) *urucú* e *carajurú*. Os tucháuas enfeitam-as de pennas e marchetam-as com a madreperola das conchas ou com a casca dos ovos de *macucáua*.

As massas de pedra, eram geralmente de diorito, de trapp ou de syenito.

No meio de uma natureza gigante, coberto o sólo por densas florestas, via-se o homem privado de cultivar o sólo, para prover-lhe a existencia. A pesca e a caça forneciam o principal alimento, porém, do sólo nada podiam tirar.

A necessidade aguçou a intelligencia e esta inventou um instrumento, que manejado por mão habil, derrubou as florestas e fez rebentar a cultura. Appareceu o machado, á principio lascado, tosco, e depois polido e aperfeiçoado.

A sua invenção perde-se na noite dos tempos, o seu emprego data da idade primitiva. O homem primitivo, o companheiro do *elephas primigenius*, do *rhinoceros trichorrhinus*, do periodo quaternario, d'elle tambem

usou, e cousa notavel, milhares de annos depois, ainda os selvagens do Brasil usavam estes instrumentos quasi com as mesmas fórmãs, sendo alguns até iguaes. A propria rocha, de que eram feitos, é a mesma com pouca differença.

Comparados, tambem, com os que usavam os normandos, ha tanta semelhança que parece fóra de duvida que foram elles os mestres dos nossos selvagens pois não admitto a doutrina evolutiva. Confirma-me esta opinião, o facto de não encontrarem os normandos, os naturaes armados de armas de pedra e sim sómente de arco e flechas como se deu no ataque que soffreu Leif Thorvald, do qual foi victima. (*) N'outro ataque, que outros expedicionarios fizeram, os naturaes além da flecha só traziam umas especies de balistas que arremaçavam pedras longe. Não conheciam o machado, tanto que assim se exprime o Sr. Gravier: (**)

« Les Skrellings ou Esquimaux arrivent à portée du trait, lancent une nuée de flèches et s'enfuient. »

Empregavam-os nos mesmos misteres? Estudando-se o character do indio, é fora de duvida que sim. Como d'elles se serviam e para que?

Conforme o emprego que tinham, assim eram as fórmãs e o tamanho. Havia para o cóрте das madeiras, para debastal-as e para o preparo dos utensilios de que precisavam.

Para cóрте das madeiras serviam-se dos grandes,

(*) *Decouverte de l'Amerique par les normands ou X siècle*, par Gabriel Gravier. Paris 1874. Pag. 62.

(**) A mesma obra. Cap. II. Pag. 87.

e oblongos, para rachal-as dos longos e cylindricos e das cunhas, para preparal-as, quando já debastadas, dos chatos e dos pequenos, que eram empregados as vezes como enchó.

Assim ainda se servem os indios Makahs, antes Mak-kah, da região do Cabo Flattery, no territorio de Washington. (*) Esta semelhança de uso, como que ainda corrobora a nossa opinião.

Conforme o emprego, assim era cabo e a maneira de encaixal-os. Uns, eram apenas amarrados ao cabo, outros encaixados e amarrados, e ainda outros, além do amarrilho, cobriam este com cerol, que ajudava á segural-o.

O comprimento do cabo e a fôrma era relativa ao emprego; assim os que serviam de enchó, tinham o cabo curvo e anguloso, enquanto os outros eram mais ou menos direitos, mais ou menos cylindricos. (*Vide a Est. I*). Os cabos ás vezes eram ornados de desenhos gravados.

Como preparavam estes machados? O acaso m'o deu á conhecer, deparando com um dos lugares em que eram fabricados. Este achado já mencionei em outro escripto (**).

Passando a cachoeira do Boburé, saltei em terra e ahi encontrei, perpetuada nas rochas, uma lição, para os que hoje ignoram, como eram feitos os machados de pedra.

(*) *The indians of cape Flattery*, by James G. Sivan. Washington. 1869. Pag. 24.

(**) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Tapajós*. Rio de Janeiro. Pags. 97.

Escrevi o seguinte :

« Correndo os rochedos que aqui e alli entre a arêa formam immensas chapadas, encontrei sobre alguns diversos e differentes sulcos, uns já gastos, outros ainda perfeitamente visiveis, que mostravam ter sido feitos pela mão do homem.

« Examinando com attenção as suas fórmãs, comparando uns com outros, medindo as suas profundidades, cheguei a convencer-me de que ahi é que eram aperfeiçoados os machados de pedra que se encontram nas margens do Tapajós.

« São tão claros, que recordam perfeitamente as diversas fórmãs dos mesmos, nos indicando com precisão, onde eram aperfeiçoados os grandes e os pequenos; onde alisavam-se as faces; amollavam-se, arredondava-se os lados, etc. Penetrando para o interior ahi vim a certificar-me que não errava quando assim pensava, encontrando vestigios de uma maloca, pelos fragmentos de louça e de diorito, do mesmo da cachoeira do Apuhy. Pelos fragmentos de diorito vê-se que os mesmos machados eram, depois de debastados em terra, aperfeiçoados sobre os rochedos, banhados pelas aguas. A rocha ahi perpetua um facto, que não admite duvida. »

Sobre o modo porque empregavam estes machados no corte das madeiras, diverje a tradicção indigena. Disse eu, em outro trabalho (*) tratando deste assumpto, o seguinte :

« O uso que destes machados faziam está ainda duvidoso. Querem uns que servisse para picar a parte cortical do tronco das arvores, para dar-lhes a morte e depois de seccas serem destruidas pelo fogo; outros, que para cortar as arvores, depois de queimadas, isto é, lançavam fogo em torno a arvore e quando queimada picavam com os machados, até chegar a madeira; tornavam a queimar nesse lugar e tornavam a picar e assim até derrubar a arvore. Penso, porem, que derrubavam sem o auxilio do fogo, porque em centenaes de

(*) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá.*
Rio de Janeiro. Pag. 92.

fragmentos que tenho encontrado, tenho observado, que muitos tem a parte cortante não só gasta como lascada, o que prova que feriam parte dura. O carvão nunca lascaria o diorito. Talvez empregassem-os com o fogo para derrubar as madeiras e depois as lavrassem sem esse auxiliar, tão poderoso dos indios. »

A prova de que empregam o machado, sem o auxilio do fogo, está no numero de fragmentos desse instrumento, que se encontra nos lugares denominados *terras pretas*, que foram não só suas lavouras, como mesmo em alguns existio a maloca. E' tão grande o numero dos machados partidos, ou com o gume lascado ou gasto que nessas paragens se encontra, que podemos calcular em 6 % os que se encontram perfeitos. O trabalho de muitos mezes, no fabrico de grande numero de machados, era perdido talvez em um só dia de derrubada. Sempre foi esse o meu modo de pensar, pelas observações que fazia quando me veio confirmar a opinião do illustre M. Broca, emittida na primeira sessão da *Société de anthropologie de Paris* em 1860, quando se tratava dos instrumentos de silex, que justificavam a descoberta do incansavel e finado M. Boucher de Perthes. Diz elle:

« Quand un sauvage de ce temps là voulait couper une branche, il heurtait deux silex l'un contre l'autre jusqu'à ce que l'un eût un bord plus au moins tranchant; puis, quand ce tranchant était émoussé, il jetait son silex et en taillait un autre; parce qu'il ne possédait aucun moyen d'aviver le premier tranchant.

« Il ne fallait pas faire beaucoup d'ouvrage pour user ainsi plusieurs haches en quelques heures, et quand, une famille ou une tribu avait achevé la construction d'une cabane ou les préparatifs d'une chasse le sol était jonché d'un grand nombre de haches ou de couteaux désormais inutilés. » (*)

(*) *Les ancêtres d'Adam, histoire de l'homme fossile* par Victor Meunier. Paris 1875. Pag. 92.

Esta explicação está de perfeito accordo, com o que se passava muitos seculos depois no Amazonas, como por muitas vezes, tive occasião de observar.

Ha lugares, que entre centenares de fragmentos, em excavações que fiz, nunca pude encontrar um só perfeito.

A paciencia e o tempo que era preciso para preparar-se um desses instrumentos, nos dá uma idéa agradável do povo de então. Para a realisação de um fim, quanto não era preciso trabalhar a intelligencia, procurando uma fórma que se prestasse ao exito que se esperava! Pensavam alguns que só por meio da fricção de uma contra outra pedra eram preparados estes utensilios, sem o emprego d'agua, e é esta a crença indigena, que vi desmentida na cachoeira do Boburé.

Pensa assim tambem M. Rigollot, (**) quando tratando-se do silex preparado, assim se exprime:

« Tous ces silex sont travaillés de la même manière; cet-à-dire qu'avec une adresse, nous n'osons dire un art, qui souvent nous étonne, ont et parvenu en detachant les éclats, non seulement à les degrossir, mas à leur donner la forme la plus convénable aux usages pour lesquels ils étaient destinés, armes ou outils. »

A parte mais notavel que se encontra nas massas e nos machados é, nas primeiras, a preparada para passar as ligaduras que as prendiam aos cabos, e nos segundos, a chanfrada e furada, por onde passavam tambem as ligaduras.

Como podiam cortar a rocha e abrir sulcos pro-

(**) *Memoire sur les instruments en silex trouvés à Saint-Acheul, près Amiens, et considérés sous les rapports géologiques et archéologiques.* Paris. 1854.

fundos transversalmente, ás vezes em duas direcções, e fazer furos com circulos tão perfeitos? Pela fricção, não de uma contra outra rocha, mas pela da madeira, auxiliada pela areia e tambem pela agua.

Antes de apresentar o processo, cumpre dar as razões que me levam á avançar semelhante opinião. Os sulcos das massas, as chanfraduras dos machados e os furos que alguns têm, foram sempre para mim motivos para serias investigações. Nos costumes dos gentios e tapuyos de nossos dias, legados pelos seus avoengos, achei o processo.

Usam no Amazonas os tapuyos para a pesca das tartarugas, de uma flecha denominada *sararaca*, empregada por elevação.

Consta de tres partes: da flecha propriamente dita, da *suumba* (*) ou virote e do *itapuá*. (**)

A primeira é de flecha empennada n'uma extremidade, a segunda é de madeira encaixada na precedente na extremidade opposta á das pennas e a terceira tambem de madeira com uma ponta de ferro, porém, solta, apenas unida á *suumba* em que se encaixa, por um fio de tucum ou de algodão, que se enleia na primeira. Este fio tem sempre a profundidade do rio em que se pesca.

Para servirem-se enleiam o fio todo na flecha e introduzem o *itapuá* em um furo que tem a *suumba* na parte superior. Em outro escripto já tratámos d'esta flecha e da maneira de empregal-a na pesca; traze-mol-a á questão, por ser a que primeiro nos levou á pensar no modo de furar-se a pedra.

(*) *Corruptella* de *huyb*, flecha e *ymb* fuso.

(**) *Ita*, pedra, *puá* ponta, significa tambem prego.

Disse que na suumba havia um furo onde se introduzia o virote; como fazem elles este furo? Como civilisados, podiam servir-se da verruma ou da púa, mas, seguindo o costume deixado por seus antepassados preferem usar d'outro meio, mais rapido e mais seguro.

E' o seguinte: tomam uma vara, de um metro pouco mais ou menos de comprimento, pregam em uma extremidade um prego sem cabeça depois gastam-o em uma pedra até achatar a ponta, de maneira a apresentar a forma do corte de um formão.

Com este instrumento, assim feito, prendem a suumba, antes de segura á flecha, entre os dedos polegar e indicador do pé esquerdo, collocam a ponta do prego no centro da extremidade que querem furar, e de pé, fazendo girar a vara entre as palmas das mãos, em um instante fazem o furo. Outras vezes fazem o instrumento com a vara muito menor e servem-se d'elle como o ourives com o berbequim.

Examinando bem os furos dos machados, pela maneira que apresenta a parte gasta, conheci que era feita pela fricção de um outro corpo, pelo mesmo processo do furo da suumba, trabalhados primeiro de um e depois do outro lado, até encontrarem-se os furos.

Não poderiam furar, senão com uma haste de madeira, auxiliada pela areia e pela agua, para que podessem dar o movimento giratorio entre as palmas das mãos.

Quanto ao berbequim, sempre o tive como uso aprendido na sociedade, até o dia em que encontrei um objecto de barro cozido, que veio mostrar-me que este instrumento era usado antes da descoberta do Amazonas, o que prova, ou a grande intelligencia do indio de então, ou o contacto com um povo que

conhecesse o uso d'elle, o que é mais provavel. Pela sua fórma, pelo furo que o trespassa e pelo seu peso, depois de muito o estudar, cheguei á conhecer que pertencia elle á peça do berbequim em que se passa a corda do arco para fazer girar a púa. A principio tomei-o por um enfeite de pescoço, o que o seu peso repugnava, mas, vendo o uso do berbequim introduzido até em lugares remotos, não duvidei mais do seu emprego.

Tinha, não só chegado á formar idéa da sua fórma, como desenhado e annotado o instrumento, no meu caderno de notas, quando cahiu-me nas mãos a experiencia do professor Carlos Rau, feita com um berbequim de seu invento, com que chegou á furar o diorito com uma púa de madeira auxiliada pela areia e pela agua (1). (*Vide Est. I Fig. 9.^a*)

O uso do berbequim entre os antigos Iroquezes, levou o mesmo senhor a fazer á experiencia, com elle, sendo coroado dos melhores resultados.

Esta experiencia confirmou muito o resultado dos meus estudos. Ainda mais, n'um aterro sepulchral, achou o Sr. Davis, um circulo de pedra perfurado, que estudado pelo mesmo professor Rau, conheceu-se ser uma peça da púa de um berbequim. Este achado dos Estados-Unidos, comprova o do Amazonas.

Para as chanfraduras dos machados, empregavam um outro processo, que vi praticar pelos indios querendo partir regularmente um caroço de uauassu, (atallea).

Serviam-se de uma tala de madeira, que empregavam como serrote, molhando constantemente a parte

(1) *Drilling in stone without metal* by Charles Rau. Washington. 1868. Pag. 394.

friccionada e addicionando-lhe areia fina. Estudando-se os cortes feitos na parte chanfrada vê-se claramente que era esse o processo empregado. Em alguns nota-se que alem da tala empregavam com o mesmo auxilio, em vez da tala de madeira, uma corda fina, ou antes alguma tira de couro de anta ou de queixada.

Era trabalho moroso, de paciencia e que empregava talvez mais de um individuo, mas que está na indole do indio.

Ainda hoje não levam, ás vezes, seis mezes trabalhando a madeira com o dente de taitetú, para aperfeçoal-a e fazer um arco? Os Uaupés do Rio Negro, ainda furam os seus ornatos de quartzo, com madeira, agua e areia, como já fiz vêr (*) e nos refere ainda Wallace. (**)

Eram, pois, os machados feitos por fricção contra uma rocha lavada pela agua, furados e lavrados com madeira, agua e areia e empregados sem o auxilio do fogo em diversos misteres. Para cada um delles, havia formas diversas, que se applicavam em diversos tamanhos. Encontram-se machados desde 3 á 40 centímetros de tamanho, affectando sempre a mesma fórma, na tribu a que pertenciam, com raras excepções.

O uso da pedra polida no Brasil e em toda America, julgo que nasceu da ignorancia do uso da preparação do ferro para servir como instrumento.

A colonia scandinavica que desapareceu, dispersando-se, vendo gastos os instrumentos que consigo

(*) *Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá.* Rio de Janeiro. 1875. Pag. 56.

(**) *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* by Alfred R. Wallace. London. 1853. Pag. 278.

trouxe não achando meios de haver outros, para substituí-los começou talvez a imitar em pedra os seus machados. Por descendencia e imitação este costume passaria para os naturaes, que foram assim legando os modelos, que segundo a habilidade do artista soffria mais ou menos alguma modificação. Não foi, contudo, ella tão grande, pois hoje comparadas as fórmas ainda quasi são as mesmas. As armas e instrumentos de pedra datam na America do anno 1000, pouco mais ou menos.

Não duvido que pudessem existir em épocas geologicas com o homem quaternario, mas como este no estado fossil no Brasil ainda não foi provado existir, não posso crêr que seja a idade de pedra do Brasil, anterior á vinda dos normandos á America.

O Dr. Lund, tem encontrado ossadas humanas nos depositos antigos de cavernas em Minas, mas não se anima á affirmar a contemporanidade com os animaes e especies extinctas, entre os quaes se acham (*). O Dr. Liais, baseado apenas em uma nota, que existe no Museu de Paris, correspondente á uns ossos enviados para ahi pelo viajante Clausen, é o unico que diz, não restar duvida que o homem no Brasil é contemporaneo do *megatherium* e *megalonix*. (**). As armas e instrumentos de pedra, historicamente fallando remontam á alta antiguidade, mas não á antiguidade geologica.

Os depositos de *sernambis* ou *sambaquis*, são talvez seus contemporaneos ; nelles achei instrumentos de

(*) *Memoires de la Société Royale des Antiquaires du Nord*. 1845 e 1849. Copenhague. Pag. 50.

(**) *Climats, geologie, faune et geographie botanique du Brésil* par E. Liais. Paris 1872. Pag. 242.

pedra, porém, esses depósitos, como já fiz ver, não representam uma revolução geologica, nem um desvio do rio, mas sim o trabalho annual de uma tribu que existio não ha muitos seculos. Os instrumentos de pedra, pois, no Amazonas e para dizer no Brasil são guias archeologicos, que só dão luz á ethnographia.

Além dos instrumentos de pedra, faziam os indigenas ainda em 1639, (*) quando desceu do Perú, o Padre Acuña, idolos que protegiam as suas batalhas, suas pescarias, etc., aos quaes não tributavam culto algum. D'estes idolos tive a felicidade de ser o primeiro a encontrar e a descrever. (**)

Este uso, porém, não foi herdado dos normandos, pois que no anno 986, já o christianismo estava derramado pela Scandinavia. A idolatria desceu do Perú, com as tribus que não quizeram sujeitar-se ao poder de Manco Capac; mas, o estylo parece ter sido trazido do Mexico, por outra invasão.

A crença que existe entre os indigenas, de que tudo na terra tem um espirito que domina os seus semelhantes, isto é que tem uma *mãe* (*Sy*) invisivel, levou-os a representar essa criação do espirito com fórmulas palpaveis. Para mostrar que foi uso introduzido pelo Perú, basta vêr-se que só no Amazonas, entre algumas tribus a idolatria era seguida. A extincção dos idolos data da introdução do christianismo pelos missionarios, que não só quebravam, lançavam ao rio os de pedra, como queimavam os de páo. (***) A arte e a

(*) *Exploração e estudo do Valle Amazonas. Rio Tapajós.* Rio de Janeiro. 1875. Pag. 38.

(**) *Idolo Amazonico achado no Rio Amazonas,* por J. B. Rodrigues. Rio de Janeiro. 1875.

(***) *Thesouro descoberto no maximo Rio Amazonas* por José Daniel. *Revista do Instituto Historico.* Tom. 2. n. 8. 1858. Pag. 484.

perfeição com que eram feitos, denotam um adiantamento, que desapareceu. A comparação entre as obras de então e os trabalhos de hoje, dá uma idéa muito desfavoravel não só da intelligencia como da habilidade dos modernos.

A arte de então, atravessou os seculos nos monumentos de pedra, que se acham soterrados, para levantar a ponta do véo que encobre o mystério do homem americano. Estes rusticos monumentos, desprezados até hoje por nós, servem para attestar ás gerações futuras quanto foi grande a decadencia da raça americana, hoje representada por um povo indolente, quasi sem arte e sem industria. Pelas minhas observações cheguei á conclusão, de que o crusamento da raça indigena com a caucasica, trouxe a diminuição da intelligencia. Os mamelucos, que representam esse crusamento, são de todos os crusamentos do Amazonas o menos intelligente.

O que escrevi acerca do idolo em questão póde lêr-se no trabalho citado.

Depois do que tenho dito sobre as armas e instrumentos de pedra, só me resta tratar dos seus enfeites.

Os de que até hoje temos noticias, são os denominados pelos naturaes de *muirakytans* (*) que os indios Cunurys, chamavam *aliby*.

Toda a tradição quer escripta, quer fallada, dá a sua procedencia de uma tribu que desapareceu, que nunca foi vista, á que Francisco Orellana appellidou de *Amazonas*.

Tive occasião de me certificar de que eram usa-

(*) *Muirá* páo, *kytan*, nó.

dos por essa tribu, nas excavações que fiz, quando descobri o lugar em que existiu a dita tribu. (*) Hoje são rarissimas esses enfeites, e d'elles deixo aqui de tratar por tel-o feito com algum desonvolvimento quando descrevi o Rio Yamundá. Uma tribu, ainda hoje usa tambem de enfeites de pedra ao pescoço (*chirimbitás*), é a dos Uaupés, do Rio Negro, que quanto a nós é a mesma das Amazonas, como já tive occasião de fazer vêr quando d'ellas tratei. (**)

Eram estes enfeites de um feldspatho laminar, verde, pelo que foram conhecidas por *pedras verdes*. Os indios hoje quando acham alguma soterrada, attribuem-lhe virtudes milagrosas de maneira que substitue o amuleto antigo, com o qual tem muitos pontos de contacto. Os *chirimbitás* dos Uaupés, são de quartzo e usados como symbolos de grandeza, que é tanto maior quanto é o enfeite. Ha alguns de dous decimetros de comprimento, que os tucháuas ou chefes, trazem pendentes ao pescoço, enfiados em uma corda, feita de pello de macaco *barrigudo* (*logothrix Humboldtii*), enfeitada de pennas da cauda do *yapú* (*cassicus cristatus*).

Antes de terminar resta-me considerar como poderiam vir dar a costa norte do Brasil, os scandinavos, que parecem ser os introductores da civilisação entre os indigenas.

Como poderiam elles, sem passar pela America Central e Panamá, onde a civilisação mexicana estava muito mais adiantada, chegar á costa norte do Brasil

(*) *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. Rio Yamundá*, Rio de Janeiro. 1875. Pag. 51.

(**) A mesma obra. Pag. 41.

se as correntes e os ventos *alisios*, a isso se oppunham?

Como explicar que foram os normandos e não mexicanos e peruanos que estavam então mais adiantados, os introductores do aperfeiçoamento da arte e da industria de então? Se as correntes e os ventos a isto se oppunham, o archipelago que existe entre o golpho do Mexico e o Attlantico o favoreciam. Costa á costa, até á Florida e d'ahi pelas ilhas Bahama, Porto Rico e pequenas Antilhas, chegariam ao Orenoco. Subindo por elle e pelo Cacyquiare, desceriam o rio Negro e Amazonas, ou costeando as Guyanas chegariam á ilha de Marajós. Além desta possibilidade que existe ha alguns indicios que parecem comprovar esta opinião.

No Rio Negro, no Rio Urubú, onde outr'ora correu o Amazonas, em Itacoatiara, e na serra da Escama existem inscripções esculpidas, fóra de duvida feitas pelo mesmo povo, que parecem indicar, que por ahi houve uma passagem de emigrantes que deixavam traços para guia dos que se lhes seguiam, ou marcavam as suas datas memoraveis. Esta emigração, parece que irradiou-se pelas Guyanas, porque nos rios Berbice e Correntyne, explorados pelo meu amigo e distincto geologo o Sr. Charles B. Brown, Sq., existem inscripções iguaes, cujos desenhos teve a bondade de me communicar, assim como lhe communiquei os da serra da Escama. Estas inscripções não tem menos de 800 annos. As da Guyana Ingleza foram calculadas pelo Sr. Brown em 1000 annos.

Entre estes desenhos, mais ou menos enigmaticos existe um no rio Negro, e que dá alguma luz á esta questão, é o esculpido em uma rocha da ilha de Pedra, que representa uma antiga embarcação, com formas não usadas ainda no Amazonas.

As primeiras embarcações de civilisados que sulcaram as aguas do Amazonas foram: em 1541 o bergantim de Francisco Orellana (*), que descendo pelo fio da corrente, não podia dar tempo á que os naturaes tomassem-lhe as formas; a segunda em 1637, foi a canôa dos leigos castelhanos da ordem de S. Francisco, Frei Domingos de Brieda e Frei André de Toledo (**); a terceira a canôa do capitão Pedro Teixeira e as de sua expedição em 1638 (***); a quarta e a primeira que entrou pelo rio Negro a canôa dos missionarios jesuitas Francisco Velloso e Manuel Pires, em 1657 (****); a quinta e segunda que sulcou as aguas negras do rio que da côr dellas tira o nome, é a dos missionarios Carmelitas em 1668 (*****).

De todas estas embarcações a unica que podia servir de modello á que se vê gravada, foi a de Orellana, que tal qual como maior podia ter dous mastros, representa a gravura indigena; mas esta passou tão rapidamente que era impossivel os indios reterem as formas na memoria.

Vê-se, pois, que outra embarcação, tiveram por modelo. D'ella trataremos no capitulo das inscrições.

Quando essa não fosse a marcha dos invasores, temos ainda uma presumpção de que a costa do Paru

(*) *Historia do Brazil* de Robert Southey.—I Pag. 131

(**) Obra citada. II. Pag. 122. *Compendio das Eras do Pará* por A. L. M. Baena. Pará 1838. Pag. 38.

(***) *Historia do Brazil* de Robert Southey. II. Pag. 424. Baena *Compendio das Eras* Pag. 41.

(****) *Historia do Estado do Maranhão*, pelo padre José de Moraes. Pag. 526.

(*****) Baena. *Ensaio Corographico*. Pará. 1839. Pag. 384.

e a ilha de Marajó, foram os pontos escolhidos para n'ella se estabelecerem. Se por um lado temos a correlação nos desenhos, por outro temos o encontro de uma tribu, habitando a ilha de Marajó com usos, costumes e linguagem, tudo differente das demais nações do Brasil.

Tão difficil era o seu dialecto, que os Tupinambás deram-lhe o nome de *Nhengaibas*. (*) Tão numerosa era ella, que occupava toda a ilha e tão poderosa, forte e guerreira que todos a temiam, até os portuguezes.

O que, porém, não poudo o arcabuz, poudo a cruz do missionario Antonio Vieira.

D'onde veio esta nação, com uma linguagem desconhecida em todo o Brazil ?

E' opinião geral, que a civilisação extincta do Amazonas é andina, mas pela comparação que temos feito, não só dos costumes como das antiguidades vê-se que é differente. Além d'isso a civilisação andina e mexicana estavam mais adiantada, do que a dos normandos.

Comparados os monumentos deixados pelos normandos, com os dos Incas e Nahuas, estes deitam á sombra aquelles.

Não affirmo, mas parece-me que nossos auctothenes se relacionaram com os filhos de Odin, como veremos, quando tratar da *arte ceramica*, dos *atterros sepulchraes*, dos *sernambys* e das *inscripções*.

J. Barboza Rodrigues.

(Continúa.)

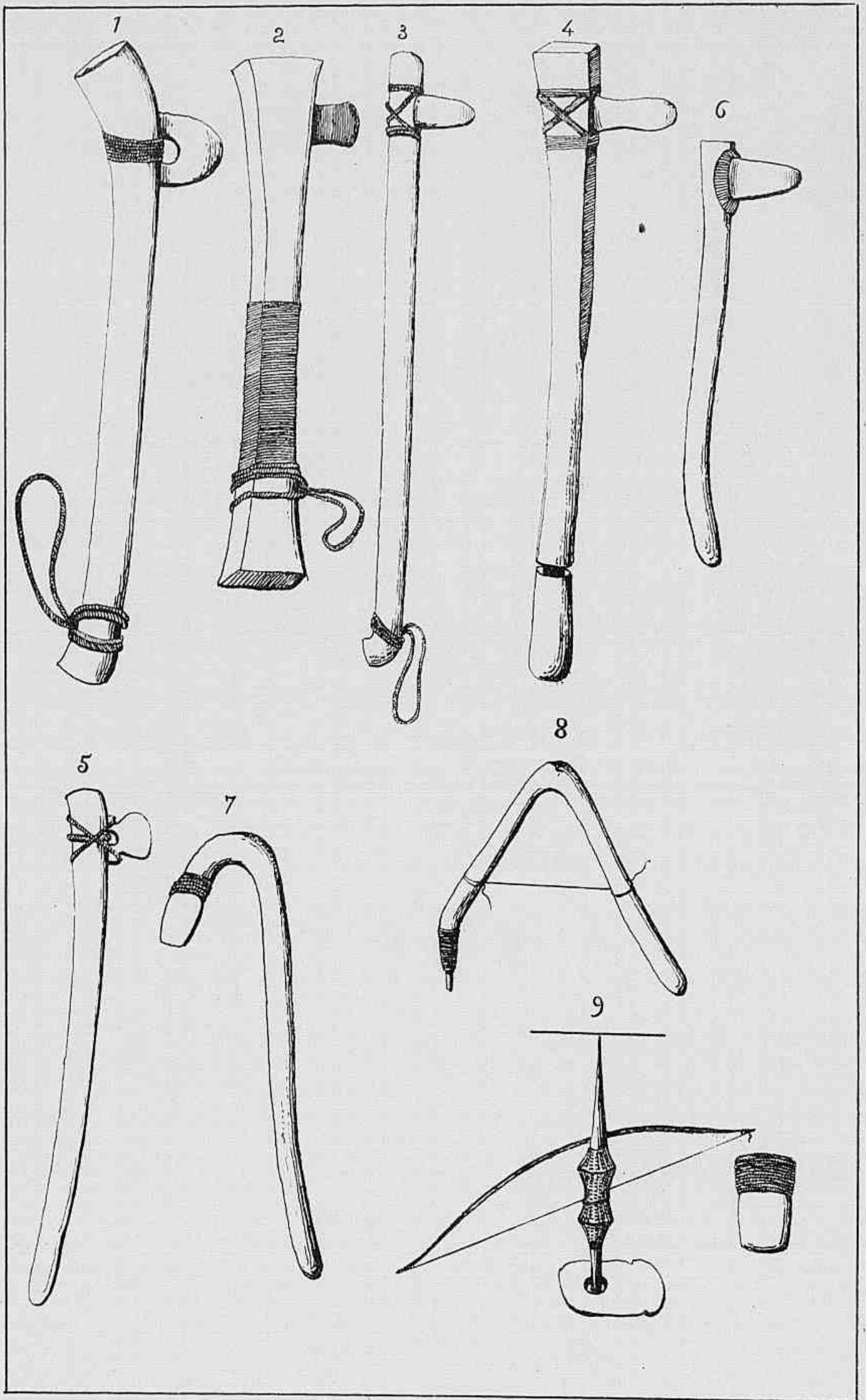
(*) *Neeng*, fallar, *aib*, mal.

Estampas e suas explicações



COPIADAS E REDUZIDAS A UM TERÇO DO NATURAL

PELO AUTOR



ESTAMPA I

FIG. 1.^a Representa um machado encaixado no cabo, preso sómente por cordeis de fio de tucum (*Astrocaryum vulgare*, Mart.) que passam pelo furo.

FIG. 2.^a Mostra um machado encaixado n'uma abertura do cabo e soldado com cerol. O cabo é enleiado com fio de algodão, para não magoar a mão.

FIG. 3.^a Indica um machado mettido n'um alvado do cabo e preso pela casca do cipó uambé. (*Philodendrum ambé*).

FIG. 4.^a Machado ligado pela mesma fôrma e com a mesma fibra.

FIG. 5.^a Machado preso ao cabo, não só pelo furo como pelos entalhes que tem.

FIG. 6.^a Machado encaixado no cabo e soldado unicamente com cerol.

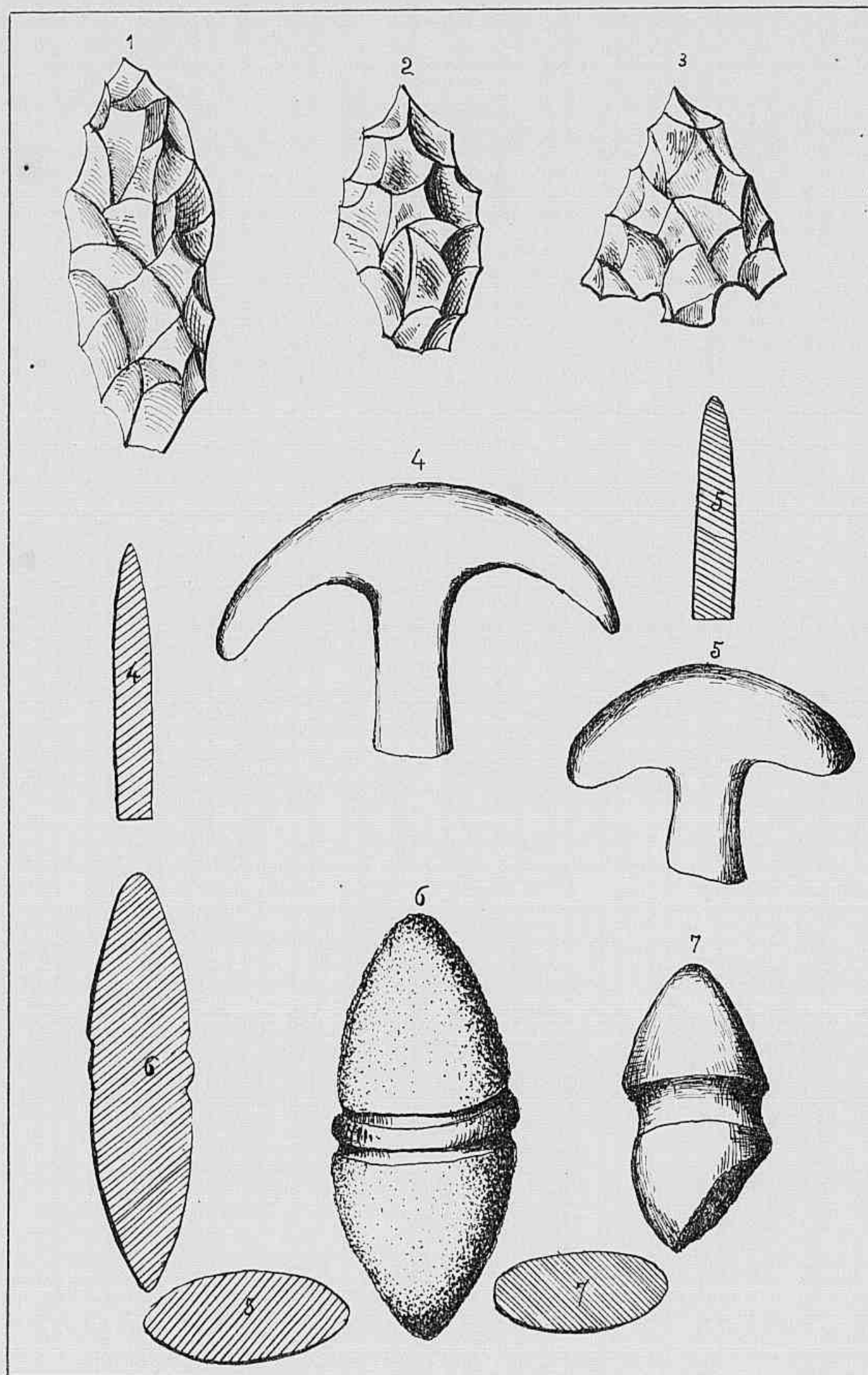
FIG. 7.^a Apresenta uma enchó ligada obliquamente e presa com cerol e fio de algodão.

FIG. 8.^a Enchó encaixada no cabo e presa por fibras de uambé.

FIG. 9.^a Dá idéa do berbequim usado para furar a rocha de que faziam os machados. A peça por onde passa a corda é de argilla queimada e a púa de madeira.

Está em posição de trabalho.

Com estes machados, que tambem serviam de armas de defeza ou de guerra, conforme a occasião, não só derrubavam como lascavam a madeira que precisavam para suas obras, geralmente de uso domestico; porque para construcção empregavam, como ainda hoje, a madeira bruta. As enchós serviam para cavar as suas ubás e mesmo aplainar a madeira, como para os arcos. O berbequim julgo que empregavam verticalmente, calcando com a mão algum objecto proprio sobre a ponta superior da púa, porque o uso de trabalhar assentado não permittia outra posição.



ESTAMPA II

FIG. 1.^a Representa uma ponta de flecha de sílex lascado, encontrada na escavação que fiz na mina de *Sernamby*, da Serra da Tapeirinha, no districto da cidade de Santarém. Com esta ponta encontrei fragmentos de diorito e de machados, assim como ossos de peixe-boi (*manatus americanus*), e fragmentos de louça de barro, alguns com fuligem.

FIG. 2.^a Ponta de flecha de agatha lascada, que encontrei na praia de Itaituba, no rio Tapajós, confundida com os brachiopodes carboníferos, que se encontram disseminados pela praia, quando o rio vasa.

FIG. 3.^a Esta ponta de flecha foi encontrada na povoação de Sant'Anna, no Rio Uatumá, quando se fazia um buraco para se enterrar um esteio. Sendo-me immediatamente communicada, procedi á maior excavação, que não deu outro resultado.

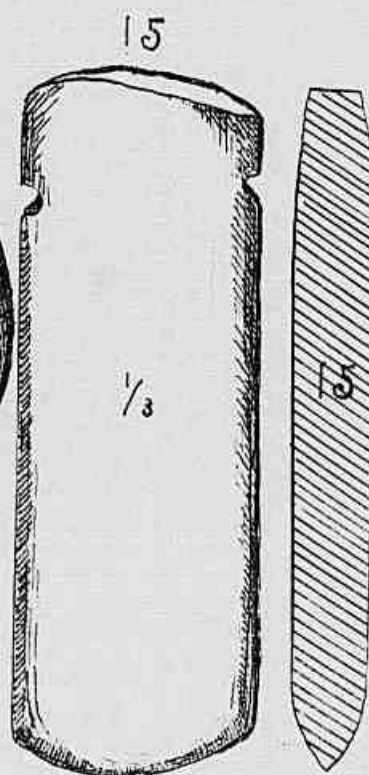
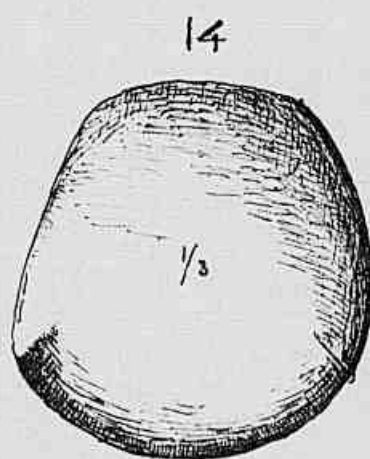
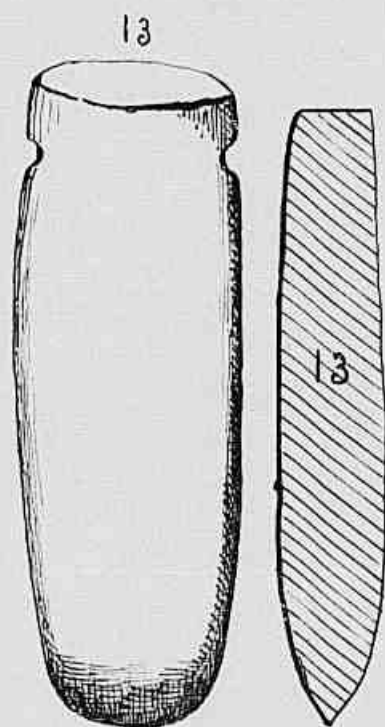
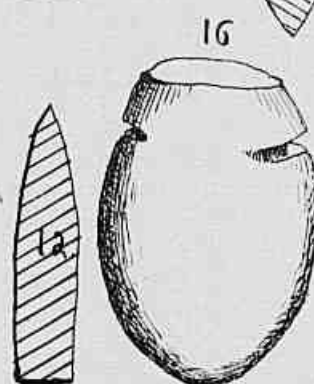
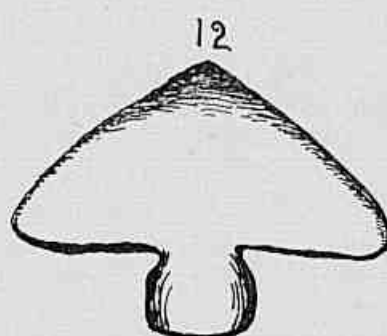
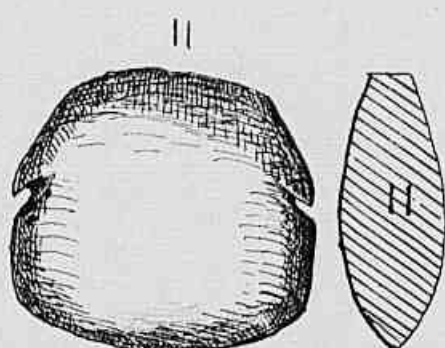
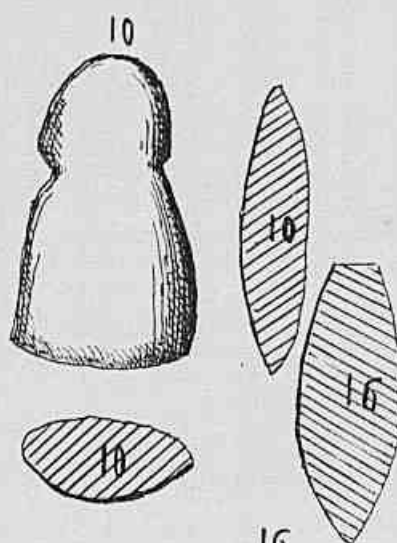
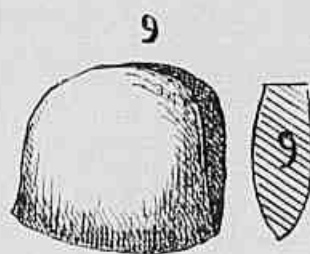
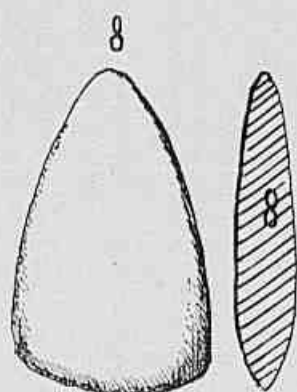
É de sílex lascado.

FIG. 4.^a Encontrei na praia da mesma povoação de Sant'Anna, onde a enchente do rio, tinha desbarrancado a margem. Esta pequena arma de guerra, é muito semelhante, não só ás encontradas no norte da Europa, como na America Septentrional, quer de pedra, quer de bronze. Esta é de diorito polido.

FIG. 5.^a Esta outra arma de guerra, maior e da mesma rocha, encontrei sob as rochas calcareas, do terreno carbonifero, da margem esquerda do rio Yatapú, pouco acima da affluencia do Rio Capu-capu.

FIG. 6.^a Representa uma outra arma de guerra, feita da mesma rocha, encontrada na povoação do Yatapu, no rio do mesmo nome, encravada na argilla de que é formada á margem do mesmo rio.

FIG. 7.^a Esta massa de guerra de diorito compacto, mal polido, encontrei no alto da serra do Piquiatuba, no rio Tapajós, entre a louça de barro de que está cheio o humus que a cobre.



ESTAMPA III

FIG. 8.^a Enchó encontrada na mesma localidade, e feita da mesma rocha. É semelhante a uma enviada por M. Rafn, secretario da Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, ao Museu Nacional, onde se vê na sala 9, armario n. 12. No Perú foi encontrada uma muito semelhante. (*)

FIG. 9. Pequeno machado de diorito que encontrei n'uma das praias do rio Uatumá.

FIG. 10. Machado encontrado tambem no rio Uatumá, na povoação de Sant'Anna. É de diorito polido e inteiramente semelhante a um que se achou na Inglaterra, quer nas fórmulas, quer na rocha de que é feito. (**)

FIG. 11. Encontrei-o na tauaquera da ex-missão do Uatumá, entre innumerous fragmentes de louça, contemporanea da mesma missão. É de diorito polido.

FIG. 12. Este instrumento pôde ser uma arma de guerra, ou de uso domestico, inclinando-me á primeira hypothese. Encontrei na praia de Sant'Anna do Uatumá. É de diorito polido em que pouco predomina a hornblenda. A maneira de servirem-se delle não pude saber.

FIG. 13. Representa um machado dos que empregavam para rachar a madeira. Quando subi o rio Yatapu, encontrei-o em uma praia. É de diorito polido e mostra uma alta antiguidade, pela decomposição que apresenta na sua superficie.

FIG. 14. É um dos machados usados com o cabo n. 2, da estampa 1.^a Encontrámo-lo no rio Mauhes em uma extincta maloca. É de diorito polido.

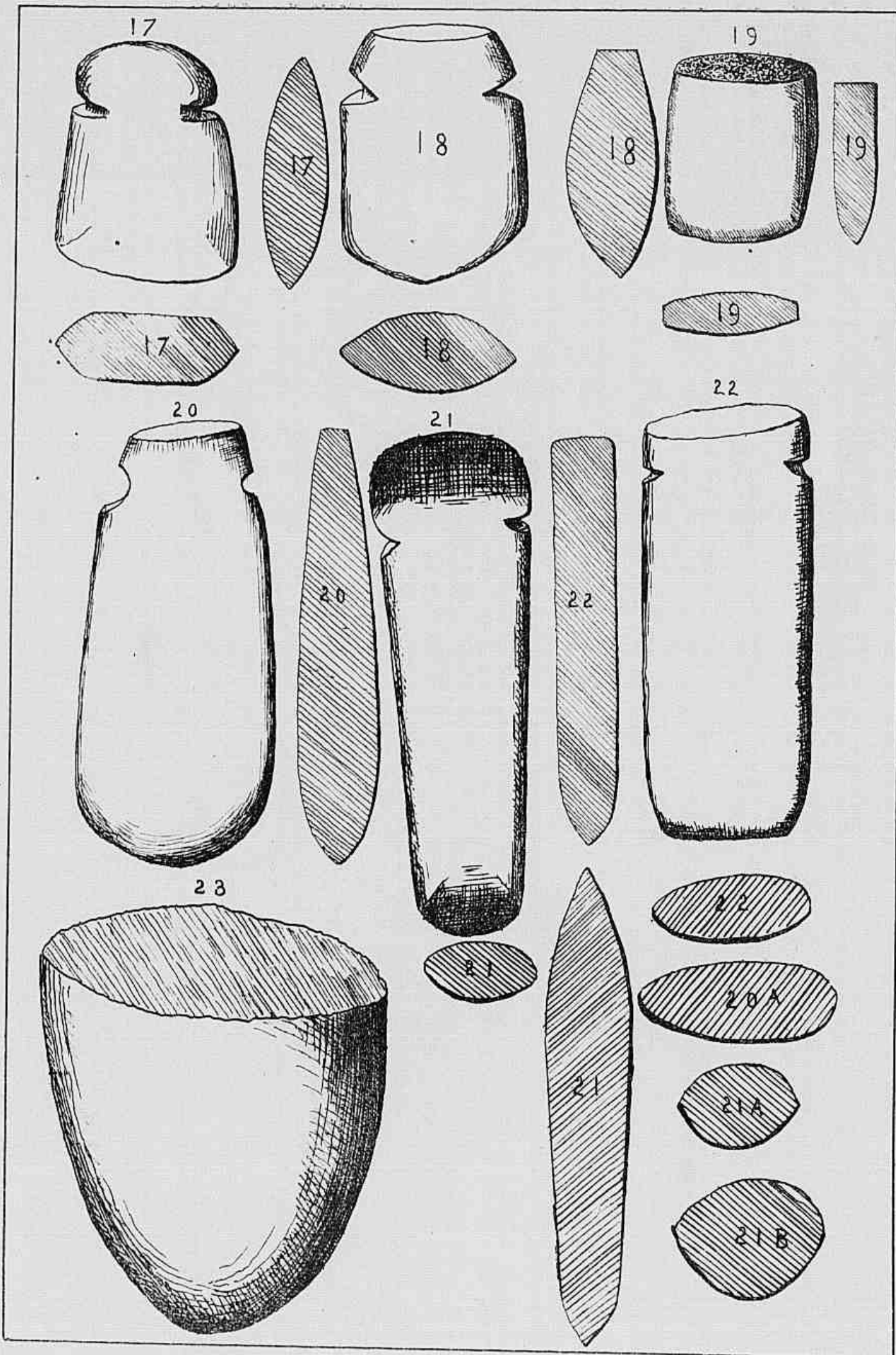
FIG. 15. Representa um machado de diorito polido, encontrado no Rio Yamundá.

FIG. 16. Encontrei este machado, enterrado em uma roça d'um sitio, pouco acima de Itaituba, no lugar denominado Paredão. É de diorito polido.

(*) *Exploration of the Amazon*, by Lwis Herdon and L. Gibbon. Pag. 70. Fig. 30.

(**) *De la place de l'homme dans la nature*, par Th. H. Huxley. Paris. 1868. Pag. 319.

IV



ESTAMPA IV

FIG. 17. Encontrei este machado em uma praia, acima de Itaituba no rio Tapajós. Estava lascado verticalmente pelo meio. É de diorito compacto, muito polido.

FIG. 18. Encontrei este machado no rio Piracaná, acima da missão de Santa Cruz, enterrado, junto a alguns fragmentos de louça de barro lisa. É de diorito perfeitamente polido.

FIG. 19. Parte terminal de uma enchó, das que se serviam com o cabo, representado na fig. 7.^a, que desenterrei na mesma localidade acima. É também de diorito.

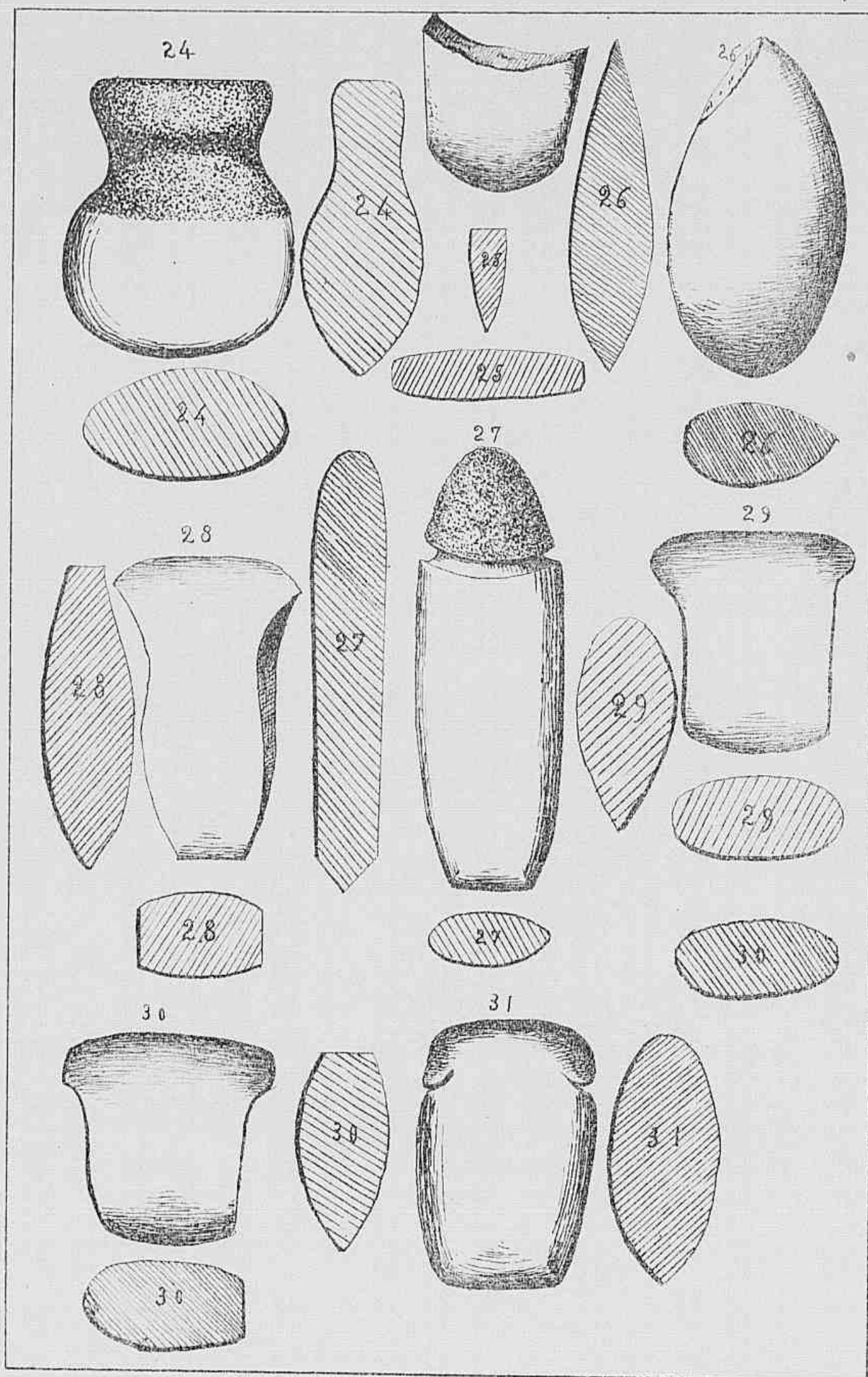
FIG. 20. É um dos grandes machados de derrubar, de diorito compacto polido, desenterrado por mim n'um pacoal, do sitio do Paredão, no rio Tapajós.

FIG. 21. Outro grande machado, porém, de rachar a madeira, também de diorito muito bem polido. Encontramol-o no mesmo sitio.

Fig. 21 A e 21 B. São córtes horisontaes de machados, com a mesma fôrma, porém, com diversas grossuras, do da fig. 21, achados na mesma localidade.

FIG. 22. Encontrado no mesmo sitio, e feito da mesma rocha.

FIG. 23. Fragmento do cóрте de um grande machado, que nunca mederia menos de 0^m,3 de comprimento. Foi encontrado na ilha de Marajó, e foi-me offerecido por um amigo. É o maior que vi. Um, pouco menor, encontrei no rio Piracaná, que enviei em fins de 1872, para o Museu Nacional, por intermedio do governo e que ahi deve existir.



ESTAMPA V

FIG. 24. Machado encontrado nas excavações que fiz na tauaquera das Amazonas, na costa do Parú. E' polido, á excepção da parte que prende-se ao cabo. E' de diorito compacto.

FIG. 25. É um fragmento, representando a ponta de uma enchó de syenito encontrada na mesma localidade acima.

FIG. 26. É uma arma de guerra, que encontrei na mesma paragem, feita de diorito polido.

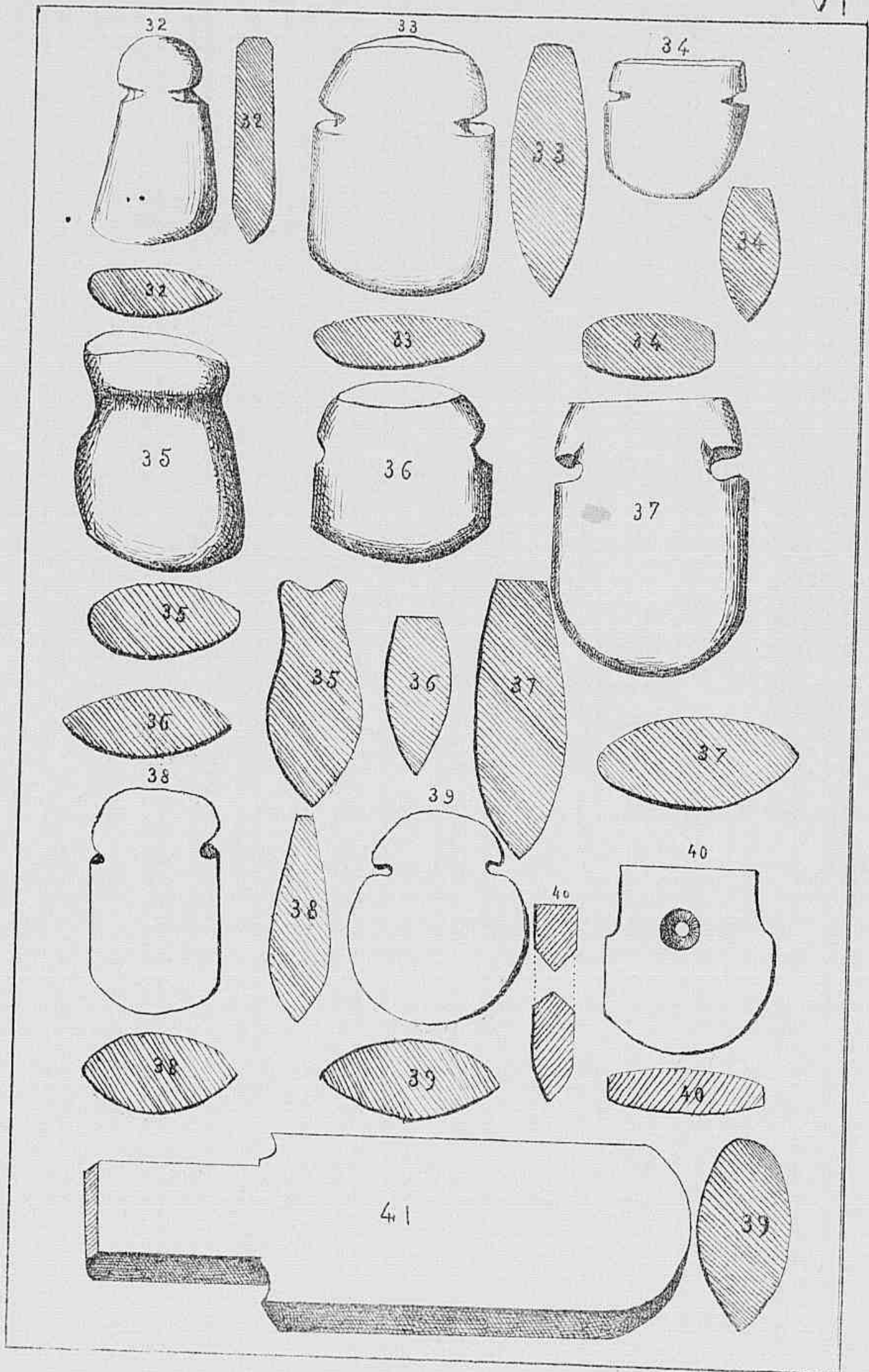
FIG. 27. Foi encontrado também nas excavações que fiz na costa do Paru. É todo polido, á excepção da parte que entra no alvado do cabo.

FIG. 28. É um dos machados usados com o cabo n. 3, da estampa 1.^a, que encontrei no Rio Anibá. É bem feito, porém, não é perfeitamente polido. É feito de diorito.

FIG. 29. Encontrei este machado também no rio Anibá. É de diorito.

FIG. 30. Nas excavações que se faziam em Manáos para o aterro, foi encontrado este machado por um trabalhador, que o entregou ao director das obras publicas, o meu amigo Dr. Leovigildo de S. Coelho, que me offereceu. É de diorito polido, e muito bem feito.

FIG. 31. Encontrei este machado na tauaquera de S. Raymundo, no Rio Urubu. E' de trapp, perfeitamente polido.



ESTAMPA VI

FIG. 32. Representa um pequeno machado, que desenterrei no Itapéua, no rio Tapajós ; é de diorito.

FIG. 33. Com esta fôrma e dimensões, fabricados da mesma rocha (diorito), encontrei em diversos lugares do rio Tapajós, muitos machados, como em Itaituba, Itapéua e Piracaná.

FIG. 34. Este pequeno machado, naturalmente empregado no preparo de utensilios domesticos, é de diorito e encontrámo-lo na praia de Itaituba,

FIG. 35. Este machado é um dos que se usava, preso com cerol, no cabo que representa a fig. 6.^a da est. I. Foi encontrado por mim, também no rio Piracaná. É de diorito e mostra uma grande antiguidade.

FIG. 36. A fôrma e a dimensão deste machado é commum á Itaituba e ao Piracaná, pois quer n'um quer n'outro lugar foi desenterrado por mim. É de diorito.

FIG. 37. É um dos machados, de trapp, mais bem feito e polido que encontrei. Desenterrámo-lo na base da serra da Taperinha, muito proximo ao monte de *Sernambis*, que ahi existe. Naturalmente pertenceu á mesma tribu que fez o mesmo monte, porque nelle encontrei fragmentos de rocha igual.

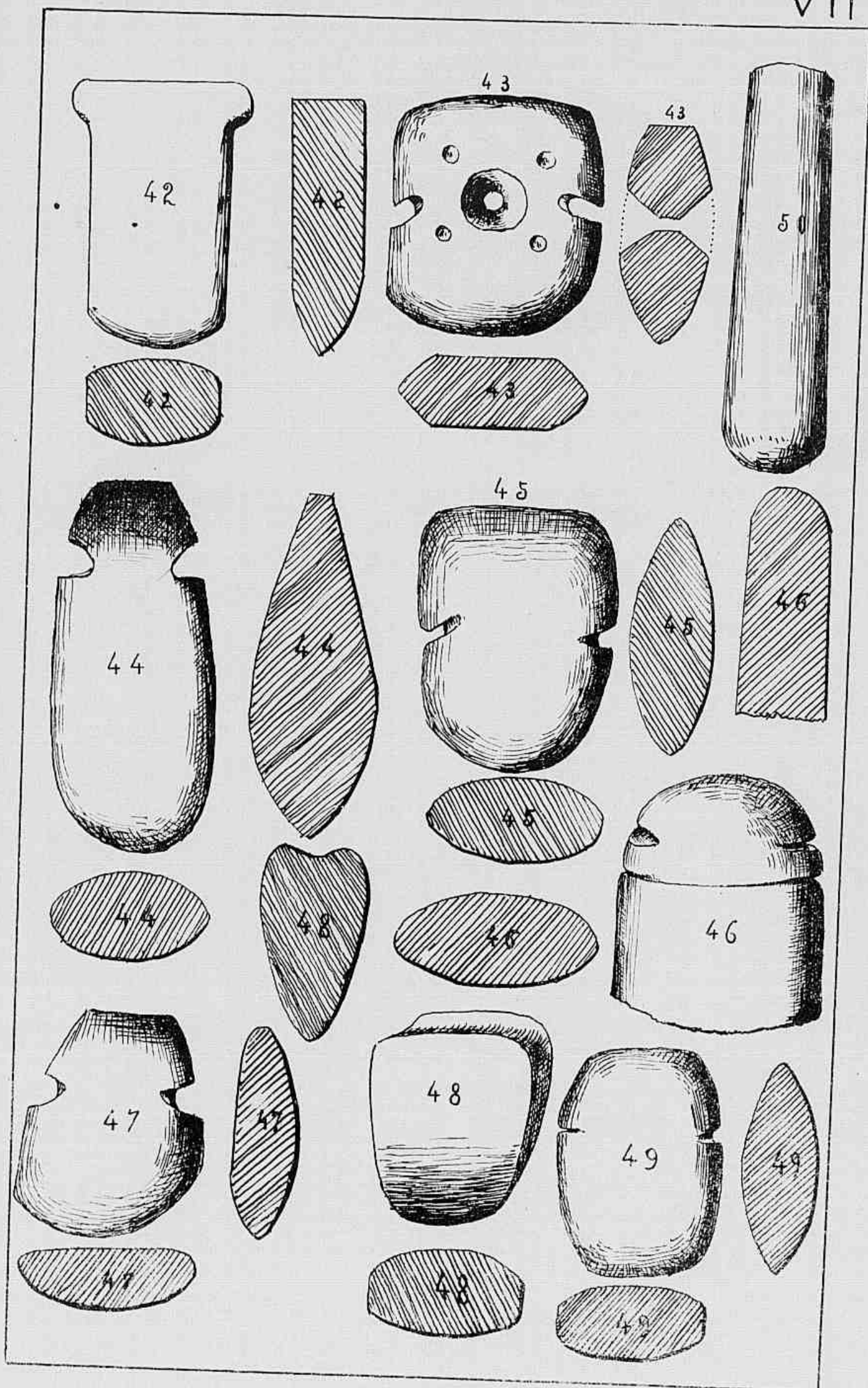
FIG. 38. Machado encontrado em Itaituba. Com esta fôrma encontram-se muitos, medindo maiores dimensões. É a fôrma mais vulgar.

FIG. 39. Representa um machado, unico com esta fôrma que encontrei. É da praia de Uixituba e de diorito polido.

FIG. 40. Representa um machado, empregado com o cabo n. 1 da est. I. É de trapp, perfeitamente polido e com um furo, feito com o berbequim representado na fig. 9.^a da mesma estampa. O furo, como se vê do córte vertical, é feito de um e depois do outro lado.

FIG. 41. Este instrumento, que parece uma pedra de amollar, cujo uso não pude saber, é um dos que nos mostra o gráo de perfeição da arte de então. É tão bem polido, as linhas são tão rectas, as curvas tão bem feitas, que qualquer artista de nossos dias não se envergonharia de ser o seu autor. É feito de schisto.

Desenterrei-o com alguns fragmentos de louça e machados na terra preta da Itapéua, no rio Tapajós.



ESTAMPA VII

FIG. 42. Encontrei este machado, de syenito mal polido, no rio Uauinchá, affluente do Yamundá, proximo ao lugar d'onde desenterei as *ygasáuas* que remetti para o Museu Nacional.

FIG. 48. Este machado, um dos encaixados no alvado do cabo, como representa a est. I, fig. 1.^a, é de diorito polido. Tem um furo que o trespassa e mais quatro principiados, em cada uma das faces. Foi-me offerecido por um tapuyo que habita na costa do Paru, onde o encontrou.

FIG. 44. Este machado, feito de diorito compacto, perfeitamente polido, encontrei-o na serra do Piquiatuba, proximo á cidade de Santarém.

FIG. 45. Pela fôrma distingue-se bem este machado, que encontrei no Rio Negro. É de diorito e parece que applicavam-o no preparo da madeira.

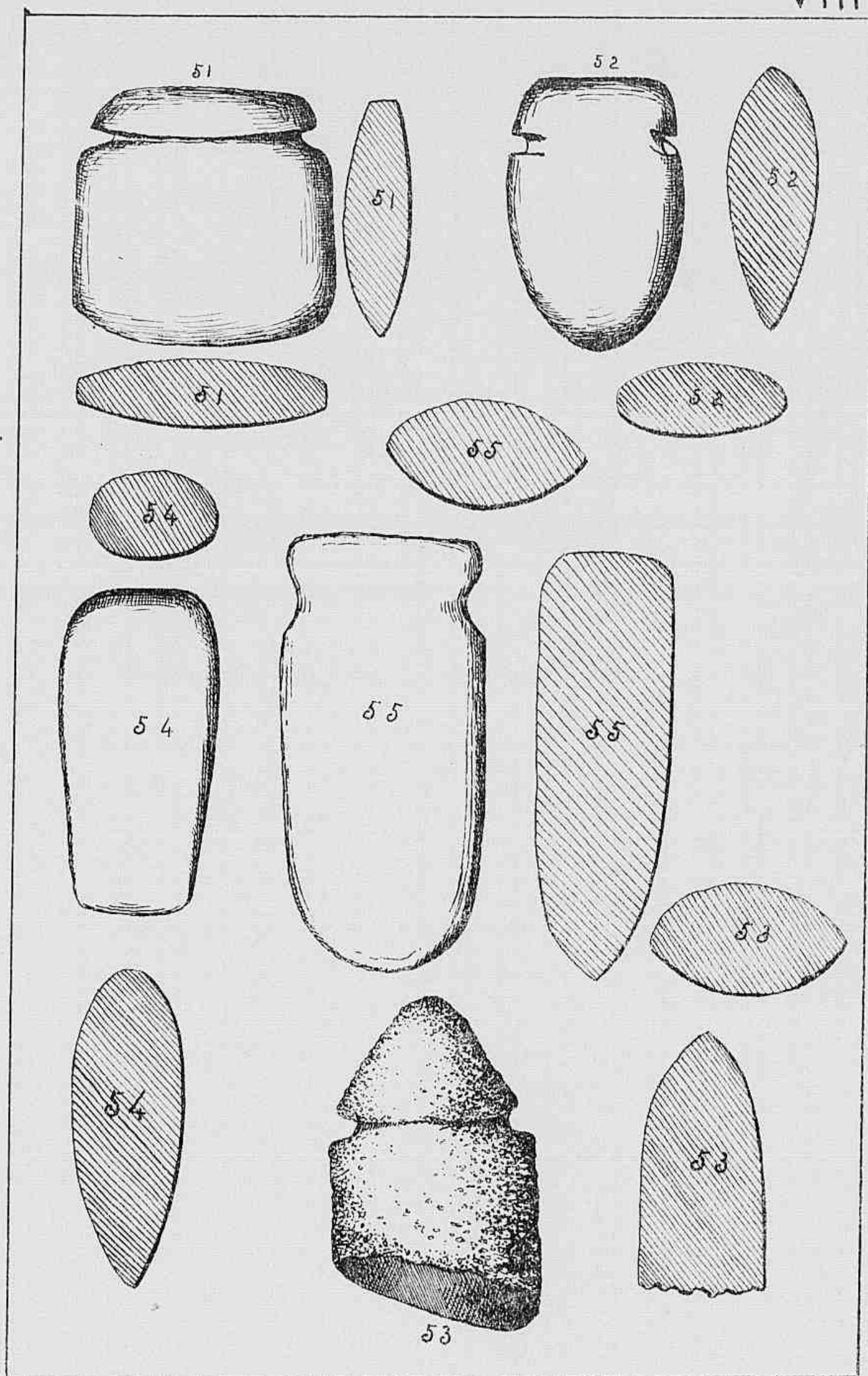
FIG. 46. Representa um fragmento de um grande machado que encontrei no Rio Tapajós. É de diorito muito bem polido.

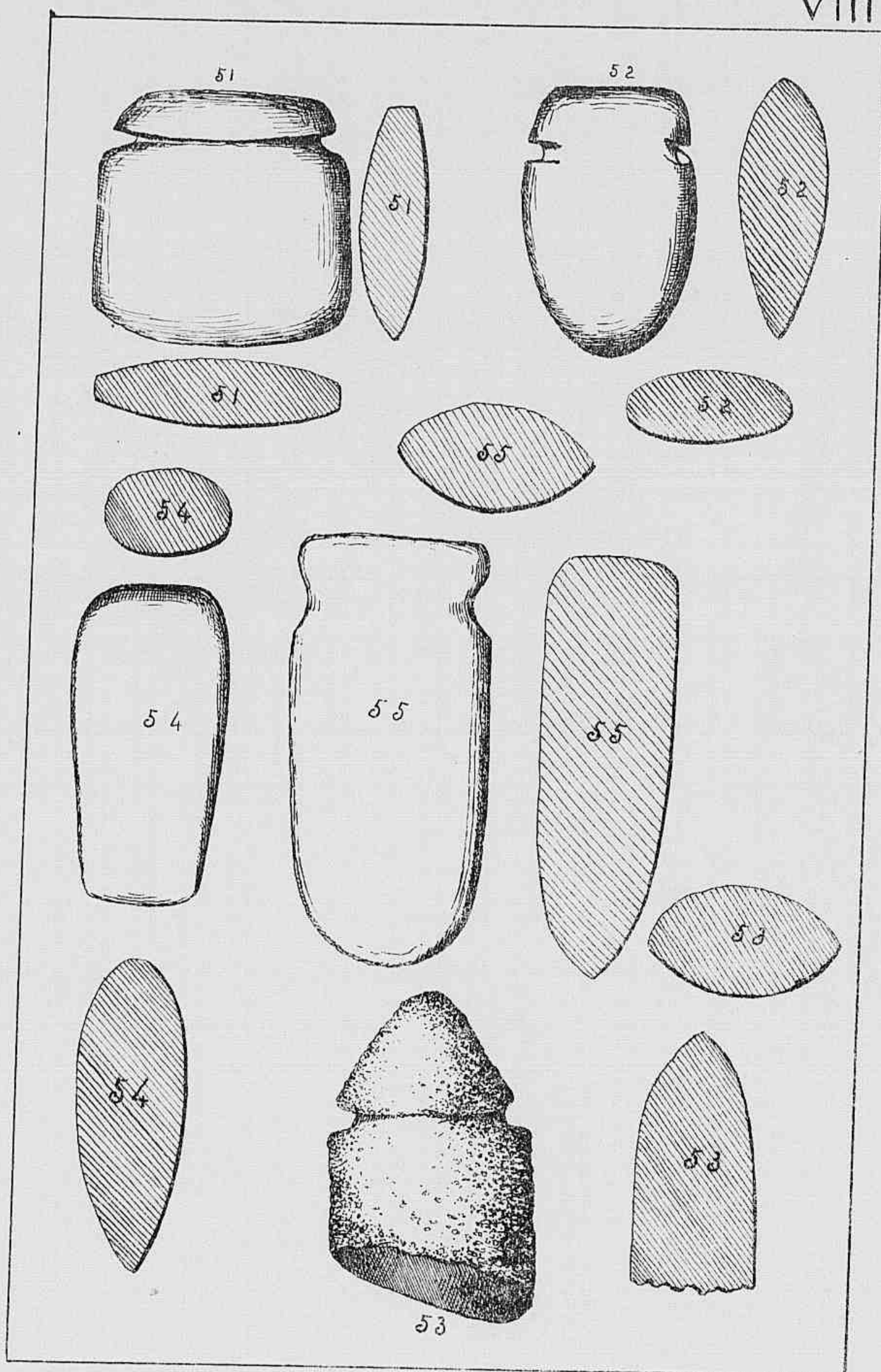
FIG. 47. Foi encontrado no mesmo rio, e é feito da mesma rocha

FIG. 48. É uma das cunhas que empregavam para rachar a madeira, sobre a qual assentavam uma especie de cabo para receber o choque que sobre ella davam. É de diorito e encontrei-a no rio Uatumá.

FIG. 49. Este machado, encontrei proximo a Itaituba. Está um pouco gasto pela acção do tempo. E' feito de diorito.

FIG. 50. Este monolitho representa uma especie de mão de gral, julgo, porém, que tinha outro emprego. Encontrei na tauaquera de S. Raymundo, no Rio Urubu. É uma das reliquias, talvez, da tribu esterminada pelo capitão Costa Favella. E' de diorito.





ESTAMPA VIII

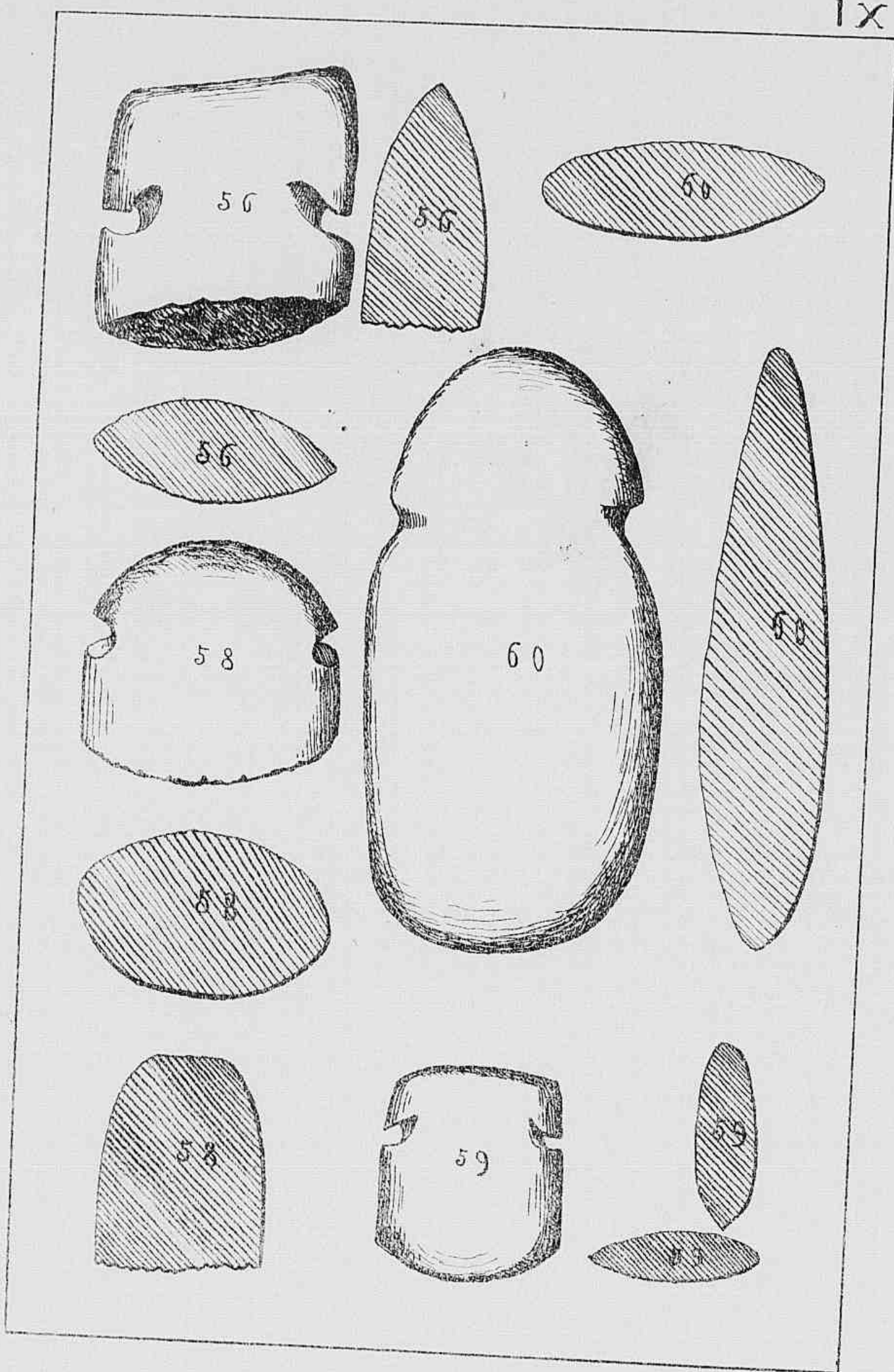
FIG. 51. É um dos machados mais característicos que encontrei pela sua espessura. Foi achado no lago Yuquery-assú, no Rio Trombetas, entre alguns fragmentos de louça, onde deparei com uma cabeça de jacaré de argilla cozida, muito bem feita. É de diorito.

FIG. 52. Ainda é um dos machados encontrados em S. Raymundo. É de trapp perfeitamente polido e muito bem talhado.

FIG. 53. Foi encontrado no costa do Paru e está muito deteriorado pela acção do tempo. É de diorito compacto.

FIG. 54. Parece uma cunha, mas querem alguns tapuyos que seja antes um machado de trabalhar á mão, sem o emprego do cabo. É de diorito, e encontrámol-o na cidade de Obidos, nas proximidades do cemiterio publico.

FIG. 55. Machado empregado nas derrubadas, feito de diorito e encontrado no rio Trombetas, proximo do lago Batata.



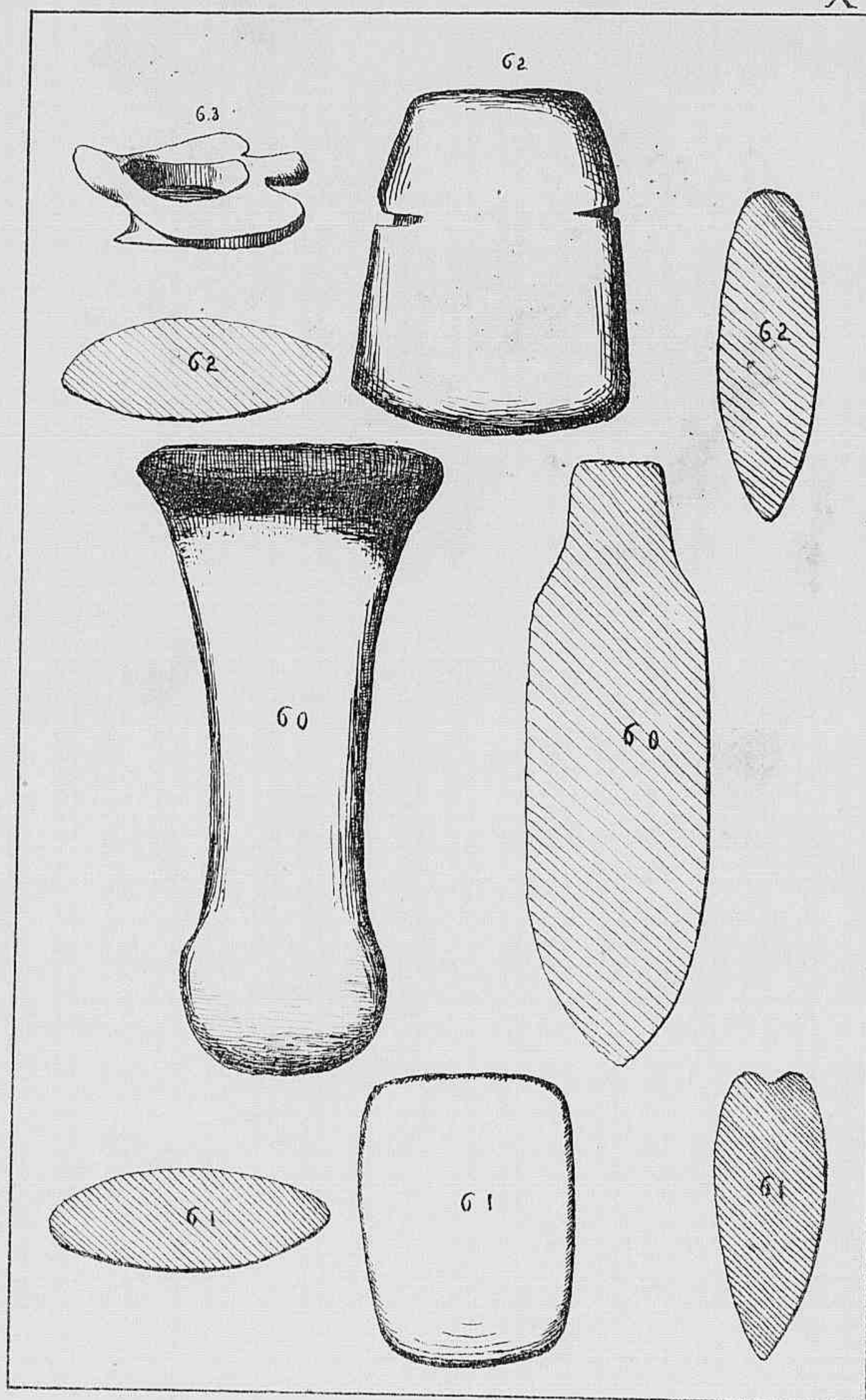
ESTAMPA IX

FIG. 56. Representa um fragmento de um grande machado, de diorito perfeitamente polido e bem trabalhado. Tem uma fôrma elegante. Encontrei tambem no Rio Trombetas.

FIG. 57. Este grande machado, é um dos encontrados nos aterros sepulchraes da ilha de Marajó. É de diorito compacto, e, se bem que seja polido, não tem as fôrmas regulares.

FIG. 58. Fragmento de um grande machado de diorito compacto, encontrado proximo ao Rio Piracaná, no Tapajós.

FIG. 59. Este machado é da mesma localidade e feito de diorito.



ESTAMPA X

FIG. 60. Este machado, unico que encontrei no Rio Capim, é de diorito e parece ser uma das reliquias da briosa tribu Tupy-nambá. Já gasto um pouco pelo tempo, apresenta comtudo fôrmas inteiramente differentes de todos que estudei. É de diorito.

FIG. 61. É uma outra cunha das empregadas com cabo. Encontramol-a no rio Tapajós e é feita de sienito.

FIG. 62. Um dos machados cuja fôrma, parece indicar que só era empregado no falquejo da madeira. É de diorito e encontramol-o na tauaquera de S. Pedro Nolasco, no rio Urubú, dentro do recinto das ruinas do extincto forte que ahi existiu.

FIG. 63. Devo a um amigo, a aquisição d'este utensilio, encontrado na ilha de Marajó, n'um dos aterros sepulchraes. Affecta a fôrma de uma ave, com as azas abertas, tendo o dorso artisticamente excavado, não para servir de *vaso de perfumes*, mas para guardar algumas miudezas das mulheres. Mais de uma razão me leva á assim pensar. Em primeiro lugar, o unico ponto do valle do Amazonas onde se encontram estes objectos é na ilha de Marajó, onde sómente, ainda hoje são fabricados. Na freguezia de Breves, as mulheres fabricam de barro cozido e pintado de côres, objectos como estes, que não só usam para guardar joias, agulhas, alfinetes, linhas, etc., como exportam para o mesmo fim, de maneira que é raro entrar-se n'uma casa de tapuyos sem se encontrar estes objectos. Em Cametá consta-me, que por imitação tambem os fazem. Em segundo lugar, se outr'ora houvesse perfumes que se guardassem em vasos, ainda hoje deviam existir, conservados pela tradicção como são ainda conservados outros usos antigos. É verdade que o povo indigena usa de muitos perfumes, porém, todos são extrahidos de vegetaes, que preparam com agua no momento em que d'elles se querem servir, e nunca guardam. Os perfumes empregados são para a cabeça e mesmo para o corpo, pelo que torna-se necessario uma grande vazilha, que geralmente é uma cuia. Outros perfumes usam, como oleos, porém, para estes o vaso é improprio. Por estes motivos, julgo, que os antigos Nheengaibas, serviam-se d'esses vasos para guardar os seus pequenos objectos preciosos. É de diorito compacto e a figura representa uma sexta parte do natural.